

Academia Guarulhense de Letras

PATRONO CADEIRA ACADÊMICO

João Gualberto de Oliveira	1	Gasparino José Romão
Plínio Salgado	2	Lineu Roque Aceiro
José Martins Fontes	3	João Ranali
João Guimarães Rosa	4	Antonio Lopes Baltazar
Antonio Frederico de Castro Alves	5	Valdir Carleto
José Bento Monteiro Lobato	6	Milton Luiz Ziller
Luis Nicolau Fagundes Varela	7	Flavio Cleto Giovanni Trombetti
Vicente Augusto de Carvalho	8	Aristides Castelo Hansen
Amadeu Ataliba Amaral Arruda Leite	9	Alfredo Ibrahim Khouri
Ennio Chiesa	10	Clarimundo Oliveira Aguiar
Gustavo Corção Braga	11	José Alaercio Zamuner
Otávio Rodrigo Langgaard Filho (Luiz Otávio)	12	José Alves do Carmo
Guilherme de Andrade e Almeida	13	Ari Baddini Tavares
Arlindo José da Veiga Cabral dos Santos	14	Eugenio Shinji Asano
Mario Raul de Moraes Andrade	15	Oscar Gonçalves
Olavo Braz Martin dos Guimarães Bilac	16	Mara Sueli de Lara Martins Carletti Lauri
Cassiano Ricardo Leite	17	Wenceslau Nasari Campos
Cecília Meirelles	18	Antonio Darci Pannocchia
Paulo de Oliveira Leite Setubal	19	Bismael Batista de Moraes
Menotti Del Picchia	20	Cesar Magalhães Borges
Marcus Vinicius Cruz de Moraes	21	José Augusto Rodrigues Pinheiro
Pedro da Silva Nava	22	Armando Attilio Colacioppo Sobrinho
Cornélio Pires	23	Espedito Pinheiro de Souza
Ibraim de Almeida Nobre	24	José Luiz Negreiros
João da Cruz e Souza	25	Isabel Borazanian Macedo de Oliveira
Hildebrando de Arruda Cotrim	26	Clovis Domingues
Pedro Dias Gonçalves	27	(Vaga)
Onofre Leite	28	(Vaga)
Silvio Ourique Fragoso	29	Ângela Maria Andreolli Gonçalves
Jonny Herminio de Melo Doin	30	Plínio Tomaz
José Edinaldo Freitas Couto	31	(Vaga)
Adolfo Vasconcelos Noronha	32	(Vaga)
Laerte Romualdo de Souza	33	(Vaga)
Geraldo Penteado de Queiroz	34	(Vaga)
Néfi Tales	35	(Vaga)
Antonio Filardi Luiz	36	(Vaga)
Norlândio Meirelles de Almeida	37	(Vaga)

Acadêmica Correspondente: Vanda Fagundes Queiroz

Acadêmicos Honorários:

Eloi Pietá

Rafael Rodrigues Filho

Teresinha Silva Maltez de Souza

Gasparino José Romão Filho

Revista da Academia Guarulhense de Letras N°7, Ano VII, 2005

Academia Guarulhense de Letras



Revista N°7, Ano VII, 2005


NAVEGAR EDITORA

www.navegareditora.com.br

ISBN 85-87678-50-7



9 788587 678508



AGL

Na arrancada de mais um ano, renova-se sempre a nossa alegria quando assistimos o surgimento de mais uma Revista, como símbolo do pensamento da nossa Academia.

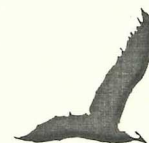
A cada lançamento, no nosso aniversário, parecemos ver, como um novo alento, não só o entusiasmo dos acadêmicos, como na alegria dos nossos familiares e amigos, o incentivo para o seguimento dos nossos trabalhos e, revigorada, a força propulsora do ideal, que sempre nos animou a nobre missão de difundir as

Academia Guarulhense de Letras

Aceita-se permuta.
Exchange is solicited
Aceptamos intercambio
On demanche L'exchange
Man bit ttet um Austausch
Si prega L'intercambio

Revista da Academia Guarulhense
de Letras - nº 7, Ano VII, 2005

Academia
Guarulhense
de Letras



NAVEGAR EDITORA



Copyright © by – Academia Guarulhense de Letras - 2005

Editor: *Rubenal Hermano*

Direitos reservados à Academia Guarulhense de Letras
Comercial Editora Hermano & Bugelli Ltda.

MF - Navegar Editora
Rua Belém, 93 - Belenzinho
Cep 03057-010 - São Paulo - SP
Fone: (011) 6096-8530
Fax: (011) 6096-8530

Internet: www.navegareditora.com.br
E-mail: www.navegareditora@superig.com.br

FICHA TÉCNICA

Projeto editorial: *Rubenal Hermano*
Preparação de originais: *Juliana Hara*
Composição e diagramação: *Editoração VB Santos S/C*
Capa: *Fabio Vicente*
Revisão: *Maria Aparecida Salmeron*

ISBN: 85-87678-50-7

Impresso no Brasil 2005
Printed in Brazil

AGL - Academia Guarulhense de Letras
Correspondência: Rua Alexandre de Oliveira Calmon, 97
Vila Lanzara - CEP: 07115-020 - Guarulhos - SP
Fones: (11) 6409-0098 – 6443-5618 – 6441-0751
Sede: Rua Francisco G. Vasconcelos, 42
Vila Galvão - CEP: 07074-040 - Guarulhos - SP
E-mail: mautezadv@terra.com.br

Presidente - gestão 2004/6:
Armando Atílio Colacioppo Sobrinho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro)

Revista Guarulhense de Letras. - São Paulo:
Navegar Editora

ISBN: 85-87678-50-7

1. Contos brasileiros - Coletâneas
2. Crônicas brasileiras - Coletâneas
3. Ensaios brasileiros - Coletâneas
4. Poesias brasileiras - Coletâneas

02-4942

CDD - 869.9308004

869.9108004

Índice para catálogo sistemático

1. Contos : Coletâneas : Século XXI : Literatura brasileira 869.9308004
2. Crônicas : Coletâneas : Século XXI : Literatura brasileira 869.9308004
3. Poesias : Coletâneas : Século XXI : Literatura brasileira 869.9108004

SUMÁRIO

Ary Baddini Tavares (Apresentação)	9
Antonio Darci Pannocchia	11
Armando Attilio Colacioppo Sobrinho.....	17
Augusto Pinheiro	19
Bismael B. Moraes	33
Clovis Domingues	49
Gasparino José Romão	65
A. Ibrahim Khouri	71
Isabel Borazanian	85
João Ranali	93
José Luiz Negreiros	105
Lineu Roque Aceiro	135
Milton Ziller	145
Plínio Tomaz	163
Valdir Carleto.....	199
Índice Remissivo.....	213
Diretoria.....	215

APRESENTAÇÃO

PROFESSOR ARY BADDINI TAVARES

PLURALIDADE DE ESTILOS

Diversidade de opiniões e pluralidade de estilos caracteriza a sociedade humana, vista por qualquer de suas múltiplas facetas. Na produção literária de uma sociedade que se une exclusivamente pela paixão pelo cultivo das letras e preservação da Língua Pátria, onde a liberdade preenche todos os demais campos de atividade, uma coletânea de criações tem como resultado diversidade, como a das cores do arco íris: do vermelho ao violeta, se compõem em conjunto agradável à vista. Na Revista da Academia a composição é agradável à leitura.

Pudera. A Confraria mistura autodidatas, advogados, jornalistas, poetas, engenheiros, professores e tantos outros que, pela diversidade harmonizam o conjunto. Mistura igualmente mulheres, homens, velhos e jovens, de todas as etnias e origens, desafiando os preconceitos e unindo-os em torno da cultura, da criatividade e da defesa dos valores humanos e, portanto, sociais.

Esta nova edição, construída e distribuída em 2005, chega às suas mãos, caro leitor, para o deleite de sua leitura e, após, a arrogância de merecer somar-se às meritórias obras de sua biblioteca, onde ganhará sobrevida e alcançará o futuro, para memória permanente do instante literário de um magote de idealistas.

ACADÊMICO
ANTONIO DARCI PANNOCCHIA



AVANÇO SOCIAL

*É na própria sociedade que se nota a
diferença da sorte humana
Umam perseguem o valor do princípio da confiança,
outras desprezam até a boa fé dos inocentes*

*Hoje, como ontem, umas tentam professar
fé na pureza do ser humano
Outras, no entanto, com falso sentimento democrático
nada fazem a favor da solidariedade humana*

*Mas nenhuma delas, de verdade, ainda não
sentiu o quanto é importante, na sociedade,
o muito da sorte humana, do pouco que se vive
sob o princípio da confiança e da boa-fé.*

Pelas regras ou normas legais que regulam e disciplinam o comportamento e as múltiplas facetas do ser humano na sociedade em que vive, é que, não raras vezes, se nota o avanço social de uma nação frente ao seu tempo. O progresso e o fenômeno do *bem-estar social* não advêm apenas do direito formal, regular, processual e, menos ainda, da vazia e inútil pregação meramente discursiva dos agentes políticos profissionais, mentirosos e demagogos. Vêm, isto sim, por conta do exclusivo e constante exercício da solidariedade coletiva e democrática, visando, sobretudo, fazer prevalecer os direitos humanos. Desde que, perfilados, par e passo, ao direito natural, por ser este o que se funda na identidade da razão humana, independentemente de lei, regras e normas externas ou do ordenamento jurídico de direito positivo, resultante, tão-somente, da idéia de direito justo como um critério do qual todo direito positivo se aproxima sem esgotá-lo ou conflitá-lo, a fim de transformar o direito dito legal em tentativa de direito justo, produtor máximo da conquista do sentimento da felicidade coletiva da sociedade, ao menos durante o tempo que foi concedido aos seus seres viverem nela.

Exaurindo, assim, com respeito, solidariedade, cooperação e pureza d'alma, seu amor e sua apreciação por tudo e por todos, com segurança e plena confiança no resultado dos mais complexos e diversificados fatos e atos jurídicos formais, constatados e realizados em contínua busca da sempre desejada e nunca negada justiça social, também denominada de progresso. Pois a justiça social aqui pensada, é aquela que proporciona ou oferece condição igualitária a todos os que almejam o progresso e o desenvolvimento da sua organização social, motivados pela liberdade de constante vigilância, solidariedade e cooperação entre eles, em busca de igualdade material e cultural através do esforço individual de cada um deles.

De modo que a sociedade, por mais complexa que venha a ser, não deverá nunca se distanciar do fenômeno social que pousa na verdadeira justiça, para propiciar com extrema dignidade a felicidade dos seus componentes. Aquela que não oferecer condição para a conquista permanente desse valor social,

tenderá a ser sempre uma sociedade injusta, por incapacidade ou omissão dos seus dirigentes, extraídos que são da própria comunidade. As organizações humanas mais modernas estão celeremente avançando em busca de novas regras ou normas jurídicas de direito positivo, para o fim de fortalecer cada vez mais essa virtude entre seus componentes.

A organização social humana que adota em suas regras legais esse princípio, cresce, floresce e passa a produzir inigualável *bem-estar social* para seus componentes, cujo efeito imediato produz e passa a ser a melhor fonte de alimento para uma contínua solidariedade, cooperação e honestidade entre eles, até mesmo em função da preservação desse valor conquistado.

Inúmeros foram e continuam sendo os conflitos ocorridos em algumas sociedades, notadamente nas incultas, por estarem desprovidas de regras objetivas com valores pedagógicos, capazes de, por si sós, incutirem nos seus seios o louvável princípio da confiança e da boa fé, por falta de perceberem o importante elo que se forma, senão o maior, para a propagada e sempre bem vinda paz social e segurança jurídica, cujos efeitos são, comprovadamente, os esteios do desenvolvimento econômico e social que, em última análise, resultam na felicidade humana.

Toda organização social, sem exclusão de nenhuma, se encontra em fase de permanente ebulição das suas normas legais, não obstante algumas resistirem aos novos conceitos fenomênicos, que vão surgindo, rapidamente, por conta da existência de fácil e moderna comunicação no globalizado mundo de hoje, onde novos conhecimentos vão, constantemente, sendo revelados, os quais, de um modo ou de outro, passam a influenciar direta ou indiretamente o geral comportamento social humano.

Curiosamente, nestas últimas décadas do século XX, nenhum ramo do direito sofreu tanta transformação como a área da ciência do direito, notadamente sobre o velho conceito de responsabilidade civil, que é o ponto central e determinante das regras ou normas legais que regulam e disciplinam os compromissos entre as pessoas.

Até bem pouco tempo, as normas gerais que disciplinavam o nosso complexo civil, derivavam da quase centenária Lei número 3.071, de 1º de janeiro de 1916, mas que entrou em vigor em janeiro de 1917, introduzindo no sistema pátrio o Código Civil Brasileiro, hoje revogada. Esse instituto jurídico trazia consigo um tímido e reprimido princípio da confiança e da boa-fé, uma vez que o mesmo vinha no sentido contrário, por admitir sua presença somente quando estivesse ausente a má-fé, o dolo ou a intenção de prejudicar.

Agora, no entanto, com o advento da nova Lei número 10.406, de 10 de janeiro de 2002, substituta e revogadora daquela, por ter introduzido o atual Código Civil Brasileiro, ampliou e deu nova vida ao princípio da confiança e da boa-fé. Isto, após decorridos oitenta e seis anos de inúmeros conflitos havidos ante a ausência dessa valorosa conquista. Não importa o quanto decorrido desse tempo para tanto. Importa, isto sim, que o proveito disso veio no sentido de demonstrar que nossa sociedade avançou, e avançou consideravelmente bem, porque a ciência do direito revelou necessidade jurídica de ser transformado o comportamento humano nos contratos ou nos compromissos entre as pessoas, ao exigir, de modo regrado, sob o princípio da confiança, uma maior e mais direta colaboração e confraternização a fim de diminuir a linha conflituosa, desarmar prevenções e, acima de tudo, prestigiar a boa-fé que deverá reinar entre todas pessoas civilizadas. Causando, assim, paz e segurança que resulta no fenômeno da permanente felicidade social, tal e qual a justiça natural vem direcionando.

O novo Código Civil, em seu artigo 421, fez consignar o seguinte: *“A liberdade de contratar será exercida em razão e nos limites da função social do contrato.”* Para em seguida, já no seu artigo 422, dizer mais: *“Os contratantes são obrigados a guardar, assim na conclusão do contrato, como em sua execução, os princípios de probidade e boa-fé..”*

Muito embora o Código Civil anterior não tivesse desprezado, por inteiro, o princípio da confiança e da boa fé, o novo trouxe, na verdade, um dever, uma obrigação, ou seja, uma exigência direta de cooperação, solidariedade e, sobretudo, o ne-

cessário tempero para aquele consagrado princípio que deve vigorar entre os contratantes, a fim de não ser frustrada a expectativa do negócio jurídico firmado ou do esperado resultado entabulado. Propiciando, assim, eventuais injustiças em face da segurança jurídica objetiva do fato contratado, ou do ato praticado, ou do resultado esperado, o que faz assemelhar-se a mais um degrau para a escada social agora conquistada. Mesmo porque, no nosso direito, a devoção jurídica dada ao princípio da confiança passou a ser regra geral para as partes privadas, como, também, para as públicas.

Uma vez que, o estado democrático de direito exige, para se conter como tal, uma sociedade solidária e honesta, com regras gerais para todos, fixadas pelos seus agentes políticos, bem como, quando necessário, o mandado para o estrito e rápido cumprimento delas pelo judiciário, mas, sempre com embasamento nos princípios constitucionais da dignidade humana.

Agosto de 2005
Antonio Darci Pannocchia

ACADÊMICO
ARMANDO ATILIO
COLACIOPPO SOBRINHO



RESTOS DE PÃO

Nas manhãs, quando eu saía ao meu terreiro,
na calçada esparramado, eu encontrava
no latão, todo o meu lixo, que esperava
recolhê-lo na passagem o meu lixeiro.

Para mim, nesse impacto meu primeiro,
até raivoso quantas vezes eu ficava e,
no meu dia, o desprazer acumulava
de manhã, até à tarde, o dia inteiro.

Mas, um dia fiquei desperto, na espera
a castigar o vil maldoso, quem me dera
encontrá-lo revirando o meu latão.

Encontrei-o! Era um mendigo miserando
que catava na lixeira, separando
como dádiva do céu, restos de pão...

AO LONGE O SOL

Descansa ao longe o Sol na terra que estertora
aos poucos, na descida, os raios que derrama,
quais beijos sobre a mata que ainda se inflama,
na doce despedida, e o dia vai-se embora.

Os raios no Crepúsculo, ao cair da hora,
despedem-se do cerro, qual vulcão em chama.
É o símbolo da vida que in extremis clama
no anseio derradeiro da vida que inda aflora.

E, como o Sol, também, do homem o seu fadário,
no curso do viver, no seu traçado vário,
da vida os ideais, aos poucos, vão morrendo.

Um dia, como o Sol, na tarde que se finda,
despede-se o ideal sonhado, que se conserva, ainda,
nas curvas do caminho do sonho se perdendo.

ACADÊMICO AUGUSTO PINHEIRO



A FORÇA DE UM VENCEDOR *Ter fé é saber 'ler a vida' nas entrelinhas*

Matheus é um guarulhense de dezoito meses. Teve pressa de vir ao mundo e, assim, nasceu de forma prematura no final de 2003. Pesava 1.175 gramas e media 34 cm. O fato de ser hoje um menino saudável é um autêntico milagre. A vida é um milagre. Naquele 11 de dezembro, enquanto eu lançava meu livro "Novo Amanhecer", Matheus consolidava sua aterrissagem no Planeta. Eu ainda não sabia, mas ao nascer ele tornou completa minha existência terrena.

Nós nos conhecemos na sexta-feira, 10, em um abrigo para crianças na zona norte da Capital. Matheus estava tomando suco em uma mamadeira. Quando eu e a Rosana chegamos para o primeiro encontro, o menino parou de ingerir o líquido e, ato contínuo, ofereceu a mamadeira para minha mulher. Amor à primeira vista! O menino ainda engatinha e pronuncia raras palavras monossilábicas. Porém sorri muito.

Matheus está disponível para adoção. Sou candidato a papai dele. Peço a Deus que possamos proporcionar as condições para que o menino tenha um lar repleto de harmonia, paz e amor. Que seus sonhos nunca sejam bloqueados por falta de perseverança; que ele tenha a determinação para ser um homem de bem – íntegro, útil e feliz; que ele jamais esconda sua criança interior; que seus descendentes sintam orgulho em dizer que aprenderam muitas lições de vida com ele.

Eu tenho muito a aprender com você, Matheus. A cada passeio no lago de vila Galvão, quero que você me ensine a correr com liberdade e alegria. Que seu sorriso ilumine as pessoas. Que seus primeiros passos representem a vitória da vida. Você é um grande vencedor. Papai acredita em seu potencial e o ama. Quero dizer-lhe isso todos os dias, enquanto eu tiver o privilégio de desfrutar de sua companhia. Muito obrigado por valorizar minha jornada na Terra. Bem-vindo ao seu novo lar. E que Deus o abençoe, meu filho.

O DEVER DE SER HONESTO

Cidadania é, também, o cumprimento das leis

O maior bem que meus pais me concederam foi a honestidade. Não faço questão de coisa alguma que não seja minha. Sou capaz de encontrar uma cédula perdida, aguardar que alguém reclame; caso ninguém se pronuncie, faço uma doação daquele valor para um trabalho filantrópico. Nós, brasileiros, somos assim: honestos, solidários e altruístas.

Porém acompanho com bastante apreensão a crise política que tem ocupado o noticiário dos jornais nas últimas semanas. O que parecia ser uma simples denúncia do pagamento de propina a um funcionário dos Correios, tornou-se um escândalo sem precedentes na história política nacional. Qual a razão disso,

se podemos escolher os nossos administradores nas três esferas de governo, por meio do voto? Só isso, portanto, parece ser insuficiente.

Para entender o problema da relação entre corruptos ativos e passivos cabe o mero palpite de que esse mal sempre assolou o nosso povo: começamos nossa história com uma colonização extrativista; passamos pela fuga para o Brasil do rei de Portugal D. João VI; excursionamos pelo Império e a derrama, e chegamos aos 116 anos de República.

Apesar do contexto histórico, sempre é tempo de consertar uma situação. O momento chegou. É agora. De nada adianta criticarmos os políticos deste país, se no dia-a-dia também cometemos nossos “pequenos” deslizes, e tentamos contorná-los com desculpas sem fundamento ético e moral (sim, isso também acontece conosco!).

Existem, felizmente, vivas esperanças no horizonte. Nesta sexta-feira, 8, a partir das 10h, será realizado na OAB um ato contra a corrupção e por mudanças na política econômica. O endereço é rua Luiz Faccini, 394 – Centro. Concluído o ato, haverá uma passeata por ruas da cidade. Participe, leve seu entusiasmo e energia positiva. Só podemos melhorar o Brasil a partir da contribuição de cada um de nós.

COLHENDO SEM TER PLANTADO

É ótimo ganhar presentes, ainda que ‘pareça’ faltar mérito

Stephen Covey, em seu livro *Os 7 Hábitos das Pessoas Altamente Eficazes* escreve que “de tanto colhermos onde não plantamos, esquecemos da necessidade de continuarmos plantando”. Eu tenho colhido muito em lugares onde tenho certeza de nada ter semeado, porém quero continuar grato à vida, plantando boas sementes onde me for possível.

Na semana passada, colhi ótimos frutos. Um homem de nome Patiri, com quem eu conversara não mais de três vezes, presenteou-me com CDs, cujo teor são gravações antigas de um saudoso locutor de rádio. Hélio Ribeiro terminou sua missão na Terra em 2000, mas deixou uma legião de fãs. Eu sou um deles.

A gravação tem momentos históricos do rádio brasileiro. Eu ainda era um pré-adolescente quando ouvia o programa “O Poder da Mensagem”, na rádio Bandeirantes de São Paulo. Lembro-me, com carinho, de sair do ginásio Homero Rubens de Sá, ao meio-dia, e correr para casa. O objetivo era chegar o quanto antes para ouvir aquelas palavras de imensurável sabedoria. O programa esbanjava qualidade.

Outra pessoa muito importante em minha vida – meu irmão João Paulo – também ficou imensamente feliz com os CDs. No dia 2 de junho, ele completou cinqüenta anos. Viveu, de forma intensa, a época dos Beatles, do Santos de Pelé e do rádio feito com amor e dedicação. Sábado, 4, minha família participou de confraternização em sua casa. Num ambiente de grande harmonia, comemos carne e os pães fabricados pelo meu pai. Foi um dos dias mais felizes da minha vida. Os Pinheiro recuperaram o sabor da alegria por estarem juntos. E, de novo, eu colhi onde não plantei.

UM EXEMPLO DE RESILIÊNCIA

Computador com crise existencial é uma prova de fogo

Quando comecei a compor textos jornalísticos, usávamos a boa e velha máquina de escrever. O processo era mecânico e, claro, suscetível a erros. E como! Entre uma rasura e outra, o revisor colocava uma série de sinais no papel, indicando que o

primeiro parágrafo devia ser o último, que uma palavra estava grafada com ‘s’ quando devia ser com ‘z’, e assim por diante.

Nos tempos modernos, o computador tornou-se o melhor companheiro dos jornalistas. Tudo é muito prático. O papel foi substituído por uma tela igualmente de cor branca no início do trabalho. Anexamos o verbo deletar ao nosso vocabulário, que já incluía ações como “copiar” e “colar” – mas com outros significados. Existem os arquivos que armazenam o trabalho de anos, ou de minutos que sobram entre uma tarefa e outra (para aproveitarmos o tempo). O problema é quando dá pane no micro.

Pois bem, na semana passada, o computador da jornalista Lourdes Dias entrou em crise existencial e apagou – literalmente. O nosso bom amigo Thiago Silva tentou uma de suas pajelanças tecnológicas, porém nenhum sinal de vida foi observado. Assim, nada mais restou senão apreciarmos a forma serena com que a Lourdes lidou com aquela situação. Era dia de fechamento de edição do jornal e de entrega do artigo semanal, mas esses fatos não a fizeram esmorecer. Usando outra máquina, ela escreveu com agilidade e entusiasmo. Aplausos para a Lourdinha, que ela merece!

O que a jornalista empregou foi a resiliência, que é definida como a capacidade de resistir a pressões. Essa postura de ser flexível ao extremo e de não perder a calma em momentos de tensão é algo cada vez mais valorizado no mercado de trabalho. A Lourdes seguiu à risca um dos mandamentos dos resilientes: “não perca tempo com reclamações; procure solucionar o problema”. A saúde e o patrão agradecem pelo esforço.

SANTOS DE CASA E SEUS MILAGRES

Há muito talento nas artes guarulhenses

Nasci e resido na vila Galvão, perto do Lago dos Patos. No fim de semana passado reiniciei, pela 300ª vez, a minha seqüência de caminhadas diárias. Esse hábito tão saudável tem um atrativo a mais: observar as características do local, que, além de oferecer uma paisagem bucólica, ainda traz a melhor expressão da cultura e da história de nossa cidade. Passear no lago é como empreender uma viagem ao passado.

Ao meu passado, pois foi às margens do lago, no Grupo Escolar José Alves de Cerqueira Cesar, que aprendi as primeiras letras. Hoje, na parte superior do Centro de Exposições Permanentes Professor José Ismael, participo de reuniões mensais com meus confrades da Academia Guarulhense de Letras. No entorno do lago, temos ainda um teatro – que abriga uma escola de artes cênicas –, museu de artes naturais, museu histórico, praça de esportes, área para eventos e convescote.

No programa de rádio “Olho Vivo no Ar”, temos recebido diversos artistas da cidade. Já entrevistamos várias pessoas ligadas à música e às artes. Queremos divulgar os eventos da cidade, incentivando o público a enxergar Guarulhos como uma opção de lazer cultural. Na quinta-feira, 12, por exemplo, recebemos o guitarrista Armando Leite. Ele se apresentou no Adamastor três dias depois. Eu estive lá e pude conferir o show. Cerca de sessenta pessoas fizeram o mesmo. Ao lado de Leite, estavam os músicos Élder Jonas, Éder Luiz e Verônica Pires.

No mesmo domingo, 15, muitos outros eventos aconteceram na cidade. A maior parte deles foi divulgada no jornal Olho Vivo, no site Olhão.com (www.olhao.com.br) e no programa da rádio “Vic FM – 87,5 Mhz”. Levanto agora a bandeira da cultura em Guarulhos. Vamos enaltecer o valor de nossos artistas. Há muita gente talentosa nesta cidade. Aos amigos da arte guarulhense, o meu mais caloroso e merecido aplauso.

MUITAS LIÇÕES EM TRÊS DIAS

Concentração no tempo presente gera efetiva evolução

Entre sexta-feira, 6, e domingo, 8, ocorreram muitas circunstâncias interessantes. De todas elas pude extrair boas doses de lições de vida. Tudo começou com a visita ao Lar Portal da Esperança, onde fui obter informações para uma matéria para o Olho Vivo. O intuito do texto foi incentivar pessoas cujo coração estivesse transbordando de amor a compartilhá-lo com os maravilhosos pacientes de casas do gênero. Ao conhecer o casal Vitorino e Lourdes, unidos há 64 anos, caminhando abraçados, minha emoção aflorou. Ainda que por um instante, penso ter conseguido compreender a essência do que um sente pelo outro.

No sábado, durante o programa de rádio, eu e a Marisa Pulsone entrevistamos o ilustrador de livros infantis Jotah - que também homenageou sua mamãe e, ainda, uma outra senhora que teve forte presença em sua formação. À tarde, fui ao Centro Espírita Joanna de Angelis apresentar uma palestra para senhoras que, mensalmente, recebem a doação de cestas básicas. Fiquei impressionado com a forma como os presentes participaram ativamente, respondendo aos meus convites à reflexão sobre as maneiras de trabalharmos a auto-estima, e de como podemos nos portar em sociedade. O público me alegrou também com palavras de sabedoria, pronunciadas em momentos cruciais da apresentação.

No domingo, fiquei com as minhas mães Anna e Rosalina. Foi ótimo conviver algumas horas com os entes queridos, em um ambiente de intensa harmonia e de saudável alegria. No início da noite, fui assistir à palestra de Amílcar Del Chiaro Filho, com o tema “A história de uma folha” – uma metáfora sobre nossa existência terrena. Del Chiaro lançou recentemente o livro Lições de Sabedoria Universal. Não resisti:

adquiri a obra. Na capa, a ilustração de uma abelha captando o néctar de uma flor. Creio ser esta imagem a síntese dos três dias tão marcantes para mim.

BRAVO, MAESTRO!

A boa música é um enlevo para o espírito...

Quinhentas vozes em uníssono. Esse foi o espetáculo que assisti no sábado, 30/10/04, no Palácio das Convenções do Anhembi, na comemoração dos 200 anos de nascimento de Allan Kardec, francês que, comunicando-se com seres de Luz, deu origem à Doutrina Espírita. Cerca de 15 pessoas estiveram presentes durante as mais de doze horas de evento. O mestre de cerimônia foi o simpático ator global Odilon Wagner.

Para nós, guarulhenses, houve mais uma razão de alegria: quem coordenou os ensaios e a apresentação conjunta dos diversos corais da Grande São Paulo foi o maestro Armando Atílio Colacioppo Sobrinho. Semanalmente, ele já se reúne com um grupo de cantores no Centro Espírita Joanna de Angelis, de Vila Rosália; além de conduzir o Coral Integração, da Fig. Por sua experiência e dedicação, recebeu o convite para tão especial incumbência. Ao final, o público ficou de pé para ovacionar o excelente trabalho. Dezenas foram abraçá-lo.

Há 41 anos, o maestro Colacioppo fundou e dirige o Conservatório Musical de Guarulhos. Com suas atitudes leves e cordiais, seduz a todos que o conhecem com palavras melodiosas, gestos pautados por alto grau de amor, e notas de carinho e atenção. De forma pródiga, ele distribui seu belo sorriso, como uma autêntica clave de sol. Não mede esforços para melhorar o dia de quem o procura para conversar – e é sempre bem-sucedido.

Durante a apresentação no Anhembi, o maestro pôde reger o público que, com emoção, cantava e acenava lenços brancos, previamente distribuídos. Indagado pelo ator-apresentador quanto à dificuldade em reunir tantos corais e transformá-los em um único grupo coeso, o maestro afirmou: “Com a vibração positiva emanada pela maravilhosa platéia, tenho certeza de que o resultado será do agrado de todos”. E foi. Bravo, maestro!

METÁFORAS FUTEBOLÍSTICAS

Em grupo coeso, o sucesso é uma questão de tempo...

O Mestre Jesus Cristo comunicava-se por meio de parábolas, por entender que um exemplo vale bem mais que mil palavras. É dele a frase “Amarás a teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22.39). Nosso presidente, Lula da Silva, transmite seus pensamentos utilizando-se de metáforas futebolísticas. Disse ele, na semana passada: “O ministro da Previdência é bom jogador, apenas perdeu um pênalti”. Cada um tem o seu estilo de retórica.

Volto ao tema de 21/1/2003 (“Palmeirenses, uni-vos”), para expressar uma convicção. Naquele texto, eu mencionei a necessidade que temos de unir forças quando a situação requer atitude firme de reconstrução. Disse também que em grupo coeso, sem individualismo, o sucesso é apenas uma questão de tempo.

No ano passado, o Palmeiras caiu para a Série B do Campeonato Brasileiro. Porém, torcedores, dirigentes e jogadores não esmoreceram. Foi montado um esquema para voltar para a elite do futebol nacional e o resultado foi o melhor possível. Além do título e do acesso, o Palmeiras pode apresentar números veementes: média de público nos estádios de 16.850 pagantes (54% a mais que o Corinthians, que está na Série A);

72,7% de aproveitamento de pontos em 2003 - melhor índice do país; e média ofensiva de 2,24 gols/jogo, a melhor nas Séries A e B.

Assim como no esporte, no cotidiano também é muito mais fácil vencer quando existe compreensão, solidariedade, união de esforços e – principalmente – amor fraternal. Diante de dificuldades, o melhor caminho é orar pedindo iluminação a Deus. Quando virmos um amigo enfrentando um período de turbulências, ofereçamos uma palavra de apoio. Nas duas situações, estaremos aprimorando a qualidade de nossa estratégia no fascinante jogo da vida.

DE VOLTA AO COMEÇO

*A cada dia, um novo começo; a cada manhã,
um novo destino a ser traçado...*

Segundo os grandes historiadores, no dia 5 de fevereiro de 1963 nada de significativo ocorreu no mundo. Teoricamente, portanto, um dia como outro qualquer para a humanidade. Porém, para os jovens Paulo e Anna Pinheiro, do bairro de Vila Galvão, a data não passou despercebida. Afinal, a cegonha fez uma visita à avenida Santo Antonio e ali depositou o terceiro filho do casal, registrado com o nome de José Augusto (homenagens ao avô paterno e ao padrinho, nessa ordem).

Se é verdade que a vida começa aos 40 anos, então estou completando hoje meu primeiro dia de vida. Ótimo! Voltei a ser um bebê. Com a vantagem de me lembrar do que aprendi nos últimos 480 meses. Ou seja, eu posso provar para minha exigente consciência que cada um dos 14.610 dias que já vivi aqui na Terra tiveram o mágico poder de me fazer errar menos.

Napoleon Hill (1883 – 1970), escritor norte-americano, escreveu em seu livro “Pense e Enriqueça” que a fase mais produtiva do ser humano acontece no período dos 40 aos 60. Espero que o texto esteja certo, pois passarei os próximos vinte anos nessa faixa etária, buscando um espaço no mercado de trabalho que me permita ser um bom modelo para os mais jovens e – quem sabe – prestar convincente assessoria aos mais experientes.

Do que aprendi até agora, tudo pode ser resumido neste preceito: viver um momento por vez; com moderação, sem ansiedade. Este é o ideal. A cada dia, um novo começo; a cada manhã, um novo destino a ser traçado. Se pudermos concentrar os nossos melhores esforços no dia que estamos vivendo, nada poderá impedir de alcançarmos o maior presente do mundo: a paz interior. E, assim, conquistarmos a verdadeira felicidade.

Para sempre!

ALMOCEI COM 1,5 REAL

Eu almocei por R\$1,50, em Guarulhos, no dia 22 de junho de 2001; convertido pela cotação do dólar do dia, paguei algo em torno de US\$0,60 pelo prato de comida. Eu sei que a primeira impressão é a de que, por um preço desses, a qualidade deve andar longe de tal restaurante. Errado!

Trata-se de uma excelente surpresa. O ponto comercial funciona em pleno centro de Guarulhos (dom Pedro II, 334), emprega funcionários atenciosos, fornece quase mil refeições/dia e – ainda – agrada ao mais refinado paladar, pois a comida é feita com esmero, alegria, e amor ao próximo.

Assim é o restaurante *Hora do Almoço - Almoço da Hora*, de propriedade de Maciel Minelli. Com um ar de nostalgia para

uma pessoa de origem humilde, como eu, o salão onde são servidas as refeições não ostenta quadros de pintores famosos, nem possui maître ou garçons bem vestidos. A simplicidade ornamenta o ambiente.

Os clientes são pessoas comuns que, como todos os filhos de Deus, desejam alimentar-se com atenção e carinho. O preço quase simbólico deixa, a princípio, qualquer um ruborizado. Para completar, Maciel ainda diz: “Por R\$2, você toma também um suco natural”. O sorriso nos lábios do empresário é cortesia da casa.

Vale a pena sentar-se à mesa do “Almoço da Hora” e conversar com as pessoas que, conosco, compartilham do mesmo espaço. São histórias de luta, de dificuldades, de fé; mas, principalmente, histórias que ensinam a arte da esperança. Quem almoça lá são os vencedores. Eles vencem os obstáculos do dia-a-dia e não têm orgulho em almoçar por tão pouco.

Hoje, 25 de junho, voltei e saboreei mais um pedaço de frango frito sobre um “baião-de-dois” (arroz e feijão). Tudo delicioso. Huummmm! Tive a honra de almoçar com a jornalista Lourdes Dias, feliz da vida porque o jornal de Cumbica foi reeditado. Ela escreve as matérias e assina um e artigo quinzenal.

Foi ótimo conhecer o Paulo César, um jovem em busca de uma colocação profissional, que fará o exame para a Polícia Militar (e garante que irá passar). Foi fantástico, também, ouvir as histórias do pequeno Edivan, de 14 anos, que há quatro, trabalha nas ruas do centro de Guarulhos.

Outras histórias virão, de pessoas especiais como a Lourdinha, o Paulo César e o Edivan. Entre uma porção de arroz, feijão e frango frito, muito se aprende. É só abrir a mente e o coração para exemplos de trabalho, de perseverança e simplicidade; como os de Maciel Minelli e sua família.

ETERNO DIA DOS PAIS

Não deixe para amanhã o abraço que você pode dar hoje...

No próximo domingo, 10, será comemorado o Dia dos Pais. Será uma excelente oportunidade para a família se reunir e confraternizar-se em torno dessa figura singular. Presente em nossas vidas desde o momento supremo da concepção, o pai verdadeiro é aquele que participa ativamente da vida de seus filhos, dando a orientação e o amor necessários para permitir um futuro de alegria para seus descendentes.

Contudo, não creio ser necessário aguardarmos uma data específica para retribuirmos, ainda que parcialmente, as inúmeras oportunidades de aprendizado que esse grande homem nos proporcionou. Ele esteve presente ao lado de mamãe durante o período de gestação; levantou-se de madrugada para procurar uma “enigmática” fruta ou um prato exótico para saciar certos desejos; promoveu inúmeras mudanças em sua rotina diária para aguardar nossa chegada.

Após o nascimento, lá estava ele novamente ao lado de sua amada esposa, acompanhando nossos primeiros choros; trocando e lavando fraldas; medindo a nossa temperatura e, por vezes, transportando nosso corpinho em constante crescimento para tomar vacinas; para aprender a ler, a escrever e a dominar os números; para procurar o primeiro emprego; para os primeiros olhares de romantismo...

Sou um felizardo, pois tenho um excelente papai aqui na Terra. Paulo Pinheiro nasceu em Nazaré Paulista, foi um padeiro de mão-cheia (ainda faz pães deliciosos), tem 75 anos e sabe sorrir como poucos. Há alguns dias, ele se submeteu a uma cirurgia na qual precisou extrair a vesícula – que já estava com o prazo de validade vencido. Graças a Deus, meu pai passa bem. Peço sua bênção, hoje e sempre! Feliz dia, pai.

ACADÊMICO
BISMAEL B. MORAES

Mestre em Direito Processual pela USP, advogado, professor universitário e da Academia de Polícia Dr. Coriolano Nogueira Cobra de São Paulo, é ex-Presidente da Associação dos Delegados de Polícia do Estado de São Paulo e autor, dentre outros, do livro "Prevenção Criminal ou Convivência com o Crime – Uma Análise Brasileira" (Editora RT, SP, 2005).



HERMENEUTAS CORPORATIVOS
E OUTROS VÍCIOS

1.Introdução. 2.Realidades sociais, juristas éticos e holofotes. 3.Ordem ou requisição da "mera peça"? 4.Ética profissional. 5. E a balança da Justiça? 6.Deformações institucionalizadas. 7.Uma pergunta instigante. 8.Notícia de uma decisão. 9.Hermeneutas corporativos? 10.Notas bibliográficas.

1. INTRODUÇÃO

Psicológica e/ou filosoficamente – quem sabe? –, poderíamos analisar o ser humano como sendo toda pessoa nascida de mulher e dotada de **inteligência, vontade e senso moral**. Pela **inteligência** ele se diferencia do bruto irracional, distingue o certo do errado, passa do conhecido para o desconhecido, na busca do progresso e do equilíbrio; por intermédio da **vontade**, ele desperta para a satisfação e os prazeres, às vezes, instintivamente, como qualquer animal; mas é pelo **senso moral**, ou a conscientização do bem, que ele domina sua **vontade**, controla sua **inteligência** e torna-se o senhor dos seus pensamentos, palavras e atos. A falta da **consciência moral** faz do ser humano o pior predador do seu semelhante e um permanente desorganizador da harmonia social.

Todos sabemos que a justiça, dentre os atos realizados pela inteligência humana, é imprescindível ao equilíbrio social. E não pode haver justiça sem base em comportamento ético para o bem. Entretanto, pelo que se repete com certa intermitência, parece-nos que, para determinados juristas, o direito existe mais para encobrir preconceito do que para materializar a verdadeira justiça. Senão, vejamos.

2. REALIDADES SOCIAIS, JURISTAS ÉTICOS E HOLOFOTES

Se a escola de Direito o ensina, eventualmente, com deficiência, sem atentar para as realidades sociais de cada povo, para razões de colonização, de língua, de história, de religiões, de costumes, de características próprias, nem se aprofunda, por exemplo, no que escreveram sobre Inquérito Policial e a Polícia Judiciária, dentre outros, grandes juristas éticos como **João Mendes de Almeida Júnior** (que foi Catedrático de Direito Judiciário Penal e Ministro do STF), **Eduardo Espínola Filho**

(que foi Professor de Direito Processual Penal e Desembargador do antigo Tribunal de Justiça do Distrito Federal), **Antonio de Paula** (Professor de Direito e Desembargador do TJPR, que escreveu o livro *Do Direito Policial*, Editora A Noite, RJ), **Joaquim Canuto Mendes de Almeida** (que foi Procurador de Justiça e Professor Catedrático de Processo Penal da Faculdade de Direito de São Paulo), **Hélio Bastos Tornaghi** (Professor de Processo Penal da Universidade do Rio de Janeiro) e, mais recentemente, o pranteado **Sérgio Marcos de Moraes Pitombo** (Doutor em Processo Penal, Professor dessa matéria na Faculdade de Direito da USP, advogado e Desembargador do TJSP), então, parece compreensível que os juristas preocupados, de fato, com o bem da sociedade, fiquem reticentes e desconfiados...

E não são apenas juristas neófitos que, por falhas da própria universidade (em particular, no estudo do Direito), vão armazenando como “certo” o que, ética e logicamente, está **errado**; a imprensa, também, ávida pelos choques entre categorias – “quem pode mais, manda mais” –, embora deformando a história e a lei, tem sido pródiga em holofotes para as autoridades vaidosas, que “falam pelos cotovelos”...

3. ORDEM OU REQUISICÃO DA “MERA PEÇA”?

Para confirmar a nossa desconfiança, basta um confronto sério entre as obras daqueles nobres juristas, antes nominalmente citados, e vários “Manuais de Processo Penal” que vêm sendo editados, nos últimos 40 anos ou mais, bem como uma vista d’olhos sobre alguns julgados dos nossos tribunais, relatados por profissionais formados com “certos manuais” que falam de “**determinação**” e não de **requisição** para instaurar Inquérito Policial, essa “mera peça informativa” !!!

Só pode afirmar que o Inquérito Policial seja “**mera peça informativa**”, procurando desvalorizá-lo como procedimento

de apuração investigatória formal (porque tem base no Código de Processo Penal e em leis especiais, com raízes na própria Constituição Federal), quem não o conheça efetivamente (por não tê-lo estudado a fundo), quem pretenda desdenhá-lo com segundas intenções ou – o que é pior e lamentável – quem, deliberadamente, esquecendo a Constituição, a lei processual penal e a própria história (que é ciência e não mente), numa espécie de “jurisprudência corporativa”, contrariando tudo o que deveria ter aprendido sobre o Direito e a Justiça, pretenda apenas denegrir ou menosprezar os atos de competência da Polícia Judiciária (esta existente em todos os cantos da Terra), por **mero** preconceito à instituição policial e às suas autoridades!

A propósito, dentre os acórdãos que tratam o Inquérito Policial como “**mera** peça informativa”, ou “**mero** procedimento administrativo” ou peça de “**mera** informação”, podemos citar aqueles em “HC” perante o STJ (cf. RT 749/553); em “HC” junto ao STF (cf. RTJ-145/802); em “HC”, também perante o STF (cf. DJU, 04/12/1998), bem como em decisões de tribunais dos Estados e nos “ensinamentos” de cerca de 60% dos “Manuais de Processo Penal” editados nos últimos 40 anos, no Brasil. Basta pesquisar.

Assim, sob o ponto de vista da jurisprudência, seria aconselhável que os interessados pesquisassem no criterioso trabalho coordenado pelos magistrados Alberto Silva Franco e Rui Stoco¹, que registra alguns acórdãos, quando trata da **Requisição de abertura de Inquérito**, dos quais destacamos os seguintes trechos (com grifos nossos): “... Não havendo subordinação da Polícia Judiciária ao Poder Judiciário ou ao Ministério Público, não podem esses **ordenar** à autoridade policial a instauração de inquérito. Devem, por isso, **requisita-la**, pedi-la. Tal não significa, entretanto, que a **requisição** possa

¹ Franco, Alberto Silva/Stoco, Rui – coordenadores – “Código de Processo Penal e sua Interpretação Jurisprudencial”, Editora RT, v. I, p. 915/6, SP, 1999

ser desatendida. (...) Apenas esse dever não decorre de qualquer *status subjectionis* da Polícia ao Juiz ou ao MP, que não têm nenhum direito subjetivo neste caso, mas é dever de ofício.” E no mesmo tópico da obra, mais adiante, temos: “Embora inexista **subordinação** da Polícia Judiciária ao Poder Judiciário ou ao Ministério Público, não podendo, assim, qualquer deles **ordenar** à autoridade policial a instauração de Inquérito, pode, contudo, **requisita-la** à autoridade policial...”

Seria, ainda, conveniente que tais interessados verificassem, também, trecho do acórdão em Mandado de Segurança, cujo relator foi o Ministro Vicente Cernicchiaro, do STJ, (cf. RT 734/664), quando esse magistrado escreveu que “**o exato significado jurídico do inquérito só é conhecido de técnicos**”. (grifos nossos). Poderiam ler, ainda, o que registra a obra citada acima², quando o juiz Luiz Viel, relatando acórdão, diz: “O inquérito policial é um procedimento investigatório, informativo, de natureza inquisitorial. Serve de orientação para o titular da ação penal. Não quer isso dizer que o inquérito policial não tenha utilidade para o juiz e até para a sentença (...). Pode até a sentença escorar-se em informação do inquérito – pois há atos não necessariamente repetíveis na instrução, como as perícias e a busca de apreensão”.

4. ÉTICA PROFISSIONAL

Uma das fundadoras da **Associação Juízes para a Democracia**, a ilustre magistrada Kenarik Boujikian Felipe³, escreveu: “Perplexidade, ironia e indignação são sentimentos que atingem vários juízes, ao lermos a reportagem ‘liminar obriga a tratar juiz de doutor’. O fato revela que, no Brasil, alguns são mais iguais que outros – o que é chamado por Marcelo Somer

² Mesmos autores e obra 1, p. 40.

³ Felipe, Kenarik Boujikian – Folha de S.Paulo, 14.11.2004, p. A3.

de 'síndrome dos desiguais'. Essa 'doença' se materializa de diversas formas: existência de Justiça Militar, imunidades parlamentares e colonial foro privilegiado a várias 'autoridades', como promotores, juízes etc – agora estendida ao presidente do BC. Ao Judiciário compete ser o garantidor dos direitos fundamentais, entre os quais está a igualdade. Portanto, a síndrome é mais grave quando ataca aquele que deve justamente assegurar que a moléstia não vingue.”

Sob o título de “Renasce a Censura”, o professor Roberto Romano⁴ publicou um breve artigo em que analisa os males praticados pela censura à imprensa, em várias épocas do Brasil. E, mostrando que, no caso de divulgação incorreta pelos meios de comunicação, o prejudicado pode exigir indenização por danos morais, estranhou o fato de o escritor Fernando Morais ter proibida a venda de seu livro *Na Toca dos Leões*, por decisão judicial, não podendo falar sobre o caso, sob pena de multa. Enfatiza, no final, que “a censura impede a defesa pública do acusado e aprioristicamente o pune sem contraditório”, acrescentando: “salvo em caso de **ditadura judiciária**, tão nefasta quanto a militar” (grifo nosso).

Dos grandes juristas brasileiros, a quem admiro e respeito, destaca-se também o mestre Roberto Lyra, que foi membro do Ministério Público, no Rio de Janeiro, e um dos autores do Código de Processo Penal de 1941, destacado, em sua obra, como socialista sensível e preocupado com os humildes e anestesiados por esperto e interesseiros. O seu livro *Como Julgar, Como Defender, Como Acusar*⁵, um resumo do seu pensamento, jamais poderia faltar à formação de todo aquele que pretenda dizer-se um profissional do Direito. Faz-se oportuno, neste instante, destacar trecho da página 19: “A ética

⁴ Romano, Roberto – “Renasce a Censura” – Folha de S.Paulo. 26.05.2005, p.A-3

⁵ Lyra, Roberto – *Como Julgar, Como Defender, Como Acusar*, Konfino Editor, Rio, 1975, p. 19.

profissional e funcional é devida por todos os juristas... Ela não se limita à disciplina ordinária, ao escrúpulo comum, à compostura e à cortesia elementares. Antes e acima de tudo, deve imperar a ética humana, social patriótica, cívica, doméstica. O dever exige o adestramento no uso das armas legais, o perfeito conhecimento da ciência, da arte e da técnica jurídica para dedicá-las ao ideal jurídico, ao pensamento jurídico, ao sentimento jurídico e, principalmente, à conduta jurídica.”

5. E A BALANÇA DA JUSTIÇA?

Quando da edição da Lei n.º 4611, de 2 de abril de 1965, chamada de “Lei do Rito Sumário” e apelada pelo Ministério Público, em muitos manuais, como Lei do “Processo Judicialiforme”, vigorante até o advento da Constituição Federal de 1988, criou-se grande controvérsia. É que essa lei dava à autoridade policial (Delegado de Polícia) e à autoridade judiciária (Juiz de Direito) a competência para iniciar o **processo sumário**, nos delitos culposos, seguindo o rito das contravenções penais (arts. 531 e seguintes do CPP), e os ilustres membros do Ministério Público, em uníssono, colocaram-se contra isso. E estavam certos. Argumentavam ser estranho que o Delegado de Polícia registrasse a ocorrência da infração penal, investigasse os fatos e, ao mesmo tempo, baixasse **portaria** (com os requisitos da **denúncia**), acusando o autor do delito e, ainda, presidisse a audiência da 1.ª fase da instrução criminal, inclusive com a defesa inicial feita por advogado na delegacia, com a autoridade policial exercitando funções judicantes... E, igualmente, os nobres membros do *Parquet* discordavam de que o Juiz de Direito (a quem competia decidir a lide penal e “dizer o direito”, equidistante das partes e com a máxima lisura), pudesse também iniciar o **processo sumário** por meio de **portaria** de sua lavra, *ex officio*,

contendo ela os elementos da **denúncia** (sem a participação do MP, cujo membro apenas funcionava como “fiscal da lei”), e, além disso, presidiu a audiência e procedeu ao julgamento do acusado...

Era perfeitamente justa a discordância dos membros do Ministério Público, à vista dos princípios da ampla defesa e do equilíbrio entre as partes. Agora, com a correta revogação da Lei n.º 4611/1965, e com os poderes que foram concedidos ao MP na Constituição Federal de 1988, cujos integrantes têm a exclusividade da ação penal e outras competências, pretendem alguns deles, esquecidos da precedente crítica que faziam ao “processo judicialiforme”, ter também o poder de realizar **investigações** das infrações penais, sem a participação da defesa, e, com as provas pessoalmente conseguidas, **denunciar** o acusado... Para onde irão as garantias constitucionais e para onde penderá a balança da justiça?

6. DEFORMAÇÕES INSTITUCIONALIZADAS

Historicamente, verifica-se que, depois da Revolução Francesa, com a Lei de 3 do Brumário ou Código de Brumário, a Polícia foi subdivida em dois grandes ramos: **Polícia Preventivo-Ostensiva**, uniformizada e à vista, para manter a ordem, garantir a segurança e evitar os crimes, e **Polícia Judiciário-Repressiva**, para investigar e apurar os crimes não evitados, identificando seus autores e entregando-os à Justiça. Esse resumo perfeito, ao longo do tempo, por desconhecimento, avidez econômica de espertos, interesses corporativos, ou conveniências políticas, foi-se desestruturando. E a Polícia, que sempre foi **una** – com sua subdivisão prática e econômica (**preventiva e judiciária**) –, adjetivou-se (civil, militar, federal, estadual, municipal, fluvial, marítima, rodoviária, ferroviária etc), começando as distorções e a “luta silenciosa” por espaço, sempre em prejuízo da sociedade.

No Brasil, essas deformações se institucionalizaram, e o interesse social só aparece nos discursos políticos e na retórica de autoridades, civis e militares, tentando “tapar o sol com a peneira”. Isso, especialmente depois da Constituição de 1988, extravasou para outros segmentos: PM e MP, em muitas unidades federativas, demonstram uma simpatia mútua, tendo como inimigos comuns, não raramente, os integrantes da PC (Polícia Civil), e vários destes, igualmente, se opõem àquelas duas letras trocadas – PM (Polícia Militar) e MP (Ministério Público). Todos sabem disso, mas, hipocritamente, silenciam a respeito. São vícios corporativos e políticos agasalhados na Constituição Federal, olvidando os ensinamentos da história (que é ciência e não mente – repetimos), advindos da Revolução Francesa, além de deixar de lado elementos culturais do povo brasileiro.

Com tudo isso, imagine-se, o que poderá acontecer nas decisões (e decisão judicial não se discute; cumpre-se) de que participem juízes e promotores de justiça originários das corporações policiais militares e que sintam antipatia pela Polícia Civil, caso não guardem o equilíbrio ético e a imparcialidade necessária, cada qual a seu tempo, para “dizer o direito”, realizar a justiça e fiscalizar a aplicação da lei, nas questões que envolvam atos da Polícia Judiciária, sabendo-se da notória, silenciosa e infeliz discórdia entre muitos integrantes da PM e do MP em relação a integrantes da PC, particularmente, a autoridades policiais, na apuração das infrações penais!

Por exemplo, quem é que desdenha o Inquérito Policial, chamando-o de “**mera peça informativa**”, ou de “**amontoado de papéis**”, ou de “**um nada jurídico**”, ou denominando o Delegado de Polícia como “**autoridade cartorária**”, ou tenta argumentar que “**a investigação só será bem feita, confiável e rápida**, se não for realizada pela organização policial civil? Aliás, seria conveniente fazer uma pesquisa para saber quais são os autores de mais de 60% dos Manuais de Direito Processual, no Brasil, nos últimos 40 anos, repetindo essa visão distorcida e antijurídica, passando-as aos novos bacharéis...

7. UMA PERGUNTA INSTIGANTE

Há uma pergunta instigante, que já ouvimos de alunos interessados no bem coletivo e de pessoas preocupadas com a lisura dos atos públicos, nos seguintes termos: “Por que os tribunais de justiça dos Estados e as cortes federais não podem ser compostos apenas por juízes de Direito de carreira, que ingressem na magistratura na entrância básica, para “dizer o direito” e realizar a verdadeira justiça?”

Verificamos que esse sentimento objetivo de moralizar, cada vez mais, toda a estrutura do Estado, felizmente, acha-se em constante evolução. Isso bem o demonstra a notícia do jornal *O Estado de S.Paulo*⁶, com o título “Escolha de ministro pode mudar”. A reportagem refere-se à recente reforma do Poder Judiciário e destaca o seguinte: “Por meio de proposta de Emenda à Constituição, a Associação Nacional dos Magistrados da Justiça do Trabalho (ANAMATRA) quer acabar com o **quinto constitucional**, mecanismo que garante 20% das vagas dos tribunais a **promotores e advogados que não fazem curso de ingresso à carreira de magistrado**. Os indicados pela Ordem dos Advogados do Brasil são escolhidos pelo Chefe do Executivo. A reserva de vagas é prevista no artigo 94 da Constituição, que destina **um quinto dos lugares dos tribunais aos membros do MP**, com mais de 10 anos de serviço, e **aos advogados** de ‘notório saber jurídico e reputação ilibada.’” (os grifos são nossos). E acrescenta a notícia: “Os juízes querem que o acesso à carreira seja sempre por concurso.”

Sabemos que tem sido uma diretriz constante das instituições públicas, em regra, nos concursos de seleção, buscar as pessoas melhores, mais aptas e vocacionadas para atuarem em nome do Estado, servindo à coletividade. Sente-se isso, amiú-

⁶ ANAMATRA. – “Escolha de ministro pode mudar” – jornal *O Estado de S.Paulo*, 06.01.2005, p. a-7.

de, no magistério, nas organizações policiais, no Ministério Público, nas carreiras militares, na magistratura e em vários segmentos estatais.

Lembramo-nos, a propósito, de um artigo do ilustre magistrado José Renato Nalini⁷, em que, como conselheiro da Escola Paulista da Magistratura, depois de citar que “a crescente preocupação com as qualidades morais do juiz não é fenômeno exclusivamente brasileiro”, mostra exemplos de Portugal e da Espanha, quanto a métodos de aferição do trabalho do magistrado, cuja avaliação deve ser compatível com a responsabilidade que dele se exige. E fala da Escola da Magistratura como “o pronto-socorro natural para a instituição (Judiciário), quando juízes venham a enfrentar dificuldades no exercício funcional ou apresentem problemas passíveis de solução mediante acompanhamento”. Argumenta sobre o duplo papel que a Escola de Juízes pode prestar: escolha dos melhores e reciclar “aqueles que, durante o desempenho, possam ostentar tipos de atuação incompatíveis com os padrões do Judiciário”.

Perfeito. Mas quando o ingresso do magistrado se der já em nível de tribunal, por força da Constituição, em seu artigo 94, pelo chamado **quinto constitucional**, na forma antes exposta pela ANAMATRA, o que ocorrerá?

Quer-nos parecer que a idéia do preenchimento das vagas dos tribunais apenas por magistrados de carreira têm uma finalidade saneadora, para evitar influência política, e outra, de caráter preventivo, para evitar que pessoas, embora intelectualmente bem formadas, ao assumirem a magistratura “por cima”, sem terem se submetido a concurso e ingressado na base do Judiciário, possam, eventualmente, interpretar a lei corporativamente ou em sintonia com o Chefe do Executivo que os nomeou, fazendo política de compadrio e não a verdadeira justiça, ainda que com a chancela de **decisão judicial**.

⁷ Nalini, José Roberto. “Como é possível se livrar do mau juiz” – Jornal “*O Estado de S.Paulo*”, 16.09.1991, p. 25

8. NOTÍCIA DE UMA DECISÃO

Mesmo ciente de que “decisão judicial não se discute...”, como costumeiramente se afirma, chamou-nos a atenção uma notícia do jornal Folha de S.Paulo⁸, da sucursal de Brasília, fato que, a julgar por algumas decisões tribunalescas, estaduais e federais, pelo Brasil afora, parece que tem ocorrido amiúde na jurisprudência brasileira. Diz o título: “**STJ reconhece investigação de promotores**”, dando conta que o Tribunal de Justiça (do Rio de Janeiro) “havia suspenso a apuração dos promotores, porque o caso já estava sendo investigado pela Polícia Civil”, o que fez com que o MPRJ recorresse ao Superior Tribunal de Justiça. Dos ministros da 6.ª Turma do STJ, “um deles, Paulo Medina, concordou com a decisão do tribunal do Rio”. Acrescenta o primeiro parágrafo da notícia: “A 6.ª Turma do STJ (Superior Tribunal de Justiça) reconheceu o poder do Ministério Público de conduzir investigação criminal”, em caso específico do Rio de Janeiro, “e restabeleceu a apuração da 9.ª Promotoria de Investigações Penais sobre irregularidades no PROCON do Estado”.

Entretanto, o que nos fez estranhar, especialmente por causa de algumas decisões que não se coadunam com o sentido mais elevado da hermenêutica jurídica e que já eram objeto de nossa desconfiança, foi o final dessa notícia, quanto ao julgamento: “**Dois dos outros três ministros foram promotores, antes de chegarem aos tribunais: ...**” (deixamos de citar os dois nomes e os grifos são nossos).

Volto ao grande mestre Roberto Lyra⁹, quando trata do magistrado e a sociedade, bem como da responsabilidade e da ética: “Se não vence as paixões, se não renuncia aos interesses econômicos, políticos, mundanos, que não seja juiz. A casa da

⁸ Jornal Folha de S.Paulo, 29/10/2004, p. A-11

⁹ Lyra, Roberto. Obra citada, p.8/9

Justiça exige de seu guardião, exatamente, as virtudes do preterido, na vida pública e na vida privada. O juiz deve ser respeitado por ser respeitável, à altura do incomparável poder de julgar, enfrentando o extremismo das fraudes e violências. Como responsável pelo julgamento, precisa de segurança moral e não somente de irredutibilidade de vencimentos e de inamovibilidade. As injustiças e violências da Justiça são as mais cruéis”.

9. HÁ HERMENEUTAS CORPORATIVOS?

Ensina De Plácido e Silva¹⁰, que *hermeneuta* é o “intérprete da lei, ou pessoa versada na interpretação das leis”. Assim, quando encontramos em manuais de Processo Penal, ou até em acórdãos, expressões como “inquérito policial instaurado por **determinação** do Juiz ou do MP” (sabendo-se que o Código de Processo Penal e as demais leis especiais falam de **requisição** – pedido com base em lei, e não **ordem**, que se liga a subordinação hierárquica ou administrativa, não existentes entre autoridades de poderes diversos), ou quando deparamos em livros, e em certos decisórios, que o “inquérito policial é **mera** peça informativa”, somos levados a desconfiar de que, por trás disso, sem base na história (que é ciência e não se presta a inverdades), nem na lei, parece haver uma forma *sui generis* de hermenêutica de grupo ou de corporação, para não dizer uma espécie de “jurisprudência corporativa”, que, ao longo do tempo e pela falta de estudo ponderado sobre esse procedimento policial (inquérito), na história jurídica brasileira, sedimenta-se como “**verdadeira**”, contrariando tudo o que se deveria aprender sobre o Direito e a Justiça. Seria por desconhecimento, conveniência,

¹⁰ Vocabulário Jurídico v.II, p. 761, ed. Forense, Rio, 1980

comodidade ou deliberada intenção, a **repetição do que já existe**, embora com falhas ou erros grosseiros?

Imaginemos, por hipótese, que alguém tenha vícios insensatos arraigados, formação moral deficiente, e que, durante toda a sua vida, sedimentou seu conhecimento com base nos modismos do cinema e da televisão...

Imaginemos, por outro lado, as inúmeras histórias de autoridades, oficiais e agentes policiais, bem como membros do MP e da magistratura que, parecendo extasiados e manipulados por microfones e luzes da imprensa, dão a impressão de que sua incumbência pública principal, de resultados concretos para o povo anestesiado, seja a de caçar e prender **bandidos**, e não de evitar os crimes, garantir a segurança e realizar a justiça... Claro que é mais fácil o preconceito camuflado do que a ética sã, quando pretenda atingir objetivos pouco recomendáveis, independentemente da formação acadêmica e da posição social ou administrativa que tenha o algoz...

Em síntese, a Polícia Judiciária e o Inquérito Policial – como se a vida, a honra, a liberdade, o patrimônio e a segurança, bens que representam a razão de ser dos atos apuratórios realizados pela primeira (PJ) e inseridos no segundo (IP), não tivessem qualquer importância para o estudo sério, “porque são atos da Polícia” –, aos poucos, vêm sendo relegados à posição de “coisas sem importância” ou “juridicamente insignificantes”. Não são tratados com o devido respeito, servindo, apenas, em certos momentos das discussões ou de alguns julgados, como procedimentos a serem “desprestigiados”, usados como uma *capitis deminutio* contra as autoridades policiais. Ou não?

Enfim, aceitar, em silêncio, preconceito com máscara de direito, ou corporativismo em forma de ciência, é corroborar com a ignorância e normatizar a parcialidade, o que aberrava dos mais rudimentares princípios de ética. Deus nos livre dos hermeneutas corporativos!

10. NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Franco, Alberto Silva/Stoco, Rui – coordenadores – Código de Processo Penal e sua Interpretação Jurisprudencial, Editora RT, v. I, p. 915/6, SP, 1999.
2. Mesmos autores e obra 1, p. 40.
3. Felipe, Kenarik Boujikian, – Folha de S.Paulo, 14.11.2004, p. A3
4. Romano, Roberto, “Renasce a Censura”, Folha de S.Paulo. 26.05.2005, p.A-3.
5. Lyra, Roberto, Como Julgar, Como Defender, Como Acusar, Konfino Editor, Rio, 1975, p. 19.
6. ANAMATRA, “Escolha de ministro pode mudar” – jornal O Estado de S.Paulo, 06.01.2005, p. A-7.
7. Nalini, José Roberto, “Como é possível se livrar do mau juiz” – Jornal O Estado de S.Paulo, 16.09.1991, p. 25.
8. Jornal Folha de S.Paulo, 29/10/2004, p. A-11.
9. Lyra, Roberto, Obra citada, p.8/9.
10. De Plácido e Silva, Vocabulário Jurídico v. II, p. 761, ed. Forense, Rio, 1980.

ACADÊMICO CLOVIS DOMINGUES



*Autor dos livros **VIVA FELIZ**, Pensamentos, Assertivas e Orações; **POEMA MAIOR**, Orações em versos para todos os momentos, ambos em segunda edição, e **CAMINHOS E DESCAMINHOS**, Sugestões para os desafios da vida presente. É também autor e intérprete dos CDs **ESPAÇO VIVA FELIZ**, Sugestões para o Bem e para o Amor e **CAMINHOS PARA A PAZ**, Refletindo e propondo o BEM.*

*Jornalista responsável do Jornal **COMUNICAÇÃO PAROQUIAL** e do comunicativo **TADEUZINHO**, e articulista em vários jornais.*

Correspondente Diocesano para a Rede Vida de Televisão, é natural de Guarulhos – SP, nascido aos 10 de fevereiro de 1942 e empossado na AGL em dezembro de 2001.

Católico Apostólico Romano, por tradição familiar e convicção fundamentada em estudos e experiências desde a mais tenra idade, é autor de vários cursos de formação pastoral e palestrante dos temas família, pessoa humana, fé, religião e pastoral

MENSAGEM

Em meus livros, Cds, e em minha vida, tento passar a todos os valores do Reino pregado por Jesus, o motivo maior da minha empreitada, a caminho para a sonhada felicidade. É meu desejo atingir o que temos de mais importante – *o sentimento* – e promover a partilha dos dons em busca do Bem Maior, no resgate da promoção de uma vida digna para todos.

Acredito que cada um tem o direito de expressar seus sentimentos, no que tange à crença ou descrença e todos deverão de ser respeitados em suas convicções pela pluralidade que vivemos, em um mundo que prega até a guerra para a construção da paz e descobre nos comportamentos violentos e pornográficos, anti-éticos e imorais, “justificativas” para os agentes da inutilidade.

Se concordarmos que o direito de expressão é para todos e até para aqueles sem expressão, que nada somam para o bem comum, quicá para quem sonha com um mundo melhor, onde sejam respeitados os direitos básicos para a preservação e valorização da vida?! ...

É na esperança de somar um pouco mais de fé, esperança e amor, em cada filho e filha de Deus, que me atrevo a deixar alguns escritos, frutos de minha vivência em algumas décadas que me autoriza a dizer que valeu, vale e valerá a pena caminhar nessa direção. Os caminhos da fé deverão de ser a sustentação de um viver feliz.

Agradeço a **Deus** pelos seus caminhos e peço-Lhe que me inspire e dê coragem para por eles caminhar, buscando viver o **Projeto Maior**.

“Que estas páginas, humildes sugestões, possam lançar sementes de paz e de bem para a conquista e vivência da felicidade de todos.”

VIRTUDES DE DEUS

Não fomos criados ao acaso, somos filhos de Deus e Ele nos quer felizes, quer partilhar conosco Sua vida.

Nossas limitações, nossas fragilidades nos impedem uma compreensão maior do mistério da criação. Por isso, o Senhor nos favorece com as virtudes que lhe são próprias: a **fé**, a **esperança** e o **amor**.

Como explicar o mistério de um Deus tão grande, com a nossa pequenez?

Na reflexão da morte, as virtudes nos fazem ver a vida. Nas aflições, as virtudes nos confortam e nos animam. Deus não abandona na escuridão do mistério àqueles que ama. Para cada situação que vivemos Ele nos favorece com Sua presença, inspiração e força.

A virtude teologal da **fé** nos dá a certeza de que a vida continua e que um projeto maior do que conseguimos vislumbrar, existe e nos aguarda, e muitos queridos e queridas já fazem essa experiência maravilhosa. “*Lá não haverá lágrimas nem dor e a morte já não existe*”. Com fé, assumindo a cada dia Nosso Deus em nossos irmãos, certamente seremos mais fortes em todos os momentos.

A virtude teologal da **esperança** nos favorece na expectativa de uma vida plena, conquistada por Jesus na cruz. Reforça-nos para não desanimarmos no hoje triste, porque temos a promessa do amanhã alegre. Acreditamos que *O Senhor faz novas todas as coisas* e que o nosso cansaço será compensado pela presença maior do nosso Deus. Nossa esperança não pode ser passiva, ao contrário, deve ser ativa, a ponto de nos fazer caminhar em busca de soluções com a confiança de que o Senhor está à nossa frente indicando-nos os caminhos, à nossa retaguarda para nos proteger e ao nosso lado para caminhar conosco e garantir-nos a vitória verdadeira e definitiva.

A virtude teologal do **amor** torna nossa vida consistente, dá sentido ao nosso viver, mesmo nas mais difíceis e sofridas

situações. Quem ama acolhe, perdoa e promove. Quem ama sente-se amado, acolhido e fortalecido. Quando amamos no aproximamos mais de Deus porque Ele é amor. Quando conseguimos amar sofremos com a separação física dos nossos entes queridos, mas os entregamos agradecidos a Deus e confiantes no Seu projeto de vida plena, fazemos da nossa vida um testemunho de filhos de Deus amados.

Deus não desampara seus filhos. Ele é o nosso escudo e nossa fortaleza. Ele nos criou na gratuidade e nos quer felizes. Saibamos viver as virtudes que vêm de Deus, mas precisam ser conquistadas por nós. Assim nossa travessia nesta experiência terrena será mais feliz.

REFLETINDO A EUCARISTIA

O Amor de Deus tem seu ponto mais alto, mais sublime, expresso na prática de Seu Filho Divino, Nosso Senhor e Mestre Jesus Cristo.

É em Jesus de Nazaré que se realizam todas as promessas do envio de um Redentor que assumiria todas as nossas culpas e anunciaria o ano da graça, a libertação do cativo do pecado.

Na plenitude dos tempos, nascido de uma virgem de nome Maria, por obra do Espírito Santo, vem ao mundo o Filho Unigênito de Deus que passou fazendo o bem e curando a todos.

É assim vivendo que Jesus se faz o Cordeiro de Deus, entregue em sacrifício pela humanidade. Porém, querendo permanecer na missão de santificar e salvar, se faz, sob as espécies de pão e vinho, presença perene, para perpetuar a aliança definitiva.

Nossa fé na presença substancial de Jesus – Corpo, Sangue, Alma e Divindade – não por obra de homens, mas por obra do Próprio Senhor, nos inspira e dá coragem para testemunharmos, através das páginas seguintes, o quanto pode produzir, e até mais, o sacramento (sinal) deixado pelo Senhor: Seu próprio corpo que é dado para a salvação de todos.

Graças e louvores se dêem a todo momento, Ao Santíssimo e Diviníssimo Sacramento.

A PAZ QUE VEM DO PÃO *Eucaristia, Garantia de Paz*

O tema da paz é uma preocupação de todos os povos, até aqueles, e mais ainda, que vivem em guerra. Muitos tratados buscaram e buscam a paz. Muitos morrem sem perceber a paz. Muitos caminham sem guerras e, mesmo assim, não fazem a experiência da paz. Cultivar a utopia da paz talvez seja a história mais repetida de todos os tempos, porém nunca será demais falar da necessidade e das origens da paz.

Com o título acima queremos deixar uma reflexão que, certamente, será ajuda para todos nós que procuramos viver como família de Deus.

Para nós cristãos, a paz tem origem no projeto do Pai e é expressa na prática de Jesus Cristo. A missão do Filho de Deus é construir e deixar-nos a paz verdadeira: **“A minha paz eu vos dou...”**

Conquistamos a paz através da oração comprometida com o projeto maior; vivemos a paz fazendo a experiência da fraternidade; levamos a paz por meio de palavras e atitudes responsáveis que conseguem partilhar a vida, diminuindo a multidão dos excluídos...

Poderíamos continuar exemplificando modos de conquistar, viver e partilhar a paz, mas, algo bem maior nos move a viver e levar a todos a paz verdadeira, sem fronteiras ou limites humanos. Estamos falando da **Paz que vem do Pão**. Sim, a Eucaristia é a fonte da paz, é Ela que nos alimenta em nosso ideal de paz, é através dEla que nos transformamos em instrumentos de paz, e é com Ela que ficamos impregnados pela paz. **“Quem come deste pão viverá para sempre”**. É o Próprio Senhor que entra pela nossa boca e santifica nosso corpo para sermos, cada vez mais, Templos do Espírito Santo. É obedecendo o seu mandamento **“Tomai e Comei”** que vamos transformando nossa jornada rumo à terra prometida.

A Eucaristia é o ápice da vida da Igreja e a Igreja é promotora da Paz. É fácil deduzir que **A Paz que vem do Pão**, sem dúvida, é completa.

A pedido do nosso querido e saudoso Papa da Paz, saibamos, neste ano e em todos os outros que vivermos, nos aproximar do Senhor e fazer a experiência da intimidade com Ele, o Pão da vida.

Comungar é comprometer-se. Vamos fazer os nossos compromissos com Jesus: Esta paz que recebo do Pão vai ser alimento para a nossa vida e a vida de todos que nos cercam.

A PAZ QUE VEM DO PÃO

A Paz é Dom e conquista

Desejos de paz, abraços de paz, sonhos de paz! Somos chamados à reflexão mais profunda sobre o que estamos vivendo e como estamos fazendo.

Partir do discurso para a prática, sair do projeto para a vida, assumir cada um a parte que lhe cabe e vivermos como construtores e partícipes da Paz, eis alguns pontos indispensáveis para um tempo de paz e para a paz duradoura.

A paz verdadeira sabemos, que vem do alto, vem de Deus; do Deus da Paz, a nós apresentado por Jesus: **“Minha paz eu vos dou.”** **“Quem me vê, vê o Pai.”** **“Eu faço as coisas que meu Pai mandou.”**

Porém, além do dom que recebemos, precisamos colocar a nossa vida na direção dessa Paz, lutar contra nossas limitações e assim sairmos ao encontro da tão procurada e sonhada Paz.

Saibamos, porém, que isto é o resultado de cada pequena palavra e cada pequeno gesto que nos propomos a viver na direção do bem comum, passando pela nossa família, nossa comunidade e ambientes que freqüentamos. Ao cuidarmos de nossas atitudes como filhos de Deus, seremos também filhos da paz e nos descansaremos nela.

Então reconheçamos nossas limitações e fragilidades como primeira atitude e depois, acertando nossos erros, vamos construir, em comunhão com Deus e com os irmãos, a verdadeira Paz.

Dom de Deus e conquista de cada um, a Paz haverá de nos compensar e nos realizar como seres únicos e sociais.

Busquemos na Eucaristia, no Próprio Cristo, a inspiração e a força para caminharmos semeando e vivendo a **Paz que vem do Pão**.

A PAZ QUE VEM DO PÃO

O sonho de Paz pode ser real

A Paz verdadeira, que nos realiza plenamente, é a **paz que vem do Pão**. O Pão da Eucaristia, partilhado no amor, na gratuidade, com gratidão e compromisso, o Pão da vida, o Próprio Senhor feito Pão.

Então afirmamos que podemos viver o nosso sonho de paz, que podemos viver um mundo melhor. Para tanto se faz necessário e urgente vivermos o milagre da transubstanciação, transformando nossa substância como acontece com o Pão Eucarístico, em que as aparências continuam as mesmas, mas a substância é outra. Somos humanos e podemos ser divinos quando recebemos o Pão da Vida e nos deixamos impregnar por Ele. Como São Paulo, digamos o nosso ato de fé e reconhecimento: *“Não sou eu quem vive, mas Cristo que vive em mim.”*

Conforme desejo do nosso saudoso João Paulo II, façamos em todos os momentos a reflexão da presença real de Jesus sob as espécies de Pão e de Vinho. Saibamos aproveitar esta infinita graça que o Senhor nos deixou, vivendo em Sua presença, para construirmos verdadeiramente, a paz duradoura, movidos pelo sacramento maior do amor. Impregnados pela presença do Salvador, o Príncipe da Paz, vivamos o nosso sonho, construindo Paz para todos, tornando-nos instrumentos também da **Paz que vem do Pão**.

A PAZ QUE VEM DO PÃO

Experiência que constrói a vida

Com o feliz título acima, fruto de inspiração do próprio Senhor, procurado e recebido sempre que possível, continuamos fazendo a reflexão sobre a Eucaristia, o Pão do anjos, o pão da vida, por se tratar do mistério da nossa fé e seus efeitos maravilhosos.

A Paz que vem do Pão, sem dúvida, só a experimenta quem o recebe e procura fazê-lo sentindo o grande bem que Ele produz. Não serão palavras ou gestos que poderão explicar e persuadir sobre a profundidade do amor de Deus, em Seu Filho Jesus, feito Pão; será sim, a própria experiência do encontro com Ele, que nos dará o entendimento, embora limitado, do grande mistério do amor de Deus para conosco.

Muitos são aqueles que entram na fila, ou nas filas, e continuam vivendo como antes, sem compromisso com a verdade, justiça, amor e paz. Muitos são também aqueles que conseguem, mercê do Próprio Senhor, ficar impregnados da Sua prática salvadora e se entregam para a conquista de vida plena para todos. Estes últimos fazem a experiência que constrói a vida, a experiência de uma entrega como a de Jesus, na direção de todos, levando o perdão, a compreensão, o afeto e a promoção, frutos do alimento maior do Corpo de Jesus Cristo, Nosso Salvador.

A paz que vem do Pão é, certamente, a paz verdadeira e duradoura. A experiência de receber o Pão da Vida nos fará verdadeiros instrumentos de paz. Não a paz aparente e enganosa, mas a paz profunda e realizante, aquela que haverá de nos fazer felizes.

Portanto, prepare-se constantemente para entrar na fila e assumir o compromisso com a vida de todos os irmãos e irmãs. Faça a experiência, sinta-se impregnado pelo Mestre Jesus e só aí, então, você poderá perceber a força deste sacramento de amor.

A PAZ QUE VEM DO PÃO

O alimento definitivo

Nada haverá de se comparar à entrega do Filho de Deus em resgate da humanidade. Nada que possamos imaginar nos dará as dimensões do amor do Pai que em Seu Filho Jesus Cristo se torna caminho, verdade e vida, esperança e certeza de salvação.

O amor imensurável de Deus, aos nossos olhos carnis, é incompreensível, misterioso.

Cremos no Seu projeto e ficamos admirando Suas obras, porém, quando atingidos por dificuldades, somos tentados a não acreditar, a não perseverar no amor que Cristo pregou e viveu: o amor incondicional.

Nossa fragilidade humana, nossas culturas e nossos ambientes, muitas vezes nos remetem à descrença, ao pessimismo, à desconfiança e, mais grave, ao abandono do essencial em troca de efêmeros momentos.

Neste quadro de limitações próprias, somos chamados a descobrir a **Paz que vem do Pão**, a paz verdadeira que haverá sempre de nos reforçar para a superação das tentações e para a libertação de nossas fragilidades humanas.

A Eucaristia é a presença maior de Jesus. Ele se dá em alimento e devemos nos impregnar dEle para termos a inspiração e a força necessárias ao combater o bom combate.

“Eu sou o Pão da Vida. Quem vem a mim jamais terá fome,”... (Jo.c.6 v.35)

A PAZ QUE VEM DO PÃO

O mais eloqüente discurso

A paz é conquista de todos os momentos e a busca maior de nossa vida.

Viver a paz é o sonho de todos. Para isto nos empenhamos nos mais diferentes desafios e enfrentamos a tudo e a todos.

Quando paramos para pensar, certamente nem acreditamos que podemos fazer tantas coisas para conquistarmos a paz. Estudamos, trabalhamos, assumimos tantos compromissos, tudo para vivermos em paz, tudo para termos a paz. Então como podemos nos reforçar para esta empreitada?...

De muitas maneiras poderemos nos reforçar, mas estamos certos que o caminho melhor é o caminho de Jesus que nos ensina o perdão, o acolhimento e o amor. Ao nos ensinar Ele constata algo que devemos perceber, reconhecer e aceitar: **“Sem mim nada podeis fazer.”**

Pois bem, como poderemos estar com Jesus para obtermos o sucesso na conquista e vivência da paz? Como percebermos e vivermos a Sua Vida?

Jesus veio a nós primeiro e nos ensinou de muitos modos a estarmos com Ele. Ensinou-nos a acolher, ensinou-nos a perdoar, a dar libertação; ensinou-nos o caminho verdadeiro, guiou-nos por Ele e nos animou dizendo: **“Eu venci o mundo, vós também haveis de vencê-lo.”**

Como de muitos modos Deus falou aos seus filhos, assim também o Seu Filho Unigênito Jesus Cristo, falou. O mais eloqüente discurso de Jesus foi a entrega de Seu Corpo e Seu Sangue em remissão de todos os pecados, não na cruz, mas na Eucaristia, Dom maior. **“Isto é o meu corpo. Isto é o meu sangue. Tomai e comei. Tomai e bebei. Fazei isto em minha memória. Esta é a Nova e Eterna Aliança realizada em remissão de todos os pecados.”** Pecado é ausência de paz, A Paz que vem do Pão.

A PAZ QUE VEM DO PÃO

Viver o testemunho

Todos que entram na fila da Eucaristia têm o dever sagrado de testemunhar a paz que revela a presença do Senhor.

O alimento que tomamos é o Próprio Cristo e deve fazer de nós verdadeiras testemunhas do Bem, do Amor e da Paz, pois a semente lançada deve germinar e dar frutos que provem a sua veracidade.

Como haveremos de dar o testemunho? Onde devemos testemunhar? ...

A verdade vos libertará, disse Jesus. Portanto a **opção definitiva pela verdade** é, sem dúvida, um dos modos de dar o testemunho. **Passar fazendo o bem e curando a todos**, será sempre uma atitude de testemunho inspirado pelo Senhor que vem a nós. **Conquistar e viver a fraternidade**, percebendo-nos irmãos e vivendo como tal, também é dar testemunho.

Os lugares de testemunhar são os mais diferentes, pois, como **Ele** vai conosco, devemos testemunhá-Lo **em qualquer tempo e lugar**. Não devemos escolher onde testemunhar, pois poderá ser uma atitude perigosa, a ponto de agirmos com hipocrisia, dependendo do local em que estivermos.

Se recebermos o Corpo do Senhor, deveremos viver impregnados por Ele e procurar viver como Ele viveu, levando a todos os lugares e a todas as pessoas a grande notícia do amor do Pai e do Seu Projeto Maior de salvação.

Quem recebe o Senhor na Eucaristia deve ser portador e missionário da Paz que vem do Pão, para que o mundo creia e para que o mundo se salve.

A IGREJA, PORTADORA DO PÃO

Deus quis ser visível e assim O foi e assim O é, na pessoa de Jesus Cristo. Ele, tomando a forma humana, assumiu nossas dores e nos resgatou, deu-nos a oportunidade de conhecermos melhor o amor do Pai e mandou-nos o Espírito Santo. Mas não foi só isso que fez o Unigênito do Pai, que nasceu da Virgem Maria, por obra e graça do Espírito Santo. Ele quis ficar presente, como sinal maior do seu amor pela humanidade, Ele está presente, substancialmente, sob as formas de Pão e de Vinho, através da Sua Igreja, que caminha no mundo, com toda limitação humana, construindo o Reino definitivo.

Muitas vezes lemos nos Evangelhos que procuraram prender o Nazareno e Ele passava pelo meio da multidão ou desaparecia e não conseguiam tal intento. Muitos procuraram surpreendê-lo em situações que pudessem levá-lo à condenação e Ele dava as respostas libertadoras que impediam seus algozes de completarem seus planos de morte. **Mas após ter consagrado o Pão e o Vinho e confessado ser a Nova e Eterna Aliança para a remissão dos pecados**, aí sim, no Getsêmani, onde orou profundamente, deixa-se prender e pede que dispense os outros, pois é Ele o procurado. Sua missão estava se completando e já havia preparado a missão salvífica que deveria continuar até o fim dos tempos. Sua missão não era apenas para 33 anos, era definitiva e deveria ser alicerçada de tal forma, que vento algum conseguisse derrubá-la, que projeto algum pudesse destruí-la. Sua missão, Ele mesmo resumiu: **“Eu vim para que todos tenham vida e vida em plenitude.”**

Quando Jesus revelou o amor do Pai para com todos, disse que **Deus quer salvar a todos**, e para isso prepara o grupo, formado por Ele, para continuar Sua missão de apresentar o Pai, de enviar o Espírito Santo e de salvar a todos:

Pergunta a Pedro: **Tu me amas?** Ouve a resposta repetida daquele humilde pescador: **Sim Mestre. Já disse que Te amo.** Então diz, com todo o carinho, àquele homem rude: **Apascenta minhas ovelhas.** Em outro momento, diante do reconhecimento público do messianismo de Jesus feito por Pedro: **Tu És o Cristo, o Filho do Deus Vivo,** Jesus bendiz a inspiração divina recebida pelo pescador e lhe promete: **Tu és Pedro e sobre esta Pedro edificarei a minha Igreja.**

A Igreja é Santa e pecadora, Humana e Divina. Ela é continuadora da missão do Ungido do Pai, ela tem o depósito da fé, transferida pelo Próprio Cristo, na noite em que concretiza a Nova e Eterna Aliança: **Fazei Isto em memória de Mim.**

Assim a Igreja de Jesus Cristo é a Igreja de Pedro, que pela sucessão apostólica (de mais de vinte séculos) chega até nós na pessoa de **Bento XVI** que sucede ao querido e saudoso **João Paulo II.** Nossa fé na Igreja (santa e pecadora) é a fé no Próprio Senhor que quis ficar conosco, através dela, sob as espécies de Pão e Vinho consagradas, transubstanciadas no Seu Corpo e Sangue.

Ao crermos na **paz que vem do Pão,** cremos no Pão que vem da Igreja, porque cremos na Igreja que vem do Senhor Jesus.

MISSIONÁRIOS DA PAZ QUE VEM DA EUCARISTIA

Quando temos algo verdadeiro que nos move, fazemos tudo que está ao nosso alcance na busca e conquista dos objetivos maiores.

Assim deve ser nossa atitude de cristãos e católicos assumidos e movidos pela força da Eucaristia, nosso motivo maior, que sustenta a vida da Igreja, sendo o ápice de tudo que planejamos e fazemos. **“Quem come do meu corpo e bebe do meu sangue permanece em mim e Eu nele.”** Que força pode ser maior, que momento pode ser mais importante?

Impregnados pelo Cristo Eucarístico, missionário do Pai, sejamos todos missionários da sua boa notícia, propondo-nos e colocando-nos a caminho para vivermos a paz verdadeira e a levarmos a todos.

Que a nossa segurança não venha das armas, mas do respeito. (cf2005)

A Paz que devemos partilhar não é a paz somente na ausência da guerra, mas a paz que vem de Jesus pela força do projeto: **“Eu vos dou a minha paz.”** Como é bom saber que o Senhor é o artífice maior da paz, como é bom ser instrumento da paz verdadeira!

É nos pequenos gestos e palavras, no acolhimento fraterno, na vida familiar e comunitária, na vida de fé que vamos vivendo a paz de Cristo. Um aperto de mão, um abraço, um beijo, são momentos de paz. Um momento de perdão, de compreensão e aceitação, tudo é paz. Usar de compaixão, de misericórdia é paz; ajudar-nos mutuamente, alegrando-nos com o progresso uns dos outros, também é viver a paz. Porém, certamente, o modelo mais perfeito de viver a paz é a prática de Jesus de Nazaré, que contempla todos os momentos citados, e mais ainda, na profundidade do mistério, entrega sua vida e deixa-nos seu corpo e sangue para fazermos a experiência maior da paz: termos Sua vida em nós.

Que possamos, inspirados e reforçados pela Eucaristia, o dom maior, ser missionários da paz verdadeira.
Felizes os que promovem a paz.

ORAÇÃO

Deus Pai Amoroso, que nos criastes para a felicidade e nos amas como filhos; orienta-nos para os verdadeiros caminhos, que possam nos levar ao ancoradouro verdadeiro do Vosso Coração Amantíssimo, onde descansaremos em paz.

Fazei-nos instrumentos na construção do Reino definitivo de paz, amor e bem.

Vós que sois Nosso Deus, por meio de Jesus Cristo Eucarístico, em unidade com o Espírito Santo. Amém.

ACADÊMICO GASPARINO JOSÉ ROMÃO



QUANDO A TARDE É DE SOL *Réquiem a PEDRO BALBINO*

Um dia a minha tia Sinhana deixou que eu crismasse o Pedrinho e ele foi o primeiro afilhado que eu tive.

Eu não sei se fui um padrinho bom, mas, procurei ser sempre muito amigo dele que, aquele afilhado, firmou para mim no maior carinho da minha vida, tanto que, me julgava responsável por ele e, a pouca diferença de idade entre nós, não impediu que eu estivesse sempre a guiar-lhe os passos e a impor-lhe normas de vida a seguir que ele, muito respeitoso a essas imposições, embora nem sempre as seguissem, jamais se rebelava ao que lhe eu determinasse e jamais criticava qualquer recomendação minha.

Quando completou sete anos (nessa época eu estava com treze), a tia Sinhana, que morava em Monte Belo, deixou que ele fosse para a casa dos meus pais, em Guaxupé, para aprender as primeiras letras e, complementando o trabalho da professora, coube-me a tarefa de ensiná-lo que, na sua rebeldia de menino da roça, que não se adaptava, facilmente, aos costumes da cidade, retornou ao sítio onde os pais, com os outros irmãos, moravam nas redondezas de Monte Belo. Jamais, deixou de ir sempre à casa dos meus pais em Guaxupé, cidade bem maior, distante mais de cinquenta quilômetros de lá.

Um dia eu vim para São Paulo e, cumprindo uma profecia do meu velho avô José Felix, toda a minha família foi-me acompanhando; na década de cinquenta veio o Pedrinho, morar conosco, já de idade maior, em Guarulhos, onde começou a trabalhar numa indústria de papel e celulose, como operário sem qualquer qualificação, pois, no início das coisas, tudo tem que ser difícil para que possamos, começando do pé, atingir um dia a cabeça no mundo dos sacrifícios...

E, o Pedrinho até que se saiu bem, mas, um dia, teve que voltar para cumprir as obrigações militares e passar aquele estágio de serviços às forças armadas e viajou de volta a Minas Gerais para, se me não falha a memória, Juiz de Fora ou Pouso Alegre, onde cumpriu o dever com a Pátria.

Quando partiu, além de alguns caraminguás para as despesas e viagem, dei-lhe um dos meus bons ternos de roupas em que, inadvertidamente, esqueci-me de retirar da lapela do paletó, um distintivo de acadêmico de Direito, que eu era estudante de Ciências Jurídicas.

O Pedro viajou, vestido com o terno que eu lhe dera, levando também, um cartão de visitas do meu irmão Augusto, bancário e trabalhava num banco chamado BRASUL, hoje incorporado ao Bradesco.

Após alguns dias da partida, recebo do Pedro uma carta em que relatava algumas das suas aventuras, uma delas a seguinte: arranjava no trem uma namorada que lhe dissera ser professora e ele dissera a ela que era bancário e estudante de Direito (que

lhe vira o distintivo na lapela) e, terminada a viagem, dera, como seu, o cartão de bancário do Augusto... Pediu que eu avisasse o Augusto que, se a moça lhe escrevesse que remetesse a ele a carta recebida...

Assim era o Pedro, inteligente, de pensamentos rápidos e criativos... Sem prejudicar quem quer que o fosse, procurava sair-se bem em qualquer circunstância.

Quando retornou do Exército foi trabalhar na Escola Técnica de Comércio Trinta de Outubro, na Biblioteca, onde aprendeu a profissão de Encadernador e conheceu Genúria, que também lá trabalhava, uma baianinha de ótimos costumes, de cuja família que, como a minha, fugira do Nordeste (eu de Minas) para tentar a vida nesta Canaã que o Deus de hoje, deu a todo mundo para viver melhor e que se chama São Paulo.

Genúria enfeitou-lhe a vida e, juntos, andaram à frente, progrediram e foram pais de Márcia, hoje Advogada e, para completar adotaram Ivan...

Um dia, André, um tio de Pedro, arranhou-lhe, no tempo do Ademar de Barros, um cargo de Funcionário Público, para onde conseguiu levar Genúria e os dois lá trabalharam até a aposentadoria. Aposentados, quiseram mudar-se para uma cidade pequena e Américo Brasiliense, foi o local escolhido. Márcia, também funcionária, já casada, mudou-se para Araraquara, oito quilômetros perto de Américo para, carinhosamente, ficar ao lado dos pais...

O Pedrinho, desde moleque, foi peralta, contudo, de bons costumes e, como o xará Malazartes, fez muitas estrepolias na meninice e na juventude, embora tenha na idade madura, sido um modelo de retidão que a vida, mesmo com todos os sacrifícios que enfrentou na modéstia em que viveu, fê-lo caminhar, olhando à frente, na estrada do destino.

Uma coisa, entretanto, ele aprendeu que era a necessidade intransigente do cumprimento do dever e do resgate da palavra empenhada; quando o empenho dessa palavra resultasse de um juramento, - a que apenas, em última análise deveria ater-se, - nada poderia resultar no descumprimento, pois, um juramento

é sagrado e o seu não cumprimento é ofensa até ao Deus Todo Poderoso.

Pois, um dia o Pedrinho fizera um juramento, quando menino, ainda. Na nossa cidade pequena, onde todos se conheciam, vivia um homem reto e trabalhador, que todos os dias ia para o trabalho no seu roçado, com a enxada ao ombro e, dependurada ao cabo desta, uma cabaça com água potável para dessedentar-se na canícula da tarde.

Pelo hábito de levar sempre a sua cabaça de água apelidaram-no (como o costume do povo da minha terra) de “Pedro, o da cabaça” ou, simplesmente, “Pedro Cabaça”.

Naquele tempo (bons e sagrados tempos), as pessoas maduras eram, sempre responsáveis pela correção dos erros dos mais novos. Era a coisa mais razoável, e quase um dever até, corrigir com castigos físicos os menores infratores e comunicar aos pais (que eram sempre gratos por isso) os castigos aplicados na hora certa; não se encontravam jamais (como hoje é comum) meninos bandidos, mal educados, atrevidos a quem uma sociedade, desviada dos reais deveres, não corrige os filhos e até condenam quando os bandidos são corrigidos.

Pois, um dia o Pedrinho, como aquele moleque que era, fez uma das suas diabruras, num desrespeito ao Pedro Cabaça que aplicou-lhe uma surra, alertando-o que comunicaria ao pai, o Tio Sebastião Balbino.

O Pedrinho, que sentiu-se humilhado, choroso, jurou por Deus que, quando crescesse, haveria de se vingar e aplicar uma surra no Pedro Cabaça... o Cabaça, zombou dele e respondeu-lhe que já estava esperando esse dia! Desta vez seria um encontro de homem para homem e que o Pedrinho iria apanhar outra vez!

A gente não deve jamais fazer juramentos e, muito mais, invocar o nome de Deus, que nunca poderá ser tomado como testemunha daquilo que juramos e, se o fizermos, deveremos cumpri-lo e assim, resgatar o débito pois “todo juramento é uma dívida”

O tempo foi passando em sua marcha impetuosa a que

não se consegue deter e, muitos anos depois, quando o Pedrinho havia crescido e já era um homem, encontrou o Pedro Cabaça, já bem mais velho, com a sua inseparável enxada ao ombro e a cabaça suspensa do cabo, desta vez, voltando do roçado...

Lembrando-se da promessa feita há anos, o Pedrinho “que até fora apelidado, por conta da surra, de Pedrinho Cabaça” entendeu ser o momento de pagar a promessa e, dirigindo-se ao velho Cabaça, entre eles é travado o seguinte diálogo:

– “Bom dia, Pedro Cabaça, como vai ?

– Nossa, é o Pedrinho do Bastião Barbino? Que homão, você está!...

– Cabaça, você se lembra quando me bateu e eu jurei que quando crescesse daria em você uma surra?

– O Cabaça sorrindo respondeu: Você era danado e eu até disse que bateria outra vez em você quando isso acontecesse...

– Dê cá um abraço, Pedrinho!

E o Pedrinho respondeu: – Não Cabaça, eu vou dar é uma surra em você, porque eu jurei que quando eu crescesse daria essa surra. Eu cresci e agora vou pagar o juramento e ficar em paz com Deus e minha consciência!

Ato contínuo, derruba o velho Cabaça e, com o rabo de tatu com que fustigava o cavalo em que viera montado, aplicou ao mesmo uma surra cavaluar...

Depois, levantou o Cabaça, abraçou-o, beijou-o na testa e chorando, disse-lhe:

– Eu tinha que fazer isto. Eu havia jurado por Deus que quando eu crescesse bateria em você, quando ficasse homem e eu fiquei homem, Pedro Cabaça...

Amarrou o cavalo num galho de árvore à beira do caminho e acompanhou o velho até a casa dele, sempre com ele abraçado e repetindo: Eu jurei por Deus, lembra-se? Eu tinha que cumprir o juramento, mas, eu gosto muito de você!...”

Para o Pedrinho, o juramento é juramento e, quem não cumpre um juramento, quando morrer vai para o Inferno!

Fazendo jus ao nome que lhe escolheram e a todos os seus arrebatos, quando criança chamaram-no Malazartes e após a

surra que lhe aplicara o Pedro Cabaça, ligaram-no ao incidente e, para mais azucrinar-lhe o juízo, começaram desde, então, a chamarem-no Pedrinho Cabaça; este epíteto foi lembrado pelo Marinho na última homenagem que ao tio prestou.

Pois é, o nosso Pedrinho foi-se embora e, numa tarde de sol levaram-no ao Campo Santo de Américo Brasiliense onde ele morava e, ele que resolvera ir-se embora, tão inesperadamente, naquela tarde de sol, como a cumprir o desejo do padrinho poeta no seu livro "Inverno de Fogo":

*"Eu quero morrer num domingo de sol...
Eu quero morrer quando as folhas caírem...
Eu quero morrer com a vida cantando...
Eu quero morrer quando as preces subirem...
Eu quero morrer num domingo de sol...
(G.J.Romão-Inverno de Fogo-1978-pag.89)*

Ele não devia ter feito isto comigo e deveria ter esperado mais um pouco!

Dizem que quem parte leva sempre um pouco, um pedaço da gente, das pessoas amigas e queridas que ficaram.

Com seu padrinho Nego o Pedrinho não teve essa consideração e não levou de mim o pedaço que deveria levar, mas, deixou um montão de saudades a atravancar-me a alma e eu não sei o que fazer com elas...

Doze de janeiro de 2004

ACADÊMICO A. IBRAHIM KHOURI



Chora, chora o mundo, porque no fundo as pessoas, são como areia movediça, um pantanal inacessível em forma de oásis, cuja calma superficial e a beleza aparente, escondem o veneno mortal como os dentes da serpente.

PROTESTO

Não adianta chorar,
nem pedir, implorar,
a flor já murchou,
as folhas, não existem mais.

O cimento cobriu o verde,
mas rompe o gelado forro
uma planta franzina que surge
e parece gritar por socorro.

Ela quer ver o sol,
 Sintetizar o seu alimento,
 Também quer Ter o direito
 De namorar com o vento,

Sentir os pingos da chuva
 – o banho que sempre quis –
 banhando-lhe o corpo inteiro:
 as folhas, o caule, a raiz.

Ver os pontos brilhantes,
 Adornando a noite serena,
 Ela precisa de espaço,
 Para alcanças as estrelas.

Mas passamos tão apressadas
 Do ponto verde ao fundo,
 Somos os “donos da razão”,
 Pseudos senhores do mundo.

E o grito de vida tão verde,
 Tímido sinal de esperança,
 Que não ouvimos, nem vemos,
 Ao encontro do fim que avança:

Nas derrubadas da mata,
 Dos arvoredos, nos morros,
 Este ponto agora pede clemência,
 Amanhã pediremos socorro.

É, estamos na mais profunda decadência. E de que vale o lamento se o mundo é surdo? Se ouve só as idéias capitalistas dos oportunistas inescrupulosos, “de visão”, que nunca defenderam a natureza e dizem que vão salvar a Nação.

PRIMAVERA

Quero sonhar mil sonhos coloridos,
 Há no pensamento mil pétalas multicores,
 Existe alguma coisa cá dentro do peito,
 Se abrindo como se desabrochassem flores.

Mas que pena! O verde deixou de ser tão verde,
 Talvez, porque vivemos nova era,
 Só algumas folhas e pétalas desbotadas,
 Dizem que chegou a primavera.

Ah, como está tão desfalcada a estação
 das borboletas!
 Que eu não saberia, não fosse o calendário,
 Que é de um passado sem poluição.

Hoje vivemos o mundo das provetas,
 Crianças e flores de laboratório.
 O que será da nova geração?

Sim, o mundo está cego e surdo. Não adianta falar para ouvidos onde não aportam murmúrio do vento. O mundo está cheio de olhos grandes, vivos, enigmáticos, olhos de loucos, de fanáticos. Fera sempre pronta ao ataque. Que não hesitam diante de um corpo, gostam de vê-lo eliminado num baque...

A VILA

Tem na Vila Grande
Cortiço, favela
E casas de ministros
Com barcos à vela.

É uma minoria,
Bem minoritária,
“Brâmanes e Chátrias”
que nos fizeram párias.

E sempre aumentando
Quem já não consome,
Porque ganha pouco
Ou morreu de fome.

Tem quartos ocupados
Por um contingente,
Onde todos presenciam,
Gente fazer gente.

Lá o pobre riso,
Mistura-se ao pranto
Onde a harmonia,
Nunca encontra um canto.

Contra a correnteza
Pra salvar suas vidas,
Nunca que termina
Um peso e duas medidas.

Ouve-se o grito triste
– alguém desesperado –
que procura em vão
quem foi o culpado.

É uma vila grande,
Um quintal sem muro,
Onde muitas coisas
Fazem-se no escuro,

Onde os Alexandres,
Paivas e Herzogs,
Foram engolidos
Pelo lobisomem.

Lá trabalha Maria
E também José,
Que ainda sobrevivem
às custas de fé.

Nesta vila grande
Uns governam dores,
Sobem em palanques,
São mesmo atores:

– “É hora de mudanças”
falam entusiasmados
e novamente o povo
é enganado.

É uma Roma antiga
 – mil bichos em cena —
 e quem levanta a lebre
 é levado à arena

e sempre há um Cristo
 pra pagar o pato,
 na luta desumana
 quem morre é o gato.

A vida é um brinquedo,
 Nada satisfaz,
 Somos videogames,
 Do satanás.

Um acontecimento vem à tona pela expressão. Às vezes, a expressão fala mais alto que as palavras. Por enquanto continuamos a pular os obstáculos. Quem sabe um dia andaremos naturalmente, sem receio de tropeços... Quem sabe se amanhã ao limparmos o caminho encontraremos o começo? Quem sabe se o começo não está neste fim de tarde? Afinal, os fins de tarde são telas pintadas por Zeus, no firmamento, ora com o sol incendiando o poente, ora nublando tudo para esconder a estrela. Ah! esses belos deuses do universo, usam na tela do espaço o pincel em forma de vento e entre nuvens claras e escuras, expressam suas emoções e mexem com o coração da gente.

UM SOL DE FIM DE TARDE

Quero um sol de fim de tarde,
 Que lembre você e eu,
 Não importa que a saudade
 Lembre-me outra vez o adeus;

Não importa se em pensamentos,
 Você enfeita a tarde que passa
 E quando o sol se esconde,
 Eu passo outra noite sem graça.

Ah! esse entardecer, pôr-de-saudade,
 Que ora me sustenta e me consome,
 Traz-me de volta sua ousada mocidade,
 Que não saciou a minha sede,

Nem tão pouco, matou a minha fome.
 Eu a procuro num rosto pela rua,
 Neste esmaecido fim de tarde
 Talvez a encontre presa a liberdade.

Assim sigo a vida dando voltas
 De algumas manchas meu corpo se encarde
 – sinto aos poucos que o tempo me desbota –

e tentando descobri-la não sei onde,
 eu transformo o amor certo em duvidoso
 e torno diminuto o que foi grande.

É, mas passam horas, passam dias,
 Passa o mês e passa o tempo
 E os beijos que no vento
 Eu lhe dava e não via,
 Não notava que eu jogava,
 Versos ao sabor do vento,
 Nem tão pouco a madrugada
 Dos meus pobres pensamentos,

Formo imagens no meu mundo
 Nos cigarros que eu trago,
 Num delírio me levanto
 no meu quarto e a agarro,

mas minhas mãos! Não peguei nada,
por entre os dedos você passa,
outra vez a minha amada
não passou de uma fumaça.

Num tom verde morre a tarde,
Em seus olhos tão brilhantes,
A fugir como a folhagem,
Quando a tarde vai distante.

Passam horas, passam dias,
mais poema, mais fumaça,
Passa o tempo, passa o vento,
Só você é que não passa.

É noite. No meu quarto eu e os meus pensamentos. Alguém que não tive, bate à porta, meu coração atende e logo a seguir me revela: – Quem bateu foi a saudade. É noite. No meu quarto eu, meus pensamentos e a saudade...

Do coração bate à porta,
quem será querendo entrar?
bate forte, não se importa,
levanta a poeira no ar...

Olho atendo da vidraça,
da janela de minh'alma,
surpreso ela me devassa,
quer entrar e bate palma...

– Vá embora! – Eu aflito –
vá! Eu não quero nada,
saudade sua danada,
por favor! Escute o grito,

Da janela eu suplico,
– pare! Pois vai acordar,
tanta coisa adormecida
que ficou neste lugar,

num canto o amor dormindo,
no outro, o encanto louco
e o passado que pensei findo,
ainda a lembra um pouco.

Solidão nos quatro cantos,
lembranças no traveseiro
de momentos, e foram tantos,
da flor, do encontro primeiro...

Saudade se sou amado,
por que passear no meu rosto?
saudade você é passado,
saudade quanto desgosto...

Vou viver de brincadeira,
ser sombra na madrugada,
felicidade ligeira,
saudade... sua danada...

MEU FILHO

*Este poema reflete meu ponto verde de
esperança, meu querido filho Michel.*

Uma reta liga dois pontos,
que se encontra em lugares diversos,
uma reta dando tanta importância,
a dois pontos perdidos no universo.

Figura que cresce, que avança,
sem nenhuma extremidade perdida,
não só em forma de lembrança,
mais forte, em forma de vida.

Símbolo vivo, latente,
de infinitos pontos, tão puro,
uma reta em forma de gente,
é passado, presente e futuro.

A SUPREMA ETERNIDADE

*Este poema foi inspirado no choro do meu querido
netinho Rafael. É um broto de esperança, que surge
da união dos queridos: Michel e Silvana.*

Com quem repartir o que vejo?
Este esplendor, o encanto, esta beleza!...
invade-me uma alegria cheia de tristeza,
por não poder realizar o que desejo.

É forte demais o que sinto agora,
move-se o sonho na perfeição das formas
e o meu único companheiro nesta hora
é o pensamento, – o limite da ousadia –

Em meio às contradições, esta poesia,
retrata a emoção intangível, indefinida,
de um lado a morte, do outro a vida
– A evidência imediata, o alto preço.

Mas o suave choro em meus ouvidos soa,
é um canto, mobilizando as pessoas,
a enxergar no fim, outro começo.

O CHEIRO DA TERRA

VERDEJANTE

Há vinte e cinco anos, recebi uma carta de um jovem que havia lido meu primeiro livro "Eu Só... Você Só...". Acusei o recebimento e o agradei, como sempre fiz durante esta minha solitária e doce trajetória.

Certa feita, recebi das mãos de um Acadêmico e respeitável causídico, membro da gloriosa Academia Guarulhense de Letras, uma pasta, contendo no seu interior o seu trabalho. Confiou-me, para a minha modesta avaliação, os seus guardados literários. Conheci, então, um gigante de estatura média; exprimindo nos seus escritos, com profunda sensibilidade, de forma poética e sensível, as suas reminiscências. E com que fidelidade, seu espírito desprevenido, as guardara com tanto zelo.

— Um punhado de recordações — Fragmentos que fazem parte da história de Guarulhos. A forma modesta e pessoal, enriquecida pela pureza e originalidade, crivam, como fotografias, os contos — relíquias que só tem na mente quem participou da história, e as viu, pouco a pouco, sendo consumidas pelo fogo ardente e implacável do avanço.

Dia após dia, esta criança, este jovem e este gigante sentiu-se impotente e sofreu ao ver o progresso, ocupando os espaços físicos da cidade e apagando tantas lembranças.

No meio desses significativos fragmentos da história, deparo com minha carta, escrita de próprio punho, há tanto tempo, em resposta ao seu respeitoso parecer sobre minha obra. Este gigante é o LINEU ROQUE ACEIRO, que nas suas andanças pela cidade, desde a infância, por certo passou nos caminhos por onde transitaram os grandes mestres e historiadores como: João Ranali, Flávio Cleto Giovanni Trombetti, Adolfo Vasconcelos Noronha e Plínio Tomaz e por um encanto divino foi capaz de trazer, pelas narrativas, tudo aquilo que os olhos já não podem ver, o que os ouvidos não vão mais escutar e o coração não poderá mais sentir.

O LINEU, como estes grandes vultos da nossa cidade, para mim é como uma casa que se ergueu no alto de uma colina, recebeu várias caiações em suas fortes paredes, o que lhe permitiu assistir do alto, com ar original e raro, às mudanças, que registrou com abundantes detalhes nas suas crônicas e reflexões. É tudo aquilo que mais tarde se transformaria, inevitavelmente, numa angustiante saudade.

Vejo no seu interior, antigos móveis de boa madeira, sofás de couro, ocupado pelos seus fantasmas, lustres, taças, risos que despercebidos, não imaginavam, quantas vezes, da janela, viram passar as quatro estações do ano; Quantas vezes, ouviram o apito do trem, cuja máquina, com suas fagulhas que na noite confundiam-se com os vaga-lumes.

É desta forma que vejo o LINEU— sua vida se refletindo nos objetos e nas paredes daquela casa solitária.

Um dia, após dormir até tarde, acordou para registrar a passagem do tempo. Lembrou do seu time, dos amigos, da chácara, das frutas, das pessoas, das casas e sobrados, da culinária, do tombo, da garota, da cerca de madeira cuja cor, hoje é outra. O LINEU é um álbum de postais de onde se desprende as recordações, é um vago cheiro de comida caseira, um vago cheiro de perfume campestres e de frutas, o saudoso cheiro da terra após a chuva, é um cheiro forte de caráter e de amizade.

A. Ibrahim Khouri

FLÁVIO CLETO GIOVANNI TROMBETTI PALAVRAS DO RABI

1 - O Rabi caminhava pela margem de Tiberíades, as sandálias iam deixando a marca de seus passos na areia fina; seguiam-no os Apóstolos e mais atrás a turba que clamava por seus ensinamentos.

2 - A tarde ia diluindo nas águas o ouro líquido do por-do-sol, as aves vojavam em busca de seus ninhos.

3 - Das colinas próximas descia um grupo de soldados romanos. Aproximavam-se em marcha rápida vasculhando aqui e ali o terreno.

O centurião Marius aproximou-se do Nazareno e indagou:
– Viste Barrabás?

4 - O Rabi olhou-o dentro dos olhos e respondeu:
– Não sei deste homem.

O Centurião afastou-se e os soldados passaram a indagar do paradeiro do procurado entre os que acompanhavam o Mestre. A resposta foi negativa. Ninguém vira o perigoso salteador e homicida naquelas imediações.

5 - O Rabi prosseguiu seu caminho e entrou no barco que o aguardava e um pouco afastado das margens começou a pregar.

6 - “Não se tema a autoridade ou o poderoso.” Acima de todos está a providência. Nenhum deles seria coisa alguma se assim o Criador não previsse. Quanto mais poderosos, prepotentes e perseguidores, mais terão que prestar contas no futuro. Tudo será apurado e pesado no tribunal Divino. Ali não haverá autoridade, glória e poderosos; todos serão iguais.

7 - Ouvia-se um grito ao longe. Vultos corriam de um lado para o outro. Logo apareceram os soldados trazendo acorrentado Barrabás vociferando, espumecendo e blasfemando contra seus captores e Roma.

– Malditos! Que os vermes comam seus olhos e suas línguas e as serpentes e os escorpiões suas entranhas. Morram de fome e de peste.

8 - E os soldados iam espancando e arrastando aquele homem esfarrapado, sujo e ensangüentado que resistia, a cada passo, procurando livrar-se dos seus captores.

9 - O Rabi continuou sua pregação e a multidão atenta às palavras do Mestre viu passar o prisioneiro. Logo a escolta desapareceu pelo caminho, conduzindo aquele desesperado.

10 - Disse o Rabi:

– “Esse é o homem que pode se culpar de suas faltas. É cego e surdo. Sua vida é como a folha seca que é levada pelo vento, perdendo-se nas areias e entre as pedras do caminho. Tem sede e fome insaciável na sua busca de um significado para a vida.

11 - Não tem fé, nem lágrimas, habita nas terras do desespero. No julgamento dos homens porém, será o preferido pela multidão, que nele buscará se justificar de seus pecados.”

ACADÊMICA ISABEL BORAZANIAN



CICLOS

- Outras vidas
- Outras vindas
- Outros tempos
- Outros ventos
- Outras rotas
- Outras voltas
- Outros valores
- Outros amores
- Outras vontades
- Outras verdades
- Outros cantares
- Outros olhares
- Outras maneiras
- Outras bandeiras
- Outros desejos
- Outros beijos

DECISÃO

As horas saltam
os sentimentos voam
atravessam meus sentidos
O momento é frágil
Sou vida pulsando
buscando caminho
As horas voam
Os sentimentos saltam
atravessam meus sentidos
O momento é frágil
Sou vida buscando
pulsando caminho

DESPERTA! DESPERTA!

Os instantes repicam, expandindo os sentidos
Uma onda gigantesca de emoções explode no ar
Desperta! Desperta!
Os sonhos precisam voar...
A justiça precisa ser libertada
Pra dignidade poder se instalar
Desperta! Desperta!
Homens caminham, marcando um tempo
exigindo do momento, clareza e soluções
Desperta! Desperta!
Um sopro de coragem, consciência e ousadia
derrubou a apatia, varreu a covardia
os ideais renasceram mais fortes
e se concretizaram nas ações

ENCANTAMENTO

Entre o real e o sonho
 Nas viagens do sentir
 Cada momento é mágico
 A vida volta a fluir
 Navego entre os momentos
 Tento não me perder
 A vida é preciosa
 Muito mais é o viver
 Entre o real e o sonho
 Nas viagens do sentir
 Tudo é encantamento
 O amor é a força motriz

GUERRAS

Bolas de fogo brilharam no céu
 A força do justo, perdeu-se no tempo
 Laços de amor romperam-se em gritos
 O poder cego, muitos conflitos...
 A essência que é a "VIDA"
 foi esquecida
 A criança chorou
 ficou sem guarida

EXISTE

Existe
 uma conversa muda
 que só o coração escuta
 Existe
 Uma comunhão dos sentimentos
 que só a alma percebe
 Existe
 uma intensidade no querer
 que só o viver revela
 Existe
 uma valorização da vida
 que só a dor alicerça
 Existe...

Ao povo armênio e seus descendentes

VOLTA

Rodopio em situações
 Na dança da vida
 Um passo pra lá!
 Dois passos pra cá!
 A luz da lua
 ilumina meu interior
 A noite vem
 A saudade chega
 com gosto de amor
 Então...
 A vida deu voltas
 Meu querer se soltou
 Um passo pra lá!
 Dois passos pra cá!
 A luz da lua
 aqueceu o meu viver
 A noite chegou
 O amor voltou
 Acariciou o meu querer.
 Então...
 Um passo pra lá!
 Dois passos pra cá!

social, o restrito ambiente de afetividade e a abstinência sexual, propiciadores de uma terrificante nostalgia. Um viver quase hermético. Era só plantar, colher, comer e dormir, numa seqüência de dias sem momentos de expansividade e alegria.

Vizinhos eram e até compadres tornaram-se, os sitiantes Tônico dos Santos e Amado Pacífico. Quando os vagares da roça permitiam, visitavam-se e trocavam cortesias. Era uma união fraterna, com a “famiage” dando-se muito bem. O que sobejava na sitioca de um, para o outro era carregado, numa permanente troca de gentilezas.

Tônico, beneficiado pela estiagem que favoreceu a feitura do carvão, dirigiu-se a Bom Sucesso, com o carregamento de cem sacas acomodadas no lombo da animalada que não lhe faltava, para oferecê-las a um comerciante do povoado, abastecedor das fornalhas das fábricas da metrópole.

Coincidentemente, lá estava o compadre Amado, marasmado pelo efeito dos coparrões de aguardente emborcados, olhos embaçados, fala engrolada e contatos pegajosos que tornam inconvenientes os ébrios, nos seus desequilíbrios físicos, quando querem chamar a atenção dos circunstantes.

Assistiu a toda transação e a entrega do pacote de cédulas que o vendeiro, depois de contadas e conferidas, fizera ao Tônico. Feliz da vida e metido os bagarotes recebidos nos bolsos, Tônico convidou Amado para um retorno conjunto às suas propriedades. Tencionava, o bom Tônico, tirar do convite feito dois proveitos: o de contar com uma companhia na viagem de volta ao lar e tirar o compadre da venda, antes que chegasse a um estado de embriaguez total, impossibilitando-o de locomover-se. Além do mais, o seu benfazer aliviaria de qualquer preocupação a família do compadre, pela demora em ganhar a sua casa, se na borracheira continuasse.

Puseram-se a caminho. Como próprio dos simplórios, na falta de melhores assuntos, falavam, sem parar, do negócio que o Tônico acabara de realizar. A cobiça começou a espicaçar a cachola do Amado. Acompanhando a cadência do trote das

mulas, um malvado pensamento ia ganhando formas de realidade no bestunto do Amado: e se arrancasse aquela grana do compadre? Seria uma boa, como não. E, à medida que as passadas das mulas ganhavam vigor, Amado, já refeito do torpor etílico, engendrava como realizar a sua maldade. A pilhagem já ganhara, no espírito do Amado uma fixidez inarredável. Prolongar mais o que se tudo já estava delineado na sua mente que descambara para a judiaria? Até que atinou com o que lhe pareceu, diabolicamente, certo. Convidou o compadre para um breve descanso:

– Muito bem pensado – aquiesceu o solicitado. – Mesmo porque, compadre, estou meio derreado.

Apearam. Balançando o corpo, num emolir que lhe dava a sensação de relaxamento, Tônico sentou-se na relva, encostando a cabeça no barranco juncado de tufos intervalados de capim gordura. Foi o suficiente. Amado, com a rapidez de um possuído por força satânica, meteu, com uma só e certa estocada, a lâminaafiada da sua faca no coração do amigo. O coitado teve apenas o tempo de revirar os olhos, rumo ao céu, onde adejava uma pomba à procura do ninho. O pobre campônio, com as últimas palavras que lhe saíam da boca acompanhadas de gulfadas de sangue, formulou este apelo:

– Pombinha, seja a minha testemunha.

Amado, sacando o dinheiro dos bolsos do compadre, partiu para inclinar-se sobre as águas do primeiro córrego que encontrou. Lavou a peixeira e troteou para o seu rancho. Num sorriso alvar, à medida que esporeava as virilhas da mula, resmungava:

– Bestage. Desde quando uma pomba pode ser testemunha de alguma coisa. Crime não presenciado, quem dele ousaria desconfiar?

Chegado à casa ainda teve a sofreguidão de devorar um guisado que a mulher lhe deixara em banho-maria no fogão. E foi dormir como dorme um carrasco, após uma execução, como se monstruosa perversidade que acabara de cometer não constituísse um peso, que por toda a vida haveria de lhe conturbar

a consciência. O sol já despontara prometendo um dia de intenso calor. E o Tônico não dera sinal de vida. O filho mais velho, voltando-se para a mãe aflita, deu vazão a um indesejado vaticínio: *o mais velho supôs que talvez o matador não tivesse vindo.* Sabe, mãe, num tô cum bom pressentimento. Onte de noitinha uma coruja passou piando em riba da nossa casa, como que cortando uma mortalha pra alguém. E o pai ainda num vörtô. *o mais velho supôs que talvez o matador não tivesse vindo.* Alucinada pela ausência do marido e pelo mau agouro revelado pelo primogênito, arrebanhou a filharada e foi ter no sítio do compadre Amado, em demanda de notícia. O cínico mostrou-se surpreso com o inusitado da visita, indagando o que acontecera. Aprestou-se, depois da choradeira daquela que ele já sabia viúva, a sair em caravana para chegar ao paradeiro do desaparecido. Conhecia-o ele de sobra. E, de caso pensado, foi dificultando o momento do achado. Cortaram atalhos. Vistoriaram rios. Examinaram grotões. Tangenciaram todos os locais com indagações esperanças, até chegarem ao corpo rígido da vítima da vilania do amigo. Aos gritos desesperados da comadre, Amado, numa repulsiva atitude de bandido que se faz de inocente, recostou-a nos ombros, num falso consolar, prometendo tudo fazer para que o assassino fosse descoberto e punido. *o mais velho supôs que talvez o matador não tivesse vindo.*

O tempo foi passando. A propriedade do Amado a prosperar e a da família do Tônico a entrar em decadência. O monstruoso latrocínio já caído no olvido. Apenas alguns sussurros sobre o acontecido, nas vendolas de fácil arribada e, assim mesmo, apenas quando alguém ousava tocar no assunto e nada mais. *o mais velho supôs que talvez o matador não tivesse vindo.*

Porém, a viúva do Tônico nunca esmoreceram as esperanças de que, um dia, o matador aparecesse. Aquele crime não podia escapar à ação da justiça. Deus háveria de prover para que o pérfido que lhe eliminara o Tônico mostrasse a cara facinorosa. E todas as noites, derreada da canseira do eito, porque tornara-se uma enxada obrigatória para suprir o braço do companheiro morto, ajoelhava-se ante um tosco oratório onde

ardia, permanentemente, uma velinha de spermacete que sobrepairava a uma camada de azeite depositada num copo d'água, iluminando a imagem da Virgem Santíssima, para pedir à Nossa Senhora da Conceição, a santa da sua fé e que adotara como protetora, que tornasse conhecido o autor da morte do seu Tônico, inabalável na crença de que tudo se esclareceria.

Poucos notaram que o Amado já não era o mesmo homem. Arredio, as tēmporas embranquecidas, precocemente enrugado, de loquaz que era em sorumbático se tornara. Cultivava poucos amigos, numa esquivança estranha. À família do Tônico nunca mais fez uma visita. Parecia um duende a carregar a maldição de uma desdita irremissível. Assustava-se, num retrair revelador, sempre que alguém falava em polícia ou quando esta se fizesse presente em qualquer diligência pelo bairro.

Levado pelo remorso, no aguardo de um perdão divino, pela primeira vez, em toda a sua vida, compareceu ao centro de Guarulhos, para as festas da padroeira. O máximo que suas pernas haviam alcançado, até então, foi o povoado de Bom Sucesso, para assistir ou participar da Carpição, estranho ritual que consiste em transportar um punhado de terra do lugar cavado ao do depósito, em cumprimento às promessas feitas.

Exatamente, a mesma Nossa Senhora da Conceição que a mulher do Tônico tomara como sua madrinha-protetora e a quem, todas as noites, rogava pela revelação do autor do crime que a privara do companheiro afável, amoroso e trabalhador como ninguém. Amado, de passagem por todas as bibocas que encontrava pelo caminho, não resistindo ao chamado da pinga, apeava pra um sôfrego gole de caninha. E foi, num estonteamento que lhe dava um ar alorçado, que assistiu a Santa Missa. Ouvida a palavra derradeira do oficiante – IDE EM PAZ, meteu-se num boteco que flanqueava a matriz, sentou-se para, numa só talagada, ingerir um rabo-de-galo, espécie de mistura de aguardente e vermute, muito em voga na cidade.

Eis que surge uma pomba à procura do agrado que o dono da bodega costumeiramente lhe fazia, com o aspergir de migalhas de pão amanhecido. Mas, ao contrário de bicar as

migalhas que lhe eram oferecidas, a pombinha pôs-se a esvoaçar em torno do Amado, que instintivamente, procurava repeli-la com as mãos. E ela, teimosa, a adejar em torno do matador do Tónico. Arrulhava numa impertinência que começava a dar nos nervos do patife. Aquele bichinho avivava, na sua memória, a lembrança da súplica que Tónico fizera antes de morrer:

– Pombinha, seja a minha testemunha.

E a pomba a azucrinar o Amado com a sua indesejada presença, pousava na mesa, revolteava-lhe sobre a cabeça, desviava-se dos golpes das mãos com que ele buscava atingi-la. A insistência da pombinha em importunar Amado, fê-lo entrar em pânico. – O que estava querendo aquela diaba, resmungou. Comprometê-lo? Seria a mesma pombinha que, duas décadas decorridas, invocada por Tónico como testemunha, apresentava-se, agora, para incriminá-lo? – Os borbotões de sangue vertidos por Tónico no extertor da invocação do testemunho da pombinha, numa tétrica revivescência do crime que perpetrara, obumbrava a mente do Amado. Vislumbrou uma vassoura recostada junto a uma porta, destinada à limpeza do boteco. Empunhando-a, com fúria inusitada, passou a desferir golpes a esmo na pombinha que parecia zombar da sua pontaria. E, na impossibilidade de alcançá-la, vociferou numa última tentativa de afastá-la: – Se matei o compade Tónico, também vou dá sumiço na maldita da sua testemunha.

Do boteco para a cadeia foi um passo. Nossa Senhora da Conceição, dividida entre o remorso do Amado e as prédicas da sua afilhada e pobre viúva, deu acolhida às súplicas de quem amargava as agruras da imensa saudade de um viver feliz que a ignomínia de um falso amigo interrompera. A oitiva dos que assistiram a inesperada confissão, levou o matador do Tónico, da baiúca onde consumira as últimas cachaças da sua vida, para a fria cela da cadeia pública, para o cumprimento de longa e merecida pena que lhe foi aplicada.

Numa gelada manhã de junho, quando o carcereiro aprestava-se para servir o café aos presos, deparou com a tétrica figura do Amado enforcado nas grades do xadrez.

Do lado de fora, uma pombinha arrulhava na contemplação do triste fim que o desalmado tivera.

SANTA PRESENÇA

Política tem dessas coisas. Dias de glória intercalados com dias de infortúnio. Aplausos hoje, acrimônias amanhã.

João Belarmino era o chefe do partido do governo na cidade de Lambarato. Não perdia eleição, fosse qual fosse o opositor. A todos infringia derrotas fragorosas. Sempre ao lado da situação porque, como costumava dizer, não era besta de ser do contra porque quem tem a força tem o direito e tudo o mais. Sobejava-lhe jactância com a mesma intensidade com que lhe escasseava a tolerância. Temido por muitos e adorado por outros tantos, era Deus lá e ele cá, no acudir as pessoas nas suas prementes necessidades. Esse laivo caritativo esvaecia, transformando-se em rancor, quando era contrariado nas suas predileções eleitorais. Bazofiava o prestígio que se arrogava na unanimidade dos votos que carreava para os dirigentes partidários, o que lhe valia a recompensa de ser atendido, com primazia, nas suas pretensões. Quando alguém esbarrava em algo difícil de alcançar, junto a qualquer repartição pública, seguia os conselhos dos cabos eleitorais de João Belarmino que andava nos comes e bebes pelos botecos da cidade:

– Pede pro coroné Belarmino que ele resorve. Cavava nomeações. Era solícito no interferir em favor das cidades vizinhas, sem a representatividade por ele desfrutada.

Contudo, nem tudo o que o homem quer, alcança. A sorte não lhe fora generosa ao negar-lhe uma prole numerosa, como de seu desejo. A mulher dera-lhe um único filho.

Batizou-o, como imposição sempre aceita, com o nome de Apóstolo. E não é que o filho saiu, não ao pai, mas ao nome que lhe conferiram? Atencioso, calmo, sem veleidades políticas, era, todo ele, dedicado à terra que o genitor mantinha, a poucas léguas do centro urbano mais próximo. Chamou para si a responsabilidade de gerir a fazendola que tinha um pouco de tudo: alentada fartura, uma roda d'água a fornecer-lhe o fubá pilado pelo velho, mas eficaz monjolo, e algumas vaquinhas com leite bastante, não só para o consumo diário, como para a feitura de queijos que a mulher do Apóstolo, com ele recém-casada, sabia fazer como poucos.

A transferência obrigacional de cuidar das terras herdadas ocorreu de maneira trágica e brutal. Nas idas e vindas a que o obrigavam as reuniões políticas, certa tarde, quando de regresso à sitioca, o coronel Belarmino que tinha tanto de empáfia como de corpulência, mamilos encostados à direção do jipe, deparou com um imprevisto. Ao chegar numa curva fechada que tornava dificultosa a visibilidade, deu com alguns homens abrindo uma valeta bem no meio da estrada. João Belarmino estacionou o veículo para certificar-se que trabalho era aquele e quem o determinara? Mal havia dado os primeiros passos e proferidas as primeiras reprimendas sobre a obra que lhe parecia absurda, uma saraijada de balas varou-lhe o corpo. Fora emboscado a mando da facção política que lhe fazia oposição. Os executores da funesta empreitada, mais que depressa, como soi acontecer com os covardes que matam pelas costas, embrenharam-se na mata, em fuga, deixando à margem da estrada, em supinação, o corpo do infeliz, numa vasta mancha de sangue gorgolada pela boca entreaberta num ricto agônico.

Com a morte do velho chefe, ofereceram ao Apóstolo o comando político de toda a região, em sucessão ao falecido. Recusou peremptoriamente. Aos que o procuravam, com o intuito de demovê-lo, respondia sempre com mansuetude e firmeza: Nada de política. A minha vida, levá-la quero na paz do Senhor, de maneira tranqüila e descompromissada. O meu mundo, diferentemente do trilhado pelo meu pai, que Deus o

tenha, é este pedaço de chão que dele herdei e vou bem cuidar para viver sem apoquentações, a minha mulher mais eu.

Nem por isso a casa do velho político esvaziou. Continuou hospitaleira e amiga. Sem a presença do atrabiliário chefe que, às vezes, negligenciava dos seus negócios para meter-se em tratantadas para prejudicar os adversários, tornou-se um recanto de amigos certos e não de uma malta de aproveitadores ocasionais. É que Apóstolo carregava nas veias o senso de liderança. O genitor era temido pelo caciquismo. Ele, ao contrário, sabia fazer amigos, com receptível habilidade, quando era procurado para a obtenção de algum favor ou mesmo para um informal bate-papo.

E, assim, ordenando as vaquinhas e metendo o monjolo a funcionar para a obtenção do fubá cheiroso que era transformado no pão de cada dia, e deliciosas broinhas de dar água na boca, ia tocando a sua vidinha.

Como todo bom campônio, era profundamente religioso. Aos domingos, infalivelmente, demandava à missa pilotando a charrete, com a mulher na boléia, para comunicar-se com a sua santa favorita – Nossa Senhora da Conceição. Prostrado a seus pés, agradecia as mercês recebidas e implorava para que a ambição e o malfazejo jamais o afastassem do caminho da solidariedade, da bondade e da caridade. Que a sua mesa fosse sempre farta para todos que dela se acercassem. E, mais do que tudo, que a Virgem Santíssima lhe desse filhos belos e sadios, benesse negada ao pai, que somente a ele tivera.

Quem depreca com ânimo sincero, cedo encontrará apoio às solicitações que fizer. Não tardou para que a mulher, como benção divina, lhe desse a notícia da gravidez. Apóstolo exultou. Era o primeiro filho a caminho. A partir de então, sempre desvelado, passou a extremar-se no desvelo para com ela. Poupava-lhe os trabalhos mais pesados. Carinhoso, evitava deixá-la em estado de exaltação ou nostalgia.

Até que, à véspera do Natal, a mulher começou a sentir os primeiros sintomas do parto. Dores que iam e vinham faziam-na estremecer. Eram os sinais típicos da parição. Apóstolo

apressou-se em procurar socorro médico mais próximo. Aparelhou o cavalo. Meteu-o nos varais e, a toda brida, foi a cata de ajuda. Recomendou à compassiva companheira paciência porque logo estaria de volta.

Já retornava quando, de tranqüilo, o céu começou a enfarruscar. Prenúncio certo de tempestade, Apóstolo acicatou as ancas do animal, exigindo-lhe uma andadura mais apressada. Quando aproximava-se da fazendola, eis que o vento em fúria começou a fustigar-lhe as faces e as do médico que, solícito, o acompanhava. A borrasca recrudescia num bramir de trovões e coriscar de raios. Até que não deu mais para prosseguir. Prudentemente, estacou o tropel do animal. Precaveu-se ao amarrar as rédeas no tronco de uma árvore. Ao lado do médico, encolheu-se todo sob a cobertura de um encerado. A tormenta demorava a passar. Já impacientava-se quando um clarão anunciou o fim do toró. Apóstolo retomou, mais que depressa, a caminhada. Urgia assistir à mulher. Ainda zuniam-lhe nos ouvidos os gemidos pungentes da esposa. Não podia ela, naquele estado de aflição, ficar sem a mão amiga que conforta, anima e ampara.

Mesmo contra a vontade, porque não era de maltratar os animais, chicoteava o cavalo para que aligeirasse o trote. Patear que esguichava as águas barrentas do enxurro que deslizavam pelo leito da estrada, salpicando-lhe o rosto.

Sentiu-se aliviado com a visão da casa bem no meio do arvoredado que farfalhava num despojar generoso das últimas gotículas da chuva.

Esbaforido, empurrou a porta que estava destrancada, tal como a deixara. A quietude impressionava. Nem os gemidos da mulher e tão pouco os vagidos de um recém-nascido. Preocupou-se com o silêncio. Aterrava-lhe a possibilidade de um acontecimento desastroso. Com passos espertos foi entrando numa celeridade incontida. Chegou ao quarto. Para espanto seu viu, na cama, toda arrumadinha e sorridente, num gracioso recostar, a mulher, com o filho no colo, mamando gostosamente.

Apóstolo relanceou os olhos até o canto em que o médico

permanecia atônito, sem atinar por que os seus préstimos não eram mais necessários. Com voz embargada, qual um soluço inaudível e com os olhos onde as lágrimas tremelicavam, a mulher começou a falar: sentindo-se sozinha, só restava implorar à Nossa Senhora que não a desamparasse. Quando assim suplicava, a porta abriu-se num clarão que obumbrava a visão, a cabeça envolta numa rútila auréola, uma mulher de refulgente beleza fez-se presente. Com passos lentos e macios, aproximou-se do leito em que ela gemia, contorcendo-se em dores. Silenciosa, com mãos sedosas, encarregou-se do parto. Num arrebatamento confortante, apanhou entre as suas, as mãos da que estava prestes a colocar no mundo o ser que lhe avolumava o ventre. Súbito, um gemicar suave substituiu as plangências doridas. Tratou do umbigo da criança. Higienizou-a, envolvendo-a numa manta para mantê-la aquecida. Desvelou-se no trato da mãezinha banhada na plenitude de uma felicidade incontida. Fê-la permanecer deitada, sem receios. E como chegara partiu num aceno de bondade e amor. Era a Mãe de Jesus que atendera-lhe o chamado.

Apanhando o filho, ainda berrando e inundado numa discreta ruborização própria dos recém-natos, Apóstolo ergueu-o emocionado aos gritos:

– Este Menino se chamará Jesus. Obrigado, Senhor, pelo melhor presente de Natal de toda a minha vida.

JOSÉ LUIZ NEGREIROS



DIÁLOGOS DE AMOR

Ouve-se um bater suave e seqüenciado na porta da sala.

—Érico, pode entrar!

—Érica, boa-noite! Como vai a mulher de minha vida?

—Aparentemente, não melhor que você. Este entusiasmo todo é por que hoje é sábado ou por que você me ama?

—As duas coisas, querida, as duas coisas. Puxa! Por ser nove horas da noite, ainda, já impressiona o movimento lá fora. Para subir a Tiradentes, demorei mais de quinze minutos! E você sabe, moro no Bom Clima. Não estou a mais que três quilômetros daqui. Dei azar e peguei uma maré vermelha nos semáforos até aqui, na Praça Getúlio Vargas. Depois, essa molecada toda, de carro, não sabendo exatamente para onde vai. Não apenas os sabadeiros, mas também os domingueiros, sem contar os motoqueiros e perueiros, está todo mundo na rua. Impressionante! Guarulhos realmente vai precisar muito de seu serviço de trânsito. O próprio elevador aqui, do Edifício Nahim Rachid, está muito concorrido. Tive de esperar mais de

cinco minutos para chegar ao seu décimo segundo andar!

_É verdade, Érico. Não contei o tempo. Mas você demorou mesmo para subir, desde a sua anúncio pelo Zélio, nosso porteiro de plantão hoje.

_Caramba, estamos nos falando e nem nos beijamos ainda. Boa noite, minha querida. Smac!

_Então, querido. Então vamos ficar aqui, na maior curtição, este sábado...

_Érica, oras, este é o seu plano para este sabadaço? Saiba que eu tenho um programa muito melhor para hoje. Você leu o Olho Vivo deste sábado?

_Não, hoje, não. Abasteci meu carro ontem e normalmente pego o jornal no posto de gasolina. O que o jornal traz de especial na edição de hoje?

_A cidade tem muito boas atrações para divertimento hoje. Aos poucos, Guarulhos está saindo do casulo, que a isolou no tempo e no espaço por quase uma eternidade...

_Que exagero, Érico!

_Pode até ser, Érica. Mas por muitas vezes não me conformo em ver nossa cidade, a segunda maior do maior estado da federação, ficar tão isolada do contexto sócio-cultural. Essa coisa de vocação para dormitório é coisa que não tem a ver. Dormitório é coisa de asilo, de pensão, de albergue, sei lá. Há que se fazer da proximidade de São Paulo uma coisa boa, não um destino de coadjuvante. Podemos ser realmente grandes, atraentes, chamar atenção de nossos irmãos e de todos os irmãos do mundo. E não apenas pelo aeroportão nosso...

_Você tem razão, mas, fale-me das novidades publicadas no Olho Vivo!

_Sim, bem, por exemplo, a Mansão...

_Mansão, aquela casa de forró lá embaixo, perto de sua casa?

_Sim, esta mesma. Mas por que este tom de espanto e alguma censura. Alguma coisa contra a Mansão?

_Bem, quero dizer, não exatamente. Mas, enfim, que há de especial hoje para acontecer na Mansão Danças?

_Então, Érica! Não sei se você sabe. Mas quase toda semana a Mansão traz atrações de fama nacional, para fazer shows na casa. Hoje, por exemplo, vem um grupo muito famoso do Ceará. Ai, Deus, como é o nome mesmo? Chi, apagou o nome do conjunto de minha memória...

_Você não está com o jornal?

_Não, deixei-o em casa, junto com outras publicações na cestinha do centro de minha sala. Ah!, não me lembro do nome do conjunto, agora, mas eu me lembrei do refrão do principal sucesso deles.

_Não entendo quase nada de forró, mas cante aí, para que eu tente descobrir.

_É um forró muito legal, meio malicioso, o que é uma característica brejeira e especial deste gênero musical. O refrão é mais ou menos assim: "Ou boto, ou não boto? Ou boto, ou não boto?"

_Ah! Ah! Ah! Que coisa maluca, Érico! E como continua?

_Bem, bem, ah, sim. O cara canta "Ou boto, ou não boto?" e a menina responde "Tô com medo!", e o cara "Ou boto, ou não boto?", a menina "Tô com medo..."

_Ah! Ah! Ah! Érico, meu querido. Você enmalucou mesmo, se você me permite o neologismo. Que coisa mais bizarra e inculta! É a isto que você quer assistir hoje?

_Qual o problema, Érica? Saiba que o forró, depois da descoberta dele por parte dos metidinhos do sudeste, a partir das viagens a Porto Seguro, ganhou ares de nobreza, sendo até rotulado como forró universitário.

_Ah! Você cita o Fala Mansa, este sim um excelente conjunto...

_Tão forrozeiro como os outros atuantes por aí. Érica, esta é uma excelente oportunidade para fazermos uma boa reflexão sobre alguns valores de nossas vidas.

_No sábado à noite? Isto não é assunto para se discutir nos domingos à noite, depois do Fantástico?

_Não brinque, querida, estou falando sério. Parece-me ser este um momento interessante, em que podemos falar de coisas

por vezes margeadas de nossas ações principais nesta vida.

_Tudo bem. Sua dúvida é se você bota ou não bota. Quiá! Quiá! Quiá! Desculpe-me, amor, mas não consigo me segurar!

_Passou o transe ou ele vai durar mais alguns instantes?

_Ah! Ah! Ah! Ah! Tudo bem, amor. Passou, passou... Ah! Ah! Ah!

_Serei prático, vou à cozinha buscar alguma coisa para você beber e se recompor. Ah, Guarulhos amada! Nunca me canso de elogiar a paisagem que temos daqui do décimo segundo andar. A gente vê a Praça Getulio Vargas, a Tiradentes, que se afunda rumo à Cumbica, as pessoas circulando, o ritmo de nossas ruas centrais, as luzes da querida terra nossa e daqueles que se foram. E este sábado está me parecendo tão genial, com sensações imprevisíveis a proporcionar-nos. Sinto que será hoje! Mas, meu bem, que você quer beber?

_Deve haver uma garrafa com suco de maracujá pronto na porta da geladeira...

_Suco de maracujá, Érica? Precisamos, isto sim, de batida de amendoim!

_Para ver se você bota ou não bota? Ah! Ah! Ah!

_Érica, Érica...

_Querido, querido... Meu querido, meu amado. Um suquinho de maracujá vai muito e bem agora!

_Faço isto porque amo você. Faço isto porque minha vida é você. Faço isto porque temos um projeto de vida, que, aliás, quero vê-lo concretizado antes que você complete trinta e um anos.

_Que há de errado com meus quase trinta e um anos?

_Nada! Nada que afete sua beleza, sua juventude, sua gostosice e a alegria de viver. Mas tenho um plano. Temos um plano! Não sei o que falta para que ele se realize logo.

_Érico. Não faz onze meses que meus pais morreram. Sabe como isto me faz mal e está sendo difícil de superar.

_Por isto estou a seu lado e assim estarei pelo infindo caminho da eternidade...

_Sei de seu amor por mim, e você sabe que sou recíproca

a você com a mesma intensidade. Temos estado juntos estes anos, não é verdade? O amor, pleno, sincero e belo, tem feito parte de nossas vidas, com muito encanto e doçura. Talvez não saibamos quantificar a grandeza de nossa felicidade...

_Érica, meu amor. Deve ser meu espírito de pequeno empresário, que tem mania de organização. Precisamos cuidar dos papéis, juntarmos-nos de vez. Lá se vão mais de oito anos. Meus trinta e quatro anos parecem começar a ter peso em mim...

_Bobagem, Érico, amor meu, alma gêmea minha. Você está cada dia mais jovem. Os negócios de sua empresa estão caminhando muito bem. Começa a ganhar fama e furar fronteiras as massas para pastéis "Latina XXI". Há projetos mais urgentes do que juntarmos nossos trapos agora. Eu aqui, no centro, você lá, no Bom Clima. Uns trezinhos quilômetros nos separam. Esta sensação de você chegar, de eu aguardar você, tudo isto me renova e me faz sentir uma adolescente. Até parece que eu moro na Vila Galvão...

_Ah! Ah! Ah! Esta foi muito boa. O Lineu Aceiro, se ouvisse esta, acharia uma citação ótima...

_Então, meu querido. É claro que quero ter você ao meu lado, para sempre, dividindo espaço e somando nossas vidas. Mas não me parece ser, ainda, o momento. Mas, afinal, que você está fazendo com a jarrona de suco de maracujá, que não me serve, afinal? Vamos lá!

_Ou boto, ou não boto? Ou boto, ou não boto?

_Ah, amor meu, bote logo, bote logo, o suco! Ah! Ah! Ah!

_Querida, vejo que a tevê está ligada no Telecine Classic...

_Ah, sim! Pelo que pude pegar na programação de hoje, uma seqüência de ótimos filmes vai passar logo mais.

- Quais seriam, Érica?

- Eles vão passar "Os Pássaros", depois "As Duas Faces de Eva" e, em seguida, "Titanic" na versão, aquela em preto-e-branco, da década de quarenta.

- São excelentes filmes, sem dúvida. Mas reconheço que eles não estão em sintonia comigo esta noite. Hoje quero viver o clima e a emoção de nossa cidade. Do povo feliz, alegre,

cantando e dançando o ritmo brasileiro. É uma coisa mágica, Érica. Quero vivenciar o sentimento do povo, estar de perto para acompanhar como é a felicidade de nossa gente, curtindo a noite, com limites no bolso, mas com o coração escancarado.

_Érico, você andou comendo pastéis na Rua Dom Pedro?

_Ah, querida, nada está errado comigo. Aliás, uma das coisas que me contenta, por vezes, é alimentar-me com misto quente e vitamina de mamão na lanchonete ali embaixo, ao lado do Nahim Rachid. As coisas simples cada dia me fascinam mais. Além disso, você tem uma origem muito parecida com a minha e com a do povo de nossa terra. Nossos pais foram batalhadores, construíram vidas exemplares, criando as melhores condições de melhoria, tanto para mim quanto para você. Você teve uma ótima formação. É uma excelente professora de Geografia...

_Não tão brilhante quanto é o Professor Milton Ziller...

_Bem, este é um ícone da cidade. Se você está de licença, atualmente, é por uma razão muito bem justificada.

_Ainda bem que você se lembrou do problema, Érico. A torção de meu joelho, que me levou a ficar quase dois meses afastada da escola. Estou quase boa. Espero ter alta nos próximos dias. A fisioterapia está funcionando bem. Já estou caminhando normalmente. Mas seria impossível dançar forró com você. A propósito, nunca dancei forró direito em minha vida.

_Mas seria fácil, Érica. Poderíamos ensaiar um estilo de dança diferente, que eu vi outro dia na televisão. A menina bota os pés dela sobre os pés do parceiro, e todo o esforço da movimentação fica por conta do rapaz. Acho que será um sucesso, você vai ver...

_Querido, há sentido em sairmos para dançar, quando nem tenho ainda condições físicas totais? Nunca fui à Mansão Danças. A casa deverá estar plena de gente, mal poderemos nos movimentar direito. Vai que eu torça o joelho novamente. Como irei me explicar ao médico e à diretora da escola?

_Érica, algo me incita a ir ao forró hoje à noite. Não teria sentido sair sem você. Mesmo que fosse mais para apreciarmos

a festa, o show do conjunto. Precisamos conhecer mais de Guarulhos e do povo daqui.

_Até entendo seu interesse sociológico, pois você é um empresário em crescimento, e os estudos de mercadologia na faculdade precisam ser constatados na vida real, vez por outra. Muito bem, enquanto tomamos este delicioso suco de maracujá, que tem um formidável efeito relaxante, assim seja, vou-lhe dar uns vinte minutos. Pode fazer o maior discurso que você puder neste tempo, a fim de me convencer a sair de casa, em vez de ficarmos aqui, vendo os clássicos maravilhosos do cinema, comendo pizza de frango com requeijão, deixando a noite, suas personagens e o friozinho de outono do lado de fora.

_Não exagere, Érica querida! Ouvi no rádio, quando vinha para cá, que a temperatura estava beirando os vinte graus. É um pouquinho mais frio que a cabina de um 737...

_Pois muito bem, fã das aéreas, como diriam os jornalistas de hoje, seu tempo está passando. Concedi-lhe minutos mais do que uma pessoa envolvente precisaria para convencer outra a fazer uma coisa desinteressante. O tempo passa no paço!

_Sim, majestade, Rainha Érica I, do Reino de Hollywood!

_O tempo quem está perdendo é você. Mesmo porque, daqui a quarenta minutos começa a exibição de "Os Pássaros", no Classic. Se formos sair, precisarei de alguns minutos para a produção feminina básica. Isto se seu dom persuasivo estiver bem afinado. Apesar do produto que você quer me vender, ou boto, ou não boto, ah, não acredito!, este produto não seja lá aquelas coisas realmente sedutoras...

_Érica. Se fôssemos avaliar sua vida com às de outras pessoas deste tempo, certamente estaríamos convencidos de que você tem privilégio legado a eleitos. Vejamos, você mora aqui, no Nahim Rachid, um dos prédios mais confortáveis e tradicionais de Guarulhos. O apartamento é seu, pode desfrutar dele e dos cento e cinquenta metros quadrados dele na maior. O local onde você trabalha fica a menos de um quilômetro e meio daqui. Até é possível ir a pé ao Conselheiro Crispiniano, uma das escolas públicas de maior prestígio da cidade. Sob o

ponto de vista prático, você tem uma vida amena, quase sem riscos, ou seja, tem onde morar, e seu emprego é estável, pois você mereceu esta situação, pois passou com méritos em um concurso público para efetivação do cargo de professor. Por razões superiores, acima de nossa compreensão, seus pais morreram há quase onze meses. É um grande choque para qualquer pessoa uma perda destas. Mas você tem superado bem, já que a Érica que eu amo tem uma compreensão superior da vida e da morte. No entanto, minha caríssima, creio que, nas alturas deste 2.005, é necessário que comecemos a desenhar melhor nosso futuro próximo e o que virá depois. É legal vir aqui, namorarmos, passar horas agradáveis. Mas não tenho dúvida que estamos dando um caráter muito transitório em nossas vidas e, por extensão, em nosso relacionamento. Não se trata de ter uma obsessão com o tempo, temê-lo ou ser cúmplice dele. A verdade é a necessidade que penso que tenhamos no sentido de amarrar melhor os nossos planos, nossas vidas e encetar um plano mais claro para amanhã e depois de depois de amanhã, enquanto tivermos crédito com o Criador. Reconheço que meus trinta e quatro anos me preocupam, como também começam a me preocupar seus trinta e um. O ciclo biológico viaja a uma velocidade mais rápida que imaginamos. Depois, a gente vai ficando velho, e iremos perceber que o tempo engoliu uma grande parte de nossos planos.

_Compreendo perfeitamente, Érico, suas preocupações. Mas ainda você não conseguiu encaixar a ida ao forró da Mansão Danças com seu belíssimo discurso.

_A ida à Mansão Danças, Érica, é mais um símbolo de uma proposta de mudança a ser colocada em nossas vidas. Precisamos agitar!

_Uma agitação como a de um liquidificador, barulhenta e efêmera, criadora de espumas e de barulhos breves? Isto é realmente que conta, querido? Que há de errado com nossa paz e com nosso amor? Afinal, a vida não é feita basicamente de rotina? Os momentos mágicos não seriam apenas a cor diferente do quadro, que só pode ocorrer de vez quando, pois o homem

não está preparado para viver emoções constantes? Mas, desculpe-me, quebrei seu discurso pró-forró, tentando colocar você onde você está agora. Na minha casa, em nosso território, a fim de curtir belos filmes de um passado glorioso da história do homem.

_Longe de mim querer importunar você, querida. Mas, voltemos à estratégia para convencer minha amada a ir comigo ao forró. Somos guarulhenses da gema e da clara, correto? Sempre vivemos aqui, construímos nossa história neste espaço da Terra e, de uma maneira muito firme e especial, temos dado nossa contribuição para que Guarulhos ocupe o lugar que merece. No entanto, não me parece claro que esta contribuição esteja sendo de acordo com nossas reais potencialidades.

_Nossa Senhora! A coisa está ficando complicada, forrozeiro militante!

_Érica, de que maneira podemos ajudar para o mundo ficar melhor?

_Fazendo o melhor que pudermos. Não nos podemos esquecer dos limites naturais nossos.

_Você tem razão. Mas quais seriam estes limites?

_Aquilo que podemos realizar, oras!

_Você é feliz nesta vida Nahim Rachid/Conselheiro Crispiniano/Nahim Rachid, que vem acontecendo nos últimos anos?

_Por que não seria, afinal? Estou fazendo meu trabalho, estou bem de saúde, as pessoas gostam de mim, tenho o respeito de meus alunos, dos colegas de trabalho, da direção da escola. Aqui no prédio tenho bom relacionamento com as pessoas. Você está em minha vida, amamo-nos verdadeiramente, as coisas caminham bem. A paz está presente aqui, e não há nada de grave acontecendo com que possamos nos preocupar.

_Érica, querida, você percebeu como o mundo e nossa cidade estão mudando em uma velocidade espantosa? Este paradigma de mudança pode nos afetar a qualquer momento. Temos de estar preparados para ele.

_Perfeitamente, meu caro. E esta mudança implica irmos

ao forró, balançar as cadeiras, a fim de nos sintonizarmos com o tempo novo declarado por você.

_Ir ao forró nem é tão importante quanto evoluirmos neste diálogo agora...

_Ainda bem que é um diálogo de amor...

_Sempre será, Érica. Temos muito o que fazer juntos nesta vida...

_Como ganhar uma boa grana juntos e colocarmos alguns descendentes no mundo... Brincadeira! Brincadeira! Não me olhe com essa cara e com esses olhos azulados de censura...

_Érica, vou ao banheiro, pois me deu vontade de fazer pipi.

_Você conhece a trilha.

Algo como vinte minutos se passaram, desde que Érico foi fazer a toaleta. Érica não se incomodou nem se preocupou, pois está em casa e em paz. Sua atenção se volta para as imagens da televisão, que irá passar logo mais os filmes do gênero preferido dela: produções de um tempo que se foi. A atenção da mulher é transferida para o soar do telefone.

_Alô! Sim, pois não. Áurea! Olá! Como vai você? O Paulo está bem? É. É verdade. Com esta história de minha licença acabei me afastando um pouco das pessoas e da vida social. Mas, o que você me conta? Como? Vai haver uma noite especial na boate do Recreativo? O que haverá lá? Noite de Glenn Miller e das Big Bands? Que legal! Vai ser som de fita, isto é, de CD? Se eu e o Érico estamos disponíveis? Bem, amiga, não exatamente. Estou quase boa do joelho, mas ainda não estou cem por cento. Sem dúvida, sem dúvida. A atração do Recreativo é muito dez, mas acho que não vai dar. É melhor eu não correr riscos agora, no momento que estou praticamente voltando à escola. Ficar no Recreativo mais sentada que dançando? Vendo os outros dançarem? Se o Érico dançar com outras tudo bem, já que eu sou uma mulher evoluída? Áurea, considero este último comentário uma brincadeira sua. Naturalmente que procuro acompanhar meu tempo, a evolução e estas coisas todas. Mas não estou a fim de testar a fidelidade do Érico à toa. Sei do

charme de meu namorado, como também sei da voluntariedade das meninas de Guarulhos. É melhor deixar esta oportunidade do baile do Recreativo passar e aguardar outra oportunidade em futuro breve, quando eu estiver a toda prova, a qualquer tipo de prova. Naturalmente você me entendeu, querida. Obrigada pela lembrança e pelo convite. Cuide bem do Paulo, viu? Um grande abraço a você e outro ao Paulo. Depois você me telefona e conta como foi a noitada no Recreativo. Inclusive se aconteceu alguma zebra, você sabe como é, não é?

_Era a Áurea, querida?

_Sim, Érico. Estava nos convidando para um baile, hoje, na boate do Recreativo. Será uma coisa aconchegante, para poucas pessoas, ao som do Glenn Miller...

_Que você falou para ela?

_Falei-lhe de meu joelho, e que tínhamos outros planos...

_Oba! Vamos ao ou boto, ou não boto!

_Érico. Puxa! Mas você é persistente mesmo! Mas, digame: foram pregos ou arame farpado?

_Érica, que falta de delicadeza! Se você não fosse minha namorada, e eu não estivesse em seu apartamento, eu mandaria você à...

_Pare! Pare! Estou apenas brincando, pô! Você disse que ia fazer pipi e demorou mais de vinte minutos!

_Isto é preocupação ou vigilância? Ou seria uma amostra grátis de como será nossas vidas quando estivermos juntos?

_Não radicalize, Érico! Quando você começa assim, nem o diabo agüenta! Mas já que perguntei, vou insistir. Por que a demora?

_Érica, tenho trinta e quatro anos, uma belíssima namorada, e o banheiro não é um local para resolver qualquer tipo de problema. Demorei porque, repentinamente, sei lá, ué...

_Está bem, está bem... Você não precisa explicar nada. Importante é que você está bem e, epa, com um penteado diferente. Que deu em você? Agora percebo! Você penteou seu cabelo para trás em vez de mantê-lo de lado, como você sempre usou. Por quê, por quê, por quê?

_Consegui atingir um de meus objetivos!

_Qual, enfim?

_Inserir você no contexto da mudança! Uma mera troca de penteado já serviu para abalar suas sólidas estruturas! Oba, eu sou bom nisto mesmo!

_Bom! Quanta pretensão e tão pouca conclusão! Natural que eu tenha percebido a mudança de cara sua. Isto é feminino e é um fato. Se as mudanças pretendidas por você forem desta qualidade, é melhor juntá-las no balaio e jogá-las no lixo para reciclagem... Érico, daqui a pouco começa a exibição de "Os Pássaros". Vamos deixar esta conversa para outro dia e curtamos o excelente filme do Classic...

_Tudo bem, Dona Érica. Combinado. Você vê "Os Pássaros" em sua janela eletrônica, e vou ver se eu boto ou não boto. Assim fica bom para você?

_Érico!

_Érica!

_Você está me obrigando!

_Obrigando a quê?

_A mandar você para pqp!

_Quanta doçura! Por que você não decodifica este pqp e fala a expressão literalmente?

_Ora, seu, seu, seu!

_Plim! Plim! Isto é frase de plim plim e não de uma intelectual guarulhense!

_Vá se f... Ai, meu Deus, quase que eu falo. Isto não ficaria bem em texto da revista da Academia...

_Mas aqui não é um texto da Academia. Aqui é a nossa história e é real. Fique com "Os Pássaros" e tenha uma boa noite, se isto é possível. Ah, sim! Não vou bater a porta porque sou civilizado e não quero dar mais prejuízos a você, além daqueles contabilizados nos últimos oito anos. Passe bem. E não estou falando de suas roupas!

Antes que Érica pisque os olhos três vezes, Érico desaparece porta afora. Se ele cumprir o falado, irá rumo à Mansão Danças e à sensacional noite de forró da famosa casa guarulhense.

Pernas de moças e as próprias caminham em ritmo frenético pelos arredores da Praça Getúlio Vargas. A meia-noite já passou. Existe um movimento diferente agora. Guarulhos tem aspectos singulares. Talvez seja porque um dia nossa cidade foi pequena e, a partir da Via Dutra, começou a crescer sem parar mais, atingindo seu ápice em 1985, quando aqui foi inaugurado o Aeroporto Internacional de São Paulo/Guarulhos, hoje redenominado como André Franco Montoro, ex-governador e exemplo de figura humana. Voltando à meia-noite, a descrição do movimento das moças e dos moços seria como se fosse uma outra ocupação da cidade. Quase nada da cidade funciona agora, além de alguns poucos bares, as casas de dança noturnas, farmácias de plantão e os prontos-socorros. O povo caminhante nas ruas veio com a noite. Parece não pertencer necessariamente à comunidade cotidiana, mas estas moças e moços ocupam espaços centrais da cidade como se fossem estrangeiros, que acabaram de dominar a terra. Os carros subindo e descendo a Avenida Tiradentes não destoam da rotina do dia. Apenas, neste momento, estão em quantidade menor, andam em maior velocidade e não respeitam a sinalização dos semáforos. Não existe algazarra ou risco para a segurança pública. Cabe à polícia observar, de seu posto-base, a movimentação dos jovens dentro da noite. Para as bandas da parte sul da cidade, em direção à Via Dutra, o movimento é menos interessante. Partem aqueles que não são daqui. Provavelmente aqui estiveram para filar bóia de amigos ou parentes. Satisfeitos e alimentados, todos foram embora. Mas os moços continuam por aqui. Certamente eles vieram do norte. Dos bolsões populares do Taboão e bairros além. Esta turma animada que cria a noite agora. São jovens sonhadores, que trabalharam os dias úteis e tentam dar cor aos dias inúteis, segundo a visão distorcida e superada do velho capitalismo. Os rapazes e meninas passeiam pelo centro com animação. Na porta dos clubes existe uma grande agitação. À exceção do Nahim Rachid, a área central da cidade é composta por prédios oficiais e do comércio. Poucas pessoas poderiam ser incomodadas agora.

A animação dos jovens não supera os decibéis determinados pela lei. Então tudo está muito bem, tudo está normal. Mais abaixo, muito provavelmente acontecerão alguns rachas na Paulo Faccini. É o retrô da Vinte e Três de Maio do final dos anos sessenta e início da década de setenta em São Paulo. A polícia tem coibido, a coisa parece estar sob controle agora. Se alguém for rachar com seu carango, correrá o risco de tomar uma bela de uma multa e ver o veículo apreendido sem outras concessões. A madrugada de outono mistura a sonolência dos diurnos com a exaltação dos noturnos. Ainda são visíveis muitas janelas com luzes, indicando uma razoável audiência das televisões. Não dá para perceber se alguém está sintonizado no Novo 58 ou no canal local da Big TV. As maiores probabilidades de acerto estão para o filmeco da Globo ou o pretenso filme sexy da Bandeirantes.

Érico guardou seu carro em um estacionamento ao lado da Mansão Danças. Como o local é muito apertado, o estacionamento é uma excelente opção para quem quer proteger seu automóvel. A maioria dos frequentadores da Mansão vem de ônibus ou mesmo a pé. A casa deve estar literalmente lotada. Uma multidão está do lado de fora. Não dá para concluir se este povo está ali para paquerar, arrumar companhia ou para fazer hora, enquanto o pessoal do Caviar Com Rapadura começa o show. Há muita animação lá dentro, ouve-se som de música ao vivo, mas deve ser algum grupo fazendo escada para a breve entrada do Caviar. Se for possível fazer uma contagem com alguma precisão, cerca de duzentos seres humanos estão do lado de fora da casa. Um mundaréu deve estar lá dentro, já curtindo a grande animação da noitada. Este texto não vai utilizar a palavra balada, pois esta carrega uma dose considerável de libertinagem. Os antigos haverão de compreender e associar esta nova expressão da moda, balada, com as denominadas festinhas de embalo, que eram reuniões destinadas a funções do mais baixo nível comportamental. Pó voando, copos quebrando, um cheiro de hormônio humano no ar, era coisa de louco estas festinhas de embalo de trinta a quarenta anos atrás. O namorado

da Érica, par perfeito da moça até pelo nome, depois de guardar seu carro, foi à frente da casa, à busca de um ingresso para curtir o forró, coisa que ele não faz desde Porto Seguro, quando virou moda comprar pacotes turísticos relativamente baratos na década de noventa. Érico aprecia todos os tipos de música, desde que ela pressuponha ter a virtude da inspiração e da qualidade. Em seu trabalho, tanto dentro da pequena fábrica de massas como quando sai para contatos comerciais, Érico gosta muito de ouvir música. Prefere as sete notas às notícias mundanas do planeta. Estas, ele deixa para tomar conhecimento no computador ou à noite nos jornais da televisão. No meio da genterada toda, o herói desta história procura, com paciência, chegar ao guichê da casa, a fim de comprar o esperado ingresso.

_Boa noite!

_Boa noite!

_Você ainda tem ingresso disponível para o show do Caviar Com Rapadura?

_Sim, alguns ainda estão disponíveis. Você tem companhia feminina? Ainda dá para entrar com uma sem pagar a entrada dela.

_Obrigado pela informação. Mas estou só. É apenas um ingresso para mim.

_Muito bem. Aqui está. Custa apenas trintinha, e você tem direito a uma bebida na casa.

_Obrigado. Diga-me uma coisa, amigo. Este povo todo aí fora. Esta rapaziada vai entrar?

_Não, senhor. Muitos aqui só ficam sapeando, de butuca, apreciando o movimento. Há muitas mulheres por aqui. Sempre existe a chance de sobrar uma...

_É verdade. Mas, obrigado pela atenção.

_Obrigado ao senhor. Tenha uma boa diversão!

Érico estranhou um pouco o tratamento cerimonioso do bilheteiro com ele. Seria sua cara européia em contraposição à miscigenação daquele povo brasileiro? Será que existem duas ou mais Guarulhos, e ele não sabia? Discussões de Gilberto Freyre à parte, Érico tratou de ir entrando, da melhor maneira

possível, ao ambiente agitado da casa. A Mansão Danças está vivendo um momento glorioso. Centenas de frequentadores ocupam seus milimétricos espaços. Quase não dá para distinguir a pista de dança da área das mesinhas. O palco está apertado, no fundo da casa, praticamente pedindo socorro e ar para sobreviver. Mas o povo não está nessa. Quer mesmo é desfrutar da grande animação, das bebidas refrescantes e esquentantes, além de comidinhas típicas, que não alimentam nem as formigas, que, aliás, não se encontram no local. O herói do vizinho bairro do Bom Clima, não se entende como, vai conseguir um espaço em uma mesa, para se acomodar. Mesa pequena, para quatro pessoas, ora ocupada por três. Um dos ocupantes, vendo que Érico está meio incomodado no ambiente, gentilmente oferece a ele o último espaço disponível na mesa.

_Companheiro, vamos chegando!

_Obrigado pela gentileza...

_Rafael. Prazer. Estes dois a meu lado são o Renildo e o Amácio.

_Como vão vocês? Prazer. Eu sou o Érico. Obrigado pela beira na mesa de vocês.

_Fique à vontade, Érico. Quer uma bebida?

_Talvez um guaraná com rodela de laranja...

_Gilson! Gilson! Pombas, venha aqui!

Vem o garçom, meio esbaforido.

_Sim, Rafael, cheguei!

_Sirva o nosso novo amigo aqui, o Érique.

_Érico, perdão...

_Sim, Érico. Atenda o amigo, Gilson!

_Um guaraná com rodela de laranja e gelo.

_Sim, senhor. Algo mais?

_Por enquanto só, obrigado.

_Então, Érico, você também gosta de forró?

_Sim, Rafael. Acho que este gênero musical evoluiu muito nos últimos anos. A qualidade das produções, os artistas envolvidos, esta turma boa do Ceará, que não pára de chegar e sempre com muita qualidade. Desde o pessoal do Fagner e

Belchior, trinta anos atrás, não se via o surgimento de tantos artistas tão bons como estes do Ceará. Sempre que posso acompanho a Rádio Imprensa FM e a Rádio Tropical FM. Elas tocam bastante forró e forró de muito boa qualidade. Dá para entender o fenômeno. A rapaziada da Zona Sul de São Paulo descobriu o forró em Porto Seguro, daí a coisa se incendiou sudeste abaixo. Hoje o forró é um gênero nacional, não apenas uma coisa dos conterrâneos.

_Você é de lá, Érico?

_Não, nasci em Guarulhos. É apenas uma maneira carinhosa de tratar os imigrantes e seus descendentes.

_Entonce, muntcho obrigado!!!

_Ah! Ah! Ah!

Enquanto a conversa navegava nas vozes de Érico e seus novos companheiros, com o salão completamente lotado e as pessoas envolvidas num clima de alegre festa, uma voz reverbera no salão, anunciando a chegada da grande atração da noite: o Caviar Com Rapadura. A sensação é de que o salão vai cair. Felizmente a Mansão é uma casa de um único pavimento, e se cair o estrago não será tão grande. Os componentes do grupo se apresentam, saúdam o povo do local e, de cara, anunciam que vão cantar seu maior sucesso, "A História da Corrinha".

_Que música é esta, Rafael?

_Ora, Érico, você não conhece? Impossível! O Brasil inteiro conhece e canta!

_Ah, então é aquela! Eu boto ou não boto!

_Isto mesmo, meu camarada!

A platéia, empolgada, começa a cantar junto com a banda cearense o maior sucesso dela:

"Eu tava lá em casa, escutei uma zoada
na casa da vizinha uma menina gritava:
Socorro, socorro!, fui olhar, era Corrinha.
Seu pai não tá em casa?

Não tá, não!

O que é que você que você quer?

Troque o meu bujão!

Corrinha é bonita,
 Corrinha é gostosa,
 É muito mimada e muito medrosa.
 O bicho fedida,
 O bicho não vedava,
 Chiava e não entrava,
 E Corrinha gritava.
 Eu boto ou não boto?
 Ai, eu tô com medo!”

Impressionante como o público reage ao ouvir a canção brejeira, infantilmente maliciosa, de um duplo sentido típico do gênero consagrado pelo povo e incorporado à cultura brasileira. Terminando a audição do grande sucesso do Caviar Com Rapadura, Érico ri o que pode por dentro, mas externamente expressa uma cara de satisfação e contentamento.

—Érico? Você vai dançar não? As meninas estão olhando para cá. Temos que agitar, senão vão pensar estranho da gente.

—Eu vou indo, pois uma gatinha ali no canto está dando um sinal...

—Segue firme, Renildo. Você também, Amácio. A noite está começando.

—Muito bem, rapazes, acho que vou dar uma lavada no rosto no toailete. Com licença...

O tempo segue seu curso e chegam quase as três e meia da manhã do domingo. Érico decide deixar a casa, despede-se de seus novos amigos e segue para pegar o carro no estacionamento. Muita gente ainda fica na Mansão Danças, pois existem muitas atrações por acontecer ainda. A garotada tem muita alegria e quer celebrar o momento mágico do dia livre.

—Olá, companheiro, quanto lhe devo?

—Seis reais, e está tudo em cima.

—Perfeito. Tome. Fique com o troco.

—O senhor gostou do agito lá dentro?

—É. Gostei do show, sim. Estava muito divertido.

—Pelo visto, deve ter sido a primeira vez que o senhor veio por aqui.

—É, sim. Passo sempre por aqui, sempre tive vontade de entrar, mas hoje foi a primeira vez.

—O senhor vai voltar?

—Certamente. E da outra vez virei com minha namorada.

—Não arrumou ninguém, então?

—Não era o objetivo. Minha intenção era ver o Caviar com Rapadura.

—Que achou, legal?

—Muito legal, ao vivo é uma emoção boa. Nada como ouvir os artistas de verdade. Bom dia, bom domingo!

Érico sai lentamente com seu carro. Ele tem de subir a Avenida Tiradentes, para fazer a conversão onde for legal fazê-lo, apesar da madrugada e da permissividade que o horário pode proporcionar a infratores contumazes ou eventuais. A expressão do herói tende a ser mais de tristeza do que de cansaço. A experiência, vivida, agora há pouco, deve ter lhe trazido emoções ou impressões, as quais certamente devem ter mexido com seus valores. Uma parte importante de seu projeto para o sábado à noite foi cumprida. Ir ao forró e ver o conjunto de sucesso. Nada demais com este programa, pois centenas de jovens também o fizeram. Mas, na verdade, foi a primeira vez que Érico saiu sem Érica, desde que estão juntos, há quase oito anos. A curiosidade foi desvendada, ele viu o show, conheceu gente nova, que ele somente identificava caminhando nas ruas da cidade ou quando esta gente comprava seus produtos em algumas gôndolas de supermercados. Isto Érico notava bem, quando fazia suas visitas aos clientes, a fim de observar o comportamento dos consumidores e ver se seus produtos estavam tendo boa aceitação pelo público. Érico poderia ter ficado no apartamento de Érica, vendo filmes com ela ou eles poderiam ter ido ao Recreativo, curtir o som gravado de Glenn Miller e outras “big bands”. Prevaleceu a vontade original, mesmo sem sua companheira. A rua que dá para fazer a conversão, rumo ao Bom Clima, está a poucos metros dele. É só dobrar à direita, terminar o contorno e pegar o caminho inverso da Tiradentes. Então, seguir rumo à sua casa, à sua cama e terminar a primeira

parte do fim/começo de semana. Érico, porém, não faz isso. Decide seguir com o carro, em direção ao centro da cidade. O veículo parece estar acionado ao piloto automático, pois a máquina tem sua proa apontada para a Praça Getúlio Vargas. Não fica difícil imaginar o destino do rapaz. Resta saber se ele vai iniciar o dia de feira da Paulo Faccini quebrando a cara ou não.

_Boa-noite! Ou melhor, acho, bom dia, Raimundo!

_Seu Érico, uai, quer dizer, bom dia!

_Diga à Érica que estou subindo...

_Um momentinho, Seu Érico. O senhor me desculpe, mas são quatro horas da manhã. Não é de minha responsabilidade. Mas não sei se devo interfonar para ela, não...

_Raimundo, que fique sob minha responsabilidade. Pode avisá-la que estou aqui e que pretendo subir.

Ouve-se um bater quase surdo na porta de entrada do apartamento de Érica.

_Vá procurar sua turma!

_Érica, meu bem, por favor, deixe-me entrar!

_Não erga a voz, a fim de não incomodar os vizinhos. Tenha senso do ridículo e veja que coisa idiota você está fazendo!

_Não vamos discutir assim. Por favor, peço-lhe de novo, deixe-me entrar!

_Você entrou somente porque não quero incomodar os vizinhos nem virar notícia no condomínio. Muito bem, você conhece o caminho do sofá. Então, senhor do dia e da noite. A que devo a honra de uma visita às quatro da manhã deste domingo?

_Érica, eu estava indo para casa, quando saí da Mansão Danças, mas achei melhor não fazer a conversão da Tiradentes para o Bom Clima e decidi rumar ao centro. Aqui estou...

_É evidente que aqui você está...

_Érica. Saiba que jamais faria algo para ofender você. Estive, estou e estarei com você enquanto viver...

_Isto está me parecendo uma confissão...

_É verdade, como eu mesmo falei, agora há pouco, saindo

daqui, fui à Mansão Danças...

_E devia estar muito bom por lá, afinal. Você saiu daqui por volta das dez e meia da noite e aparece, aqui, quase seis horas depois. A coisa deve ter rolado solta e muito legal para você...

_Realmente o forró estava muito divertido e...

_Você reconhece, então, seu panaca!

_Epa! Espere aí! Deixe-me completar a frase. O show de forró esteve muito divertido...

_As companhias femininas também, suponho...

_Isto não conta, Érica. Não fui à Mansão atrás de companhias. Aliás, acabei de fazer uma declaração de amor aqui, e você fingiu não ter percebido.

_Hum! Declaração de amor ou confissão de culpa e arrependimento?

_Não seria calhorda com minha amada, deixando-a em casa, com o joelho em recuperação, para espevitar por aí. Eu queria ter sua companhia. Entendia ser legal fazer um programa diferente na noite-madrugada de sábado-domingo. E foi muito legal!

_Então meu sócio quer me contar o que rolou nas últimas seis horas e tanto, pelo que começo a compreender...

_Não apenas nas seis horas e tanto minha querida, mas na vida e tanto, se posso definir assim. Se você não estiver cansada, creio que não, pois a TV continua ligada e, creio, todos os filmes do baú do Classic já foram vistos, creio que posso lhe contar uma bonita e fascinante história. Quero lhe falar das coisas que descobri hoje e que me fizeram refletir sobre minha vida, sua vida e, enfim, nosso futuro, a partir de agora.

_Muito bem, mas você não me pôs chifres, então?

_Ora, minha querida, não sou nem nunca fui disto. A relação de amor pressupõe a fidelidade, que é a representação clara e real de um sentimento recíproco e verdadeiro. Sou um cidadão guarulhense, brasileiro, enfim, um pequeno empresário com sonhos na cabeça e fatos nas mãos. Hoje, eu vivenciei uma experiência extraordinária, que aclarou muitas coisas em minha

mente e começou a mudar para melhor minha vida. Sempre soube que a essência da vida é o amor. Depois de hoje eu apenas não sei, mas ampliei esta visão e quero reparti-la com você.

_Vou à cozinha preparar um café. Aguarde-me que logo voltarei e estarei pronta para ouvir você...

Passam cerca de dez minutos até que Érica volta com o café. O serviço é especial. Ela vem com o bule de porcelana, xícaras da mesma família, sob uma bandeja prateada.

_Que aroma divino, Érica!

_É para despertar de vez, senhor empresário. Aproveitando, desligue, por favor, a televisão.

_Sim, caríssima. A Bandeirante não vai resolver os problemas dela à nossa custa.

_À minha custa, você quis dizer...

_Sim, sim, mas isto não é importante...

_Não é importante porque o salário de professor não é o seu...

_Nem as apreciáveis aposentadorias de meus quase-ex-futuros sogros também...

_Você quer guerra? Quer debater? Espere que eu bote a bandeja na mesinha, e vamos resolver isto já, cearelhense!

_Cearelhense?

_Sim! Uma mistura de Ceará com Guarulhos!

_Ai, meu Deus...

_Tire o divino da história. Ele não tem nada a ver com nossas vidas!

_Isto é que o você pensa. Temos livre arbítrio, mas o plano é do Homem.

_É. Você tem razão. Mas, sejamos civilizados e tomemos o café.

_Ainda bem que eu não tenho hérnia de hiato. Seu café é maravilhoso, querida.

_Obrigada! Mas por que você se preocupa com hérnia de hiato? Você conhece alguém que tenha?

_Sim, conheço. O rapaz mexe com caixa de papelão...

_Ele é catador de rua?

_Não, Érica. Ele vende caixas de papelão. O Medeiros sofre de hérnia de hiato. Até que ele vive bem, este meu amigo. Mas ele precisa manter uma dieta astronáutica. De qualquer modo, ele consegue viver bem.

_Eu conheço o Medeiros?

_Não, você não o conhece, mas o Ibrahim Khoury conhece muito bem.

_O Ibrahim, o nosso mais famoso poeta guarulhense?

_Ele mesmo. Mas sobre o Medeiros, qualquer hora, quando eu me encontrar com ele, posso combinar uma ocasião para a gente se reunir.

_Ele é bonito?

_Bem, se você se ligar em homens maduros, ponha maduros nisto, até que podemos considerá-lo bem apresentado.

_Érico, seu enrolão! Você está derivando a conversa para alhures e nada de falar aquilo tão importante, que você iria me contar. Estou aguardando.

_Muito bem, minha querida e amada Érica. Aliás, faz cinco minutos que você está me dando porradas. Você ainda não chamou de meu amor desde que voltei da...

_Farra!

_Farra, oras, foi um show...

_Show, show? Eu que show uma besta!

_Chame-me de meu amor, senão eu vou embora e não conto nada...

_Chantagista de marca menor! Atentando contra a legítima curiosidade, que somente a alma feminina possui. Pois bem, meu amoreco. Conte-me sobre suas impressões do passeio e do que teria mudado tanto em sua vida...

_Amoreco é amor cacareco?

_Não, querideco. Amoreco é amor mais pelo boneco...

_Lasciva! Lasciva!

_Estou brincando, querido. Gosto de controlar a situação.

_Ah, bom! Pois eu já estava me preparando para mandar você tomar caju no Cabuçu!

_Querido, querido. Minha raivinha já passou. Estou mais

confortada agora. E pronta para ouvir o meu amor, participar de mais um diálogo de amor...

_Assim está, então. O amor é a nossa frequência. Nela devemos ficar.

_Que não tirem nossa emissora do ar...

_Nunca, meu bem, nunca, meu bem...

_Fale, Érico!

_Érica, depois desta noite-madrugada, concluí que vínhamos vivendo uma vida de aposentados!

_Nossa! Que conclusão esquisita!

_Sim, querida. E tenho razões para justificar a conclusão. Percebamos. Primeiro, analisemos minha vida, nos últimos anos, para que a idéia fique mais clara. Trabalhei por um bom tempo, acho que quase dez anos no grande pastificio, na função de auditor. Percebi que lá meu futuro estava mais para passado do que para qualquer outra coisa. Era o patrão espremendo seus auxiliares, a fim de reduzir custos, senão não vendia para os grandes supermercados. Nós, na banda de cá, fazendo o esforço possível para melhorar a indústria, desenvolvendo sistemas de controle e estatísticas, de modo a facilitar a compreensão de onde errávamos e acertávamos. Felizmente, passado algum tempo, tive a felicidade em perceber que o modelo para meu futuro era montar o próprio negócio. O Teles nos ajudou muito, para implantação de nossa pequena fábrica de massas. Ajudou muito mesmo. O talento de vendedor dele e a visão extraordinária de mercado foram fundamentais para que a "Século XXI" fosse para a frente. A dívida de gratidão que temos com o Teles é impagável. Grande criatura humana ele. Fico feliz em saber que hoje nosso herói vive muito bem na Itália, desempenhando um excelente papel na Barilla. O cara tem muito talento mesmo.

_É verdade, Érico.

_Pois bem, querida. De há muito eu vinha notando que Guarulhos está mudando, São Paulo está mudando, o Brasil está mudando, enfim, a Terra está mudando! Estamos entrando em um novo ciclo, de alta tecnologia, de tecnologia disseminada

democraticamente a todos os cantos do mundo. Hoje, aqueles que detêm o poder precisam vender coisas sofisticadas, genuínas, produtos que os outros não tenham para vender. Naturalmente aí não entram biscoitos, massas para pastéis, macarrão... As grandes sacadas do capitalismo internacional é vender coisas de alto valor agregado, que rendam milhões. Até os automóveis estão virando carne de vaca... Concluindo o raciocínio, produtos de alta tecnologia são oferecidos a pequenos empreendedores. Estes, com coragem, boa-fé e entusiasmo, estão construindo um novo mundo, novas relações entre capital e trabalho. Mas, Érica, a mudança do mundo não acontece apenas porque a tecnologia está deixando o planeta de cabeça para baixo. As pessoas desta geração já não aceitam mais valores, que, nós, ex-jovens, lutávamos por eles de maneira obsessiva.

_A geração de hoje, Érico, está atrás de sombra e água fresca?

_Como nós, também, querida. E as gerações passadas também. O fato é que o ideal já não é mais o emprego, que se conseguia com alguma facilidade depois de estar formado em uma boa escola. O modelo atual está rompendo com tudo isto. É a tal da terceirização, quarteirização e por aí vai. E o mais importante, querida...

_O quê, Érico?

_O povo já percebeu e começou a mudar!

_É mesmo? Como?

_Há um dado do setor da indústria, que indica o seguinte. De cada dez brasileiros, oito são empreendedores, ou seja, eles têm seu próprio negócio. Desde o carrinho de pipoca até uma rede de fast-food, como aquele patricio do Habib's. As máquinas estão aí, à nossa disposição, para fabricarmos o que quiser. Estruturas pequenas, com bons princípios e gestão profissional, estão prosperando cada dia mais. Não estou falando em franquias, que é uma modalidade de negócio em que o empreendedor tem de investir muito para, com paciência e sorte, ver seu retorno acontecer cinco ou dez anos depois. As pessoas, Érica, não têm mais medo de pôr a cara e partir para seu

empreendimento. Cooperativas estão se formando, agricultores estão se cotizando para não apenas cooperar, mas para ampliar seu negócio, comprando máquinas beneficiadoras de suas safras, a fim de agregar preço aos seus produtos. Os governos, como instituições, continuam fortes, mas como propulsores da economia estão cada vez mais fracos. E isto não ocorre apenas no Brasil, é no mundo. As grandes empresas poderão e deverão sobreviver, mas com métodos de gestão descentralizados, com risco e lucros democraticamente repartidos. Surge uma nova consciência no mundo. E de uma maneira impressionantemente veloz. Os bolsões de escravidão e semi-escravidão no mundo, que ainda existem, serão denunciados e sufocados pelas ONG's, instituições privadas e autônomas, que passam a cumprir um papel que o Estado não consegue realizar, ou seja, distribuir oportunidades a todos, de maneira justa e democrática. A guerra agora é outra. É pela paz e pela legítima oportunidade de trabalho para as pessoas.

_Você enxergou isto tudo hoje, no passeio à Mansão, Érico?

_Não exatamente, Érica, mas observando os jovens nas ruas da cidade, pude notar que algo de especial está acontecendo. Não era apenas a busca da diversão, da conquista de uma pessoa, a expectativa de uma noite divertida. Algo de especial aconteceu ali. A alegria do povo me mostrou algo de inédito. Está nascendo uma nova aliança! Podem falar das drogas, da violência, das injustiças, da crise econômica, até do final dos tempos. Mas não foi isto que tenho percebido nos últimos meses, não foi isto que enxerguei nos olhares do povo, na rua, em nosso centro de cidade festivo. Algo de novo está acontecendo. Guarulhos, mercê de sua grandeza, de seu passado pujante e de futuro glorioso, haverá de se transformar em uma cidade modelo, dos pequenos empreendedores, dos fazedores de pequenas e importantes coisas. As forças espirituais, que emprestam proteção e virtude ao nosso povo, haverão de proteger esta terra, tão amada por nós. O futuro de Guarulhos é glorioso. As mudanças, já em avançado estágio de execução, vão transformar nossa cidade em um dos portais da Nova Era.

_Puxa, Érico! Que lindo? E onde eu entro nisto?

_Como minha companheira. Aquela que estará a meu lado, ajudando a fazer crescer, no limite de nosso projeto, a "Massas Século XXI".

_Amassando a massa?

_Amando a massa, em todos os sentidos. Empresas pequenas como as nossas vão construir a grandeza de Guarulhos!

_E minhas aulas?

_Você continuará lecionando, meio período por dia e, se possível, não apenas no Conselheiro, mas também em outras instituições, que prescindem de excelentes profissionais como você.

_Nossa! Com este entusiasmo todo, você vai animar até o Professor Milton Ziller e levá-lo de volta às salas de aula.

_O mundo, querida, é o que somos e o que podemos fazer por ele. Hoje, mais do que nunca, percebi que estamos no caminho certo. A "Massas Século XXI" está faturando 15 mil reais por mês. Ela poderá faturar uns oitenta mil reais por mês, se trabalharmos melhor e mais envolvidos. Este faturamento já será ótimo. Poderemos contribuir com o mercado, oferecendo produtos melhores e preços mais baixos. Contribuiremos também com nossos colaboradores, proporcionando-lhes condições ótimas de trabalho, boa assistência social e educativa, além de ganhos proporcionais interessantes.

_Muito bem, gostei muito do que você falou. Alegra-me sua felicidade e seu entusiasmo. Você tem razão quando disse, no começo, que parecemos levar uma vida de aposentados. É uma crítica dura, porém ela é válida. Precisamos ser mais empreendedores, não ficar aguardando o maná cair do céu. Assim que eu ficar boa de vez...

_Mais ainda, gatinha?

_Ora, Érico... Não encha! Assim que eu ficar boa de vez, volto para minhas aulas. Vou conciliar um tempo para ficar com você na fábrica, assim estaremos juntos mais tempo e, nesta confraternização pelo trabalho, construiremos um amanhã melhor, não para nós apenas, mas para os outros e para o

mundo, que, afinal, é uma coisa só. A idéia de dar aula além do Conselheiro é uma idéia muito boa. Confesso, agora, que, muitas vezes, senti um certo remorso em trabalhar apenas numa instituição consagrada, que tem uma clientela de bom nível, bem nutrida e com outras virtudes. É necessário, sim, avançar um pouco mais para as bordas da cidade e participar do progresso do povo.

_Muito bem, querida!

_Mas, Érico, pequeno Érico, não vou terminar com zinho, a fim de não produzir uma obtusa cacofonia, você falou bonito, você falou de coisas verdadeiras, trouxe um caminhão de esperança para cá, a fim de o descarregarmos. Porém, o senhor não explicou exatamente o que fez, este tempão todo, na Mansão Danças. Evidentemente, o show do Caviar Com Rapadura deve ter durado, no máximo, umas duas horas, se tanto. Você chegou à Mansão Danças por volta de umas onze horas, onze e meia. O show deve ter começado à meia-noite. Então, à performance do grupo cearense foi até, no máximo, as duas da manhã. Você saiu de lá, como disse, umas três e meia e chegou aqui às quatro da matina. O que houve neste tempinho de quase duas horas depois do show, considerando-se que você apenas ficou sentado, assistindo ao Caviar, somente ouvindo e aplaudindo?

_Eu? Bem, oras, eu não fiz nada. Fiquei lá dentro, vendo o movimento das pessoas, da casa, foi isto!

_Havia muitas mulheres lá?

_Ah, sem dúvida, havia mulher pra chuchu.

_E o garotinho aí só olhando...

_É, meu bem. Estava pensando em você. Não flertei com ninguém. Você sabe que você pode acreditar em mim...

_Sei?

_Você tem dúvida?

_Lógico que tenho!

_Como assim? Estou sendo franco com você. Não há por que mentir, oras!

_Mas você continua com uma grande dúvida. Isto você não pode negar...

_Oras, que dúvida?

_Se você bota ou não bota!

Com suavidade, Érico traz Érica para junto de si. Com a força de seus braços, acomoda a bela mulher junto ao seu corpo e, em um especial clima de amor e compreensão, leva-a, com alguma solenidade, a um destino glorioso, ao quarto da amada. Não será apenas mais um dos sublimes e candentes momentos de amor entre o casal. Certamente será a consagração, pela carne e pelo espírito, de um novo tempo que começou.

ACADÊMICO LINEU ROQUE ACEIRO



RECORDAR, É TÃO BOM!

Veio-me à lembrança, agora, passagens expressivas e de interesse sempre atual sobre as relíquias do polígrafo patricio, escritor incomparável que soube ser como arte o maior artesão que já tivemos. De narrativa emocionante, tive o cuidado de extrair estas apoucadas linhas, esquecidas que estavam nas páginas amareladas de um velho livro, cujas expressões diferentes, escritas em refinada gramática discorriam sobre vários temas: a vida, o riso, o gozo e o padecimento alheio, segredos do coração, melancolia de uma noite de natal, da velhice... Matérias essas que cristalizaram as melhores energias poéticas do velho mestre, para a confecção de obras-primas no romance, no conto, em tudo o mais.

Não te peço opinião, mas, atenção.

Genoveva, vinte e quatro anos, bonita e rica, tal era a minha viúva. Três anos de viuvez, um de véu longo, dois de simples

vestidos pretos, chapéus pretos, e olhos pretos, que vinham do consórcio e do berço. A diferença é que agora olhavam para o chão, e, se olhavam para alguma coisa ou alguém, eram sempre tristes, como os que já não têm consolação na terra nem provavelmente no céu. Morava em uma casa escondida, para os lados do Engenho Velho, com a mãe e os criados. Nenhum filho. Um que lhe devia nascer, foi absorvido pelo nada: tinha cinco meses de gestação.

O retrato do marido, bacharel Marcondes, ou Nhonhô, pelo nome familiar, vivia no quarto dela, pendente na parede, moldura de ouro, coberta de crepe. Todas as noites, Genoveva, depois de rezar a Nossa Senhora, não se deitava sem lançar o último olhar ao retrato que parecia olhar para ela. De manhã, o primeiro olhar era para ele. Quando o tempo veio amortecendo o efeito da dor, esses gestos diminuíram naturalmente e acabaram; mas a imagem vivia no coração. As mostras externas não diminuíam a saudade.

Rica? Não, não era rica, mas tinha alguma coisa; tinha o bastante para viver com a mãe, à larga. Era, conseguintemente, um bom negócio para qualquer moço ativo, ainda que não tivesse nada de seu; melhor ainda para quem possuísse alguma coisa, porque as duas bolsas fariam uma grande bolsa e a beleza da viúva seria a mais valiosa moeda do pecúlio. Não lhe faltavam pretendentes de toda a espécie, mas todos perdiam o tempo e o trabalho. Carlos, Roberto, Lucas, Casimiro e outros muitos nomes inscreviam-se no livro dos passageiros e iam-se embora sem esperanças. Alguns nem levavam saudades. Muitos as levavam em grande cópia e das mais tristes. Genoveva não se deixou prender por ninguém. Um daqueles candidatos, Lucas, pôde saber da mãe de Genoveva algumas circunstâncias da vida e da morte do finado genro. Lucas tinha ido pedir licença à boa senhora para solicitar a mão da filha. Não havia necessidade, pois que a viúva dispunha de si; mas a incerteza de ser aceito sugeriu-lhe esse alvitre, a fim de ver se ganhava a boa vontade e intercessão da mãe.

-Não lhe dou tal conselho, respondeu esta.-De pedi-la em casamento?-Sim; ela deu-lhe alguma esperança?Lucas hesitou.

-Vejo que ela não lhe deu nenhuma.

-Devo ser verdadeiro. Esperanças não tenho; não sei se D. Genoveva me perdoa, ao menos, a afeição que me inspirou.

-Pois não lhe peça nada.

-Parece-lhe que...

-Que perderá o tempo. Genoveva não casará nunca mais. Até hoje tem a imagem do marido diante de si, vive da lembrança dele, chora por ele e nunca se unirá a outro.

-Amaram-se muito?

-Muito.

Da Crônica "Um sonho e outro sonho".

Machado de Assis.

Lineu Roque Aceiro.

O ESPERADO REENCONTRO.

Quando toca o telefone lá em casa do outro lado da linha eu ouço a voz do Clair ou do Ronaldo, fico numa alegria tão grande, me emociono e agradeço por terem se lembrado de mim. Esse momento reconfortante de prazer e alegria, devem sentir também todos os companheiros que estiveram presentes em nossa última reunião do Grupo Amigos da Guarulhos Antiga.

Onde é que nós encontramos os amigos mais queridos? Nos salões velórios da cidade, nas ruas por acaso, ou na igreja matriz nas missas de sétimo dia de algum amigo que se foi. Lá, naqueles corredores fúnebres, onde tudo é triste, lúgubre e sofrido, eu tenho ouvido de inúmeros companheiros: “Que pena, a gente só se encontra nestes momentos dolorosos!”.

Em vista disso, logo podemos perceber a finalidade desta festa de confraternização. Na reunião deste seletivo grupo de amigos, tudo é alegria, sorrisos, paz, descontração e cultura. Quero ouvir sim o remorejar das pessoas conversando, mas felizes, alegres, expressando todo o seu contentamento por estarmos juntos novamente, amigos que somos desde os bancos escolares do Capistrano de Abreu, Tênis Clube, Clube dos Bancários, Bar Ponto chic e o vaivém da antiga Dom Pedro II.

Esses encontros fazem tão bem e são de uma importância muito grande, porque o espírito cansado pela labuta diária precisa de distração que irá atuar como um lenitivo para o organismo humano exaurido. Assim, um arco que permanece sempre tenso, perderia a sua elasticidade e tornar-se-ia inútil para o fim a que se destina, da mesma forma o homem, cuja condição é trabalhar, em breve se veria inutilizado, se, por outro lado, não se entregasse ao recreio e à distração. Se lançarmos os olhos em volta de nós, veremos que os povos que mais realizaram, que no trabalho produtivo, quer nos arraiais do espírito são aqueles povos que souberam dosar as horas de recreio com as da labuta diária. Conseguir, então, organizar esses encontros entre amigos remotos, é prestar um relevante serviço social, cujos frutos se

farão sentir diretamente no indivíduo, na família e no grupo de que faz parte. Sem a realização dessas reuniões se afrouxariam os laços da sociedade guarulhense.

Esses encontros, até em minha esposa tem provocado ciúmes, momento em que ela me pergunta: Aonde você vai a estas horas? Eu vou à Guarulhos, Cecília, no Guarcenter jantarei com amigos, eu tenho amigos, muitos amigos.

Acresce que o homem é um ser essencialmente gregário. “Ai do homem que anda só”, rezam as escrituras. Entretanto companheiros, não podemos ir longe na amizade se não estivermos dispostos a desculpar, esquecer, transigir, perdoar enfim os pequenos defeitos dos amigos, quem não os têm!

Amanhã, quando o telefone tocar novamente, eu vou atender contente e repetirei consciente: obrigado Clair, obrigado Ronaldo Saraceni, parabéns pela bela iniciativa, que Deus os abençoe, assim como todos esses nossos amigos. Sempre estaremos presentes e, já que falei em citação bíblica, tenho outra, com palavras curtas mas bastante significativas: “Muitos serão chamados, poucos os escolhidos”. Vocês, Ronaldo e Clair, com certeza estarão entre os primeiros...

Acadêmico Lineu Roque Aceiro.

MORADA DOS ACADÊMICOS.

Era no bairro de Vila Galvão, às três horas da tarde de quartas feiras. Agora é nas penúltimas terças de cada mês que nos encontramos. Alguns companheiros desejam duas reuniões mensais, todavia por enquanto só de uma participamos. Chego logo na sede própria da academia, prédio que ganhamos da municipalidade na gestão Néfi Tales, consolidado depois pelo prefeito advogado Rafael Rodrigues Filho. Ninguém nos pode tirar – é decreto municipal. Subo as escadinhas granitadas, muito limpas, enceradas por zelosa funcionária e que se inicia na sala de cultura professor José Ismael, ao lado da unidade Vila Galvão da Prefeitura da cidade.

No primeiro andar da antiga casa de bombas, daquele local aprazível que fica logo ali na rua Francisco Gonzaga de Vasconcelos, 42, Praça José Cícero de Miranda, encontro já alguns irmãos acadêmicos. São homens responsáveis que honram o juramento feito, gostam, defendem e freqüentam a casa das letras guarulhenses. O decano é dos primeiros, João Ranali chega acompanhado de Teresinha; Ibrahim, Bismael, Armando Colacioppo e devo me incluir entre esses primeiros, pois moro perto, nunca faltou. Somos recebidos com muito carinho, com afabilidade natural e nos abraçamos. Os demais acadêmicos chegam um a um, antes mesmo que o presidente abra a sessão. Dentro em pouco tempo todos tomam assento, nas cadeira aveludadas da grande mesa envernizada que forma sóbrio e soberbo ambiente. Na seqüência desses móveis coloniais nota-se elevada uma elegante tribuna, lugar de onde discursam eloqüentes oradores.

Ao fim de poucos instantes todos estão reunidos, pois aproximaram-se de nós: Milton Ziller, Gasparino, Clóvis, Espedito, Aguiar, José Augusto, Negreiros, Carleto, Eugênio, Plínio Tomaz e Ângela Andreoli. Assim estão reunidos, a literatura, a jurisprudência, a política, o magistério, a administração, a música... Sabe-se já que alguns não puderam vir, justificam,

mas virão depois, nos outros meses. Poucos, ainda bem, mostram-se indiferentes, não aprecem e não dão satisfação. Que pena! Somos poucos, porém nossas reuniões são cordiais e calorosos. A academia de tudo faz para criar um mundo novo, real, mas humano. Há desavenças, pequenas é verdade, debates ardorosos mas todos concordam nisso e acham que é preciso fazer com que a academia viva unida e respeitada. Tanto isso é verdade, que o acadêmico Laerte Romualdo já no final de seus dias, muito doente, pedia para a sua esposa: Leve-me Teresinha, leve-me para a reunião, quero estar junto dos companheiros pois “na academia existe vida”.

O Milton Ziller como bom acadêmico, trouxe caneta e papel para anotações, mas não se esqueceu na furadeira manual elétrica, da qual fez uso para fixar na parede a foto do último presidente eleito, Armando Atílio Colacioppo. Já lá se encontram muitos cabelos brancos, postados altaneiros, que passando pela honraria de importante posto, têm suas reproduções ali perfiladas: Gasparino José Romão, João Ranali, Flávio Cleto Giovanni Trombetti, Adolfo Vasconcelos Noronho, Bismael Batista de Moraes, Milton Luiz Ziller, Ari Baddini Tavares e subindo agora enquadrada a figura serena de Armando Atílio Colacioppo Sobrinho.

Existem outros quadros enriquecendo nossa sala de reuniões, uma pintura a óleo da foto de Ennio Chiesa, patrono da cadeira número 10, desta Academia, doação do confrade Aguiar, uma antiga fotografia do Lago e Parque Balneário de Vila Galvão, lugar onde estamos instalados, o Professor José Ismael emoldurado num sugestivo quadro, a igreja matriz e coreto além de outros e inúmeras pinturas prontas que aguardam colocação. Notamos a falta de algumas cadeiras na mesa ao lado, reserva para o dia em que vier um maior número de companheiros. Soubemos depois, o acadêmico Darci Pannocchia mandou retirar algumas, para que fossem enviadas ao setor de marcenaria da FIG, nobre organização por ele dirigida. Ficamos todos agradecidos, pois era precário o estado de alguns assentos, cujos pés, cansados, bamboleavam e seus estofados apresentam-

se bastante danificados. Já temos lá um principio de biblioteca, a maioria livros transferidos da coleção particular do estudioso João Ranali, nosso principal e mais entusiasta doador. O confrade Eugenio tem se mostrado dedicado e competente bibliotecário. Durante a semana ele separa alguns minutos do seu dia e dispõe ordenadamente em prateleiras nossos livros, documentos e publicações. No final da escada interna, depois do corredor, improvisamos num compartimento sem destino, um pequeno serviço de cozinha e guardados. Desse canto é que Teresinha gentilmente serve-nos o gostoso chá da tarde, acompanhado de bolachas doces e biscoitos salgados. Dessa maneira, homens vindo de todos os lados, apresentam suas demonstrações de filósofos, seus escritos, poesias, opiniões e podemos, enfim, comer e beber juntos; falar, pensar, avaliar e rir, sem atritos, com iguais sentimentos de prazer e justiça. Temos ao nosso dispor, também, café preto e suco gelado. – Estamos ali plácidos e concordes, como se nada houvesse que nos separasse.

Ao cair da tarde a academia vê-se banhada por fortes raios solares, que penetrando no portal principal, castiga os móveis da confraria. Afeta ainda o sol, o semblante dos acadêmicos que sentados de frente, não têm como evitar a luz e calor transmitidos por aquele poderoso astro rei. O fato é recente, pois antes havia no local e no vitrô basculante, cortinas com persianas delgadas que garantiam o arejamento, sem que o sol entrasse. Por causa de reformas ali realizadas, tiraram com cuidado aqueles adornos, que não mais retornaram aos trilhos fixados no paredão. – Solicitar novamente os favores de Pannocchia seria imprudência e falta de tolerância. Há de vir aqui, um dia, o nosso prefeito municipal e, sensível como é, vai por empenhos para sanar o problema, pois além de amigo é nosso confrade – o Eloi Pietá. Caso contrário, vamos convidá-lo num verão bem quente, para que participe de nossa reunião e pô-lo sentado uma tarde inteira de frente, a ver se resiste ao esplendor do poderoso coaraci (o sol do tupi-guarani).

Uma outra surpresa aguardava os acadêmicos. Sentimento, versos cadentes e naturais, idéias poéticas bastante variadas –

Alfredo Ibrahim ocupa a tribuna...e quando termina com rima, soam aplausos carinhosos. Repentinamente e de maneira espontânea forma-se outro ambiente de arrebatamento, a academia vive. Celebrando a páscoa, disse Renan, o encantador profeta da Galileia: “Tolerai-vos uns aos outros; é o melhor caminho para chegardes a amar-vos”. Nesse nosso encontro, todos toleravam uns aos outros. Falaram-se apenas amenidades, não houve críticas severas nem desencontro de desentendimentos. O mais do tempo foi dado às letras à poesia, à filosofia.

Vêm à luz mais uma produção literária da AGL. O confrade Bismael Batista de Moraes fala com exaltação do lançamento de seu novo livro: “Prevenção Criminal ou Conivência com o Crime”- Uma Análise Brasileira, obra prefaciada com sabedoria pelo promotor Dr. Hermínio Alberto Marques Porto, que alerta: “O livro do professor Bismael chega num momento oportuno e deve ser lido por todas as pessoas responsáveis e preocupadas com a paz social. Precisa ser relido com muita atenção e inúmeros motivos, notadamente por amor à vida”. O autor, proferiu por minutos, um inteligível e interessante discurso. Ao final, ecoaram aplausos vibrante que acabaram por trazer para a tribuna o acadêmico José Luiz Negreiros, titular da cadeira de Ibraim Nobre que apresentou o seu novo curso de redação intitulado Redija em 30 horas, cujas lições pretende ministrar aos colegas, bem como para outros estabelecimentos de ensino. Negreiros traz a proposta inédita, repleta de ensinamentos que darão aos participantes, em muito pouco tempo, plenas condições para produzirem textos bem elaborados e interessantes. Espedito Pinheiro foi o primeiro a se manifestar favorável, elogiando a iniciativa do companheiro, seguido pelos demais em repetidas palmas. Há dias em que nossas reuniões são mais ricas. Gasparino pede tempo e diz uma poesia linda do seu livro “Anoitecer”. E mais gente ocupa a tribuna. O neném sorriu contente ao olhar de Rosana, isso foi o bastante, Augusto adotou a criança...

Comeram-se quase sem atenção todas as bolachas, da mesma forma tomamos o chá, sucos e café. A pequena refeição

era um pretexto, queríamos mesmo estar juntos, irmanados. No dia em que meia dúzia de homens não puderem trocar duas dezenas de idéias, tudo estará acabado e os filisteus tomarão conta da cidade. Assim voaram as horas, três horas ou mais, horas deleitosas e breves. Alguns da confraria olham para as paredes silenciosas e dizem: “Realmente o colega estava coberto de razão quando afirmava - Na Academia Existe Vida”.

Eram 18,15Hs, daquele saudoso maio de 2005. Tivesse essa casa um piano, por certo Armando tomaria assento perto dele e faria logo vibrar, com seus dedos, o som contagiante e melodioso de “Como é grande o meu amor por você...” – Academia –

Lineu Roque Aceiro.

ACADÊMICO MILTON ZILLER



INCONGRUÊNCIAS -II

*Incongruente - Inconveniente, incompatível,
impróprio, inadequado, absurdo, ilógico, irracional.*

Não coaduna.

*Não harmoniza. Não combina
com a realidade.*

Ao produzir “Incongruências”, a sua visualização nunca deixou de dar a perceber que o assunto abrangido é amplo, longo, ramificado, diverso e que não se esgota fácil nem rapidamente. Daí o surgimento desta continuação, que também não é definitiva.

As incongruências caminham e se fazem presentes no mais simples ao mais complexo relacionamento da vida e, notadamente, no relacionamento humano. No dia-a-dia dos seres viventes todos e em suas manifestações sobre o possível e o impossível. Já vimos como e o quanto é fácil iludir e enganar os humanos através de credices e idiotices inexplicáveis, apelações etéreas, místicas e outras bobagens que tais.

Não há a intenção de investir contra o casamento, por exemplo, mas realçar que é uma instituição extremamente humana, nada havendo de divino na sua concepção. Tudo nele transpira manifestação humana, animal racional, estabelecendo normas, parâmetros a fim de impossibilitar uma anarquia natural se se deixasse tudo correr nos moldes naturais, se a união macho-fêmea ocorresse como acontece com a maioria dos animais.

O casamento civil é uma instituição racional, embora alguns animais irracionais também manifestam o egoísmo da vida a dois, comum entre alguns pássaros como os pombos, cujos relacionamentos só se desfazem com a morte de um dos parceiros. Evidente que ocorrem traições. É a natureza e não é só o ente humano que trai. Há ainda aberrações consideradas absolutamente naturais, como o cão que transa com a própria genitora.

O mundo é um mistério insondável, indecifrável, é uma infernal (embora não goste do termo infernal, porque provém de algo inexistente – Inferno) incongruência, mas essa inadequação denominada matrimônio, não fosse essa ordem institucional, uma verdadeira bagunça se estabeleceria e as proles ficariam ao “Deus-Dará” e aí... Se Deus-Não-Der, como de fato não dá, como é que ficará? Lembremo-nos, e é bem verdade, que há exceções representadas por casais que vivem por toda a vida juntos ou por mais de 50 anos, às vezes na mais ou quase mais completa harmonia, outras vezes numa guerra intensa e terrível, mas se negam a separar-se.

O motivo justo de trazer à baila o casamento é que, nele, na sua vigência, encontram-se as maiores impropriedades e situações de falsidade perversa, levando as partes à promessa mais absurda ou a uma semi-alucinação, que já tem início no juramento mais falso que existe: “Jurar amar e honrar...até que a morte os separe”. Isso é coisa de louco. De padre. De pastor ou outros que se metem no assunto. O casamento como ato religioso é uma das maiores incoerências existentes e é incompatível por duas principais razões: Primeiro porque não

tem civilmente nenhum valor. É falso. É uma farsa social; segundo porque é amoral, justamente por já antecipadamente, perante o altar, se saber que, com raríssimas exceções, não haverá possibilidade de cumprimento do prometido.

No momento, o que mais se ouve de neo-parceiros é... “Se não der certo a gente separa, ué,” razão suficiente para em qualquer tipo de promessa a lógica impor... “até que a vida nos separe,” “até que o amor esmoreça” ou “até que consigamos nos aturar”.

PENSÃO ALIMENTÍCIA

Contemporaneamente, a visão direcionada aos interesses materiais, ao oportunismo, por exemplo das “Marias-Chuteiras” e das “Macacas-de-Auditório,” alunas e ex-alunas, e não só elas, que desejando ter um filho, escolhem a dedo o futuro pai para lhe armar uma arapuca e das que através desta visam também à maldita e famigerada pensão alimentícia, uma instituição necessária, porém não nos moldes que a (in)justiça têm tratado.

Com tanta lama nas escalas superiores, com rombos monstruosos nos erários, com políticos e asseclas enfiando a mão no “nosso”, com tanto ladrão se safando da Justiça, esta põe em “cana” um coitado que está desempregado e não tem como pagar pensão alimentícia. Ora, se o sujeito está sem emprego, sem trabalho, sem nada receber, que não tem condição de pagar nem visita ou qualquer outra coisa? É um exagero, um absurdo, levando-se em conta primordialmente que a punição é direcionada apenas ao homem, enquanto a mulher, que ninguém obrigou a submeter-se ou a submeter o parceiro, fica como vítima, incólume. Os direitos sendo iguais, os deveres também devem sê-los.

Enquanto homens honestos por estarem desempregados sofrem o perigo de amargar o encarceramento, às vezes por parcelas de salário mínimo, os eleitos pelo povo roubam milhões e, com eles, nada acontece.

Há ditos populares que representam o que há de mais sutil em matéria de incoerência. O axioma “todo grande homem tem atrás de si uma grande mulher” é uma falaciosa bobagem. Se a tiver, ela estará ao seu lado ou... só se for no tamanho. Outro: “Deus dá o frio conforme o cobertor.”

Uma coisa é certa. Todo grande homem tem, invariavelmente, ao seu redor uma chusma de candidatas a pensionistas, interesseiras... à frente, atrás e aos lados.

Quanto ao cobertor, é só visitar os habitantes debaixo dos viadutos, onde muitos sobrevivem miseravelmente, em condições subumanas, outros tantos morrem de frio, e verificar inloco a asneira da premissa. Deus não dá nada! O homem é que tem que conquistar.

BENARES

Cidade da Índia, país que apresenta considerável distinção pela miséria, pela pobreza de seu povo e que se dá ao luxo, por fanatismo supersticioso, religioso, de passar fome, às vezes até a morte, mas não sacrificar uma vaca para alimentar-se, por se tratar, para eles, de um ente sagrado. É o cúmulo da insensatez, da credence inglória, do absurdo consagrado pela própria miséria. É absolutamente incrível, inacreditável, mas lá está.

Benares situa-se à margem esquerda do rio Ganges, corrente fluvial que ocupa a planície de mesmo nome, logo ao sul da maior cordilheira montanhosa do planeta – o Himalaia – , com um curso que mede aproximadamente 3.100 km. O Ganges é considerado o Rio Sagrado da Índia e Benares a cidade

religiosa que recebe milhares de peregrinos, a maioria portadora de doenças de todas as espécies, tipos de enfermidades notadamente infecciosas.

Às suas margens, nas áreas de várzeas, concentram-se os crentes em busca da poderosa ação protetora e curativa das águas fluviais. Acampam, acendem fogueiras para se aquecer, e põem a banhar suas infecções, ulcerações, inflamações, dermatoses diversas, enfermidades generalizadas. Homens, mulheres e crianças mergulham suas podridões nas águas já pútridas do rio, na expectativa do milagre da cura... Que não acontece, é claro. É comum, das suas margens, avistarem-se corpos de pessoas mortas ou moribundas boiando vagarosamente à jusante, por tratar-se de um rio de planície, corpos que ninguém pode tocar, mesmo numa ação de possível tentativa de salvamento. Partes de corpos humanos que se acumulam nas margens provocam uma fedentina insuportável, razão por que são levadas ao fogo, pela impossibilidade de inumação, provocando um incenso de carne humana queimada que se esparrama e impregna todo o vale.

O rio Ganges é um dos rios mais poluídos do mundo, talvez o mais, e, no entanto, há fanáticos que gargarejam e bebem suas águas. É pior que o Tietê.

Numa visualização miniaturizada, é como se estar numa estância térmica, cujas águas tépidas percorrem vários patamares e se observar, já tendo se banhado e gargarejado ou bebido do líquido, crianças brincando e urinando no andar de cima ou, muito pior, pessoas com perebas nas pernas, erisipelas e feridas purulentas a banharem suas dermatites e outras infecções nas quentes águas.

POLÍTICA

Após Collor, Sarney, o outro Fernando e agora o Lula, estamos num impasse.

Além do VOTO OBRIGATÓRIO, que é uma das maiores incongruências da nossa Democracia – ou pseudodemocracia –, fomos, a fim de pôr fim ao reinado do Grande Farsante e sua trupe, a votar pela primeira e ÚLTIMA vez no Lula, o homem das bravatas que a muitos, não todos, enganou. Não foi um engano – foi um ato de desespero, já que se conhecia a inconsistência de alguém tão despreparado. Mas, o que fazer? O Farsante Fernando não-sei- das quantas, não era letrado, não se dizia letrado? E o que deu? O que resultou? Um dos piores, quicá o pior de todos, embora seja muito difícil encontrar o pior neste emaranhado de podridão. Que triste sina a do povo brasileiro.

E agora? Como encontrar uma saída honrosa se, para livrar-nos do atual e de toda a lama, da imundície que o acompanha, nos resta apenas como opção o retorno do grupo anterior, não menos sujo e impuro?

É, estamos feito cachorro apurado e sem poste.

Além de tudo, o voto livre é um DIREITO, não um DEVER.

A Democracia é em si um disparate, a menos pior forma de governo, mas que propicia toda essa gama de corrupção. Não sobra um. E se sobrar, é por engano. Todos, todos os que procuram “trabalhar pelo povo” só pensam em locupletar-se e nas famílias, as deles próprios, é óbvio. Razão, pois, para que não se exerça mais o direito de voto e se ainda for obrigado a fazê-lo não vote em ninguém, anulando o sufrágio. Esse não é um apelo desequilibrado, ainda, é apenas um grito de alerta. No caso de, num mesmo pleito, dois candidatos que não merecem o seu voto, por suas vidas pregressas, estarem no segundo turno, o que fazer? ANULAR O SEU VOTO, votar em branco, ou o quê? Aguardar que os traidores do povo (quase todos os políticos) entendam que é preciso mudar de atitude? Difícil ou quase impossível. A menos que se criem condições para esse fim, como por exemplo: impedir que possam votar qualquer coisa em benefício próprio. Qualquer coisa.

Vejamos a situação contemporânea. Como formalizar

uma Comissão Parlamentar de Inquérito se a maioria dos representantes do povo é analfabeta ou semi, ou ainda se todos estão sofrendo investigação paralela. Um pilantra ou um ladrão não pode julgar outro. E, por agravante, quando se trata de ladrões do mesmo time do mesmo partido. O Atual presidente referiu, certa vez que, no Congresso, existiam 300 picaretas, o que não é de se duvidar... Resta anuir que com a subida dele e sua turma ao Palácio, no Planalto, o número de picaretas aumentou muito.

FUTEBOL

A regra do IMPEDIMENTO – continua fazendo estragos no esporte.

A FIFA por ora inventou uma nova fórmula: o jogador estará impedido e o impedimento só poderá ser marcado quando receber e tocar na bola e não mais no momento do lançamento. Uma impropriedade absoluta, gritante, pois além de ser uma regra obsoleta e contestável, favorece apenas os defensores, gratificando a incompetência da defesa em marcar. E se o atleta que está impedido não chega na bola, não toca na bola, mas prejudicam a ação da defesa, do goleiro principalmente, e aí, como é que fica?

O fim dessa inutilidade, dessa regra tola se impõe, para o bem do futebol, para a melhoria do espetáculo, para que haja menos interrupções no jogo e para o cerceamento da fábrica de resultados arrançados. O jogo estará mais solto, com ataques mais penetrantes, triangulações e tabelas que são o ópio do futebol desenvolvendo-se com arte e sem a paralisação da partida por erro dos antigos bandeirinhas, hoje auxiliares e que na realidade quase nunca acertam.

Pelo fim da incoerência, pelo fim do “impedimento” e pelo bem do espetáculo, é o apelo.

A DESEDUCAÇÃO

Dos antigos e exagerados castigos à libertinagem, ao desregramento atual. Nem pensar em castigar alunos, crianças, com palmatórias ou o ajoelhar em cima de grãos de milho, nem puxões de orelha ou qualquer tipo de agressão física. Porém, o regramento se impõe e a punibilidade é absolutamente necessária.

Essa permissividade reinante está provocando o aparecimento de uma geração degradada, impregnada de maus costumes e mentirosa – com exceções é evidente. – fato que fatalmente gerará maus adultos e que, aliado à miséria que os péssimos governantes nos têm imposto, degenerados e criminosos.

O respeito por pai e mãe, por professores e pelas autoridades constituídas, chefes, diretores etc., que não existe mais, é fundamental para a formação do caráter da criança e do futuro cidadão.

Direitos e deveres – A criança de hoje só tem DIREITOS. Um elenco enorme de direitos e nenhum DEVER. Faz o que bem entende, o que der na veneta, em casa, na escola e na vida (anti) social. A Educação deve começar no lar, um lar que, atualmente, não conta com o homem nem com a mulher, pelas necessidades econômicas de sua própria manutenção, diferentemente de quando o marido, então chefe da família, conseguia, com o seu trabalho, o sustento e a manutenção da esposa e dos filhos. Com o desaparecimento da “dona de casa”, tudo ficou mais difícil e complicado. A criança é enfiada numa creche e tem muito pouco contato com os genitores, com a família. À medida que os governantes impuseram os cada vez maiores arrochos salariais, como esses infelizes que governam o país, o Estado de São Paulo e a maioria dos municípios, creditando, com a maior desfaçatez, cara-de-pau, 0,001% e 1% de aumento (?) aos funcionários, estrangulamentos seguidos pelos empresários, como é que um pai de família pode dar

conta do recado de sustentar a própria? Tal situação pôs a mulher, esposa, no mercado de trabalho, 8 a 10 horas fora de casa e aliada ao fato de tirar a mulher do lar e dar-lhe um trabalho semelhante ao do homem, porém com salário muito menor, ficou cômodo e lucrativo para governos e empresários. Com isso, praticamente, desfez-se o lar. E a prole “pagou-o-pato,” ficando sem a presença dos pais a maior parte do tempo ou todo ele. Há muitas crianças que raramente vêem o pai ou a mãe ou ambos.

Essa situação tem provocado uma inversão de responsabilidades, com pais e a própria sociedade considerando que educar passou a ser só função da escola, com a família fora e alheia do processo educativo, com professores e diretores cada vez mais sendo responsabilizados pelo desando da garotada e por agressões aos costumes cuja prevenção deve começar em casa, no lar. E, mais grave, quando a família se vê acuada pelo mau procedimento dos filhos, algumas mães, principalmente, mentem com descaramento, apoiando o filhinho infrator (que é sempre um anjinho). Certamente, com o apoio dos pais, com a sabuja anuência e cumplicidade deles, sacrificam os professores, quase sempre inocentes. Qualquer coisinha, a invocação é assim: “Vou dar parte no Conselho Tutelar”; “A minha mãe vai dar parte da senhora. professora!” Ou, ainda, “se a senhora contar para a diretora ou para minha mãe, eu te mato”. Essa é a cara da indisciplina que predomina, que reina hoje em dia, tutelada por alguns Conselhos.

Qualquer acusação de uma criança é considerada verdade inconteste e é levada extremamente a sério, não se dando ao trabalho, os falsos entendedores, de averiguar a veracidade do delatado. Pouco fazem e o pouco que fazem, o fazem malfeito, pois a meta tem sido sempre concordar e inocentar a “belezoca” . Essa situação, atualmente, está presente em todas as fases educativas e atingem todas as camadas de alunos.

Um aluno considerado “excepcional”, forte, robusto, ataca seus companheiros com socos, tapas, beliscões e mordidas e ninguém pode fazer nada. Ao sentir, ao premunir qualquer tipo

de repreensão, parte com violência sobre colegas ou professoras, as desguarneckidas professorinhas, e estas, impotentes, se derem um paradeiro no espetáculo com admoestações verbais, são consideradas culpadas de maus tratos aos menores.

É comum, hoje em dia, alunos que são ilustrados pelos próprios pais a mentirem, acusarem suas professoras de maus tratos e arbitrariedades, acusando-as, por exemplo de os terem posto de “castigo” atrás da porta ou a se ajoelharem sobre grãos de milho e outras infâmias. E são acreditados.

Para as autoridades, notadamente essas que alcançam postos por influência política, com poucas exceções, os professores são culpados, até prova em contrário. São pré-julgados criminosos, culpados e sem propriamente direito de defesa. Quando conseguem defender-se, com a delonga da tramitação das sindicâncias, quando e se forem abertas, já estarão psicologicamente estuporados pelos efeitos catastróficos em suas mentes. Chorar, chorar muito é o que lhes resta. E, de que adianta clamar por justiça quando a falsidade impera, quando sem julgamento de mérito algum perdem seus empregos ou são humilhados com admoestações, suspensões e transferências de local de trabalho, carregando a pecha de tirania e de impingir maus tratos às crianças. Isso tem de acabar, para o bem-estar nas escolas e a vida em sociedade.

Os professores estão acuados. É flagrante a manifestação de MEDO no exercício da profissão. Afora o professorado afastado por problemas médicos, já há profissionais desistindo da carreira por medo de, ao exercer-la, serem incriminados por falsas acusações.

O TRABALHO INFANTO-JUVENIL

É comum incorrer-se numa interpretação com premissas falsas como a de que criança não deve trabalhar nem fazer coisa alguma, a não ser passar o dia inteiro na escola ou numa

creche. A gurizada de hoje passa pelo maior tédio, permanecendo muitas horas mais do que as necessárias dentro de recintos fechados das escolas, sem aprender nem a metade do que a criançada da nossa contemporaneidade aprendia.

Outrora, não há tanto tempo assim, com raras exceções, com 10/11 anos de idade, concluía-se o “primário” sabendo ler e escrever, conhecendo as quatro operações aritméticas, um pouco de Geografia e História e Ciências Naturais. Presentemente, a maioria vai para a 5ª série analfabeta ou semi-alfabetizada, quase ou totalmente despreparada e, no entanto, permanecem muito mais tempo no recinto escolar.

Não é o tempo excessivo passado dentro das escolas que instrui. É a qualidade do ensino. Qualidade essa que vem definhando. Quanto mais se exige em pedagogias e menos em conhecimento da disciplina e no preparo especial que as normalistas tinham para especificamente lecionar para a criança, menor tem sido a aprendizagem. Essa sanha tem provocado aberrações como a de iniciar o ano letivo na semana do Carnaval, só para não permitir aos professores e alunos mais alguns dias de merecido descanso e, pasmem, levá-lo até às beiras do Natal, lá pelos dias 20/21 de dezembro, quando todos, corpo docente, discente e servidores da administração, já estão estuporados e sem a perspectiva de qualquer acréscimo de rendimento efetivo. Enquanto isso as castas representadas pelos políticos e pelos juízes de direito gozam privilegiados períodos de férias e recessos. Incoerência! Absurdo!

A obrigatoriedade de cursarem escolas superiores(?), superiores apenas no nome e que, na maioria dos casos, só atendem à sanha lucrativa dos mantenedores dessas verdadeiras arapucas particulares, não tem apresentado nenhum resultado prático em termos de superação aos anteriores métodos.

Quanto ao trabalho infantil, a criança tem que aprender a ajudar, sim senhor. Aprender a ser útil, auxiliar os pais e aprender e dar início a uma compreensão maior do que é a vida real. Está-se incentivando a criação de uma plêiade de vagabundos e desobedientes convictos.

Quanto ao trabalho, não se está incentivando o trabalho infantil escravo. Nada disso. As crianças precisam fazer alguma coisa; se o genitor estiver construindo um cercado, por exemplo, por que não ajudá-lo. Se a mamãe, lavadeira, necessitar do filho para a entrega de roupa lavada a um cliente, qual o mal? Se o menor trabalhar num escritório, apenas com a função de anotar recados ou fazer pequenos serviços externos, como colocar correspondência no correio, onde é que está o abuso?

O mal maior é ver garotões de 12 a 16 anos vagabundeando e enveredando pela vida do crime, simplesmente por falta do que fazer. Imaginem que esses rapagões e moçoilas não têm condições de exercer uma atividade de trabalho? Fumar maconha, podem! Formar gangues, quadrilhas, podem! Apontar arma para pessoas adultas e assaltar, podem! Viver em plena libertinagem, sem qualquer regramento ou até em depravada licenciosidade sexual, podem! Trabalhar um pouco, não podem?

Crianças, exceto as de até oito/nove anos, muito pequenas, devem sim colaborar com a família, não só precisam como devem trabalhar... E brincar também. Uma coisa não inibe nem impede a outra. Tudo bem que não trabalhem os pequeninos. Obviamente não se está incentivando o trabalho escravo típico das clandestinas carvoarias, mas a ajuda corriqueira aos pais, aprender desde cedo a importância do trabalho na formação do caráter do homem.

Criança precisa estudar e brincar, necessita de rua, de terra, o que atualmente não é muito fácil de se conseguir e, com essa quase impossibilidade, a criação de espaços próprios para esse fim, nas escolas, clubes, ginásios municipais, é medida que se impõe. As escolas, de uma maneira geral, não possuem áreas verdes para a criança brincar e na maioria dos estabelecimentos escolares, correr, nem pensar. E se o menor arranhar o joelho, a mamãe não gosta e culpa os professores. Nada de dias inteiros enfrentando computadores. Quando usados sem exagero são benéficos, ajudam o cognitivo, com programas educativos. Nada, porém, de dias inteiros passados à frente deles, enfrentando a baboseira infame e inclemente para suas virgens cabe-

ças, imposta por uma gama imensa de videogames que só apresentam brutalidades e o emprego da força física. Um reinado de violência onde vence quem matar mais. Nada dessas absurdas e obscuras Lan-Houses, que estão empestando o ambiente, tornando a garotada prisioneira das máquinas.

O TRABALHO DO HOMEM

Está cada vez mais desvalorizado, com a ascensão da mulher ao trabalho comum, invariavelmente com salários bem menores.

Os antigos chefes de família – já não são mais – que ganhavam um salário até parco, porém suficiente para sustentar os seus, tiveram os salários cada vez mais rebaixados pela razão pura e simples de que havia quem fizesse o mesmo por menor custo. O salário do homem foi caindo até chegar à humilhante situação em que, mesmo trabalhando os dois, o casal, com salários achatados, o ganho não é suficiente para levar uma vida digna. E o prejuízo maior é dos filhos, que não contam mais com a presença dos pais no cotidiano da vida. E estão se tornando responsáveis dos professores.

O trabalhador brasileiro ganha mal e o salário, em média, é um dos mais baixos do mundo, situação essa incrementada pelo desvario, quanto aos servidores públicos, de governos como o do Grande Farsante que imolaram os seus salários por sete anos seguidos ao não cumprir a lei, lei que determina que os aumentos salariais dos servidores deve acompanhar a inflação do ano e cuja imolação perseverou até agora no governo desse outro enganador e descumpridor da lei. Este último chegou ao desatino de anunciar 0,001% de aumento, naturalmente por ser semi-analfabeto, sem sequer ter idéia da bobagem que estava cometendo, totalmente despreparado para o cargo a que foi guindado pelo voto do sempre enganado e

traído povo brasileiro. Avisado por alguém da imbecilidade que fizera, tentou, sorridente como de praxe corrigir a besteira e ao fazê-lo cometeu outra gafe: anunciou que daria 1.000% de aumento sobre a proposta anterior, ou seja, de 0,001, para 1,00%. É de chorar!

E depois, a fim de mostrar magnitude, ficam criando “auxílios disso, auxílios daquilo”, em forma de esmola, na obscura tentativa de iludir o povo... E, têm conseguido, o que é pior.

A COLHEITADEIRA

Afonso, lavrador simplório, de porte ereto, magro e sem muito viço, tez tostada pelo Sol, homem calmo, gestos atenuados e amenos, voz serena, de aparência física simplíssima, vestes comuns, maneiras discretas, nunca passava o dia todo no sítio, na roça. Sempre tinha um motivo para ausentar-se e, como dizia, “cuidar dos negócios”. Era duro na queda em matéria econômica. Um “mão-de-paca” de primeira; não gostava de gastar, embora tivesse muito. Não suportava a idéia de ter que pagar passagem de ônibus e nem de pagá-la para alguém conhecido.

Quando necessitava ir à cidade, permanecia horas no ponto de ônibus esperando uma possível carona. O ônibus passava e ele não pegava a menos que tivesse a certeza de que alguém lhe pagaria a passagem.

Certo dia, a época da colheita se aproximando e ele, que já se sentia um tanto cansado e aborrecido por não ter uma colheitadeira, que sempre desdenhara, pois havia um vizinho que tinha e a emprestava, após tê-la usado na sua própria colheita. Havia, entretanto, vizinhos a espera da máquina. Essa posição freqüentemente provocava atraso e perda de parte da produção. Afonsinho, como era mais conhecido, resolveu comprar uma colheitadeira.

Por essa razão, aguardou a possibilidade e foi, certo dia, de carona, logo cedo, à Marília, que era a única cidade da região que tinha uma loja de ferragens, que vendia o apetrecho.

Vestido com simplicidade, botina de couro cru, embornal no ombro, entrou na loja, e ficou aguardando ser atendido. Um vendedor passava para cá, outro para lá e ninguém sequer notava sua presença. Volta e meia, uma mocinha toda coquete, uniformizada de azul, ia e vinha... Mas, atender o Afonso, nem pensar.

Duas ou três horas depois e após visitar todos os recantos da loja, admirando todos os produtos, foi abordado por um daqueles empregados, que lhe disse: – Desculpe, senhor, mas está na hora de fechar.

– É que estou querendo comprar uma máquina daquelas – disse com simplicidade, apontando a magnífica colheitadeira.

O vendedor mediu-o de alto a baixo e, duvidando da informação, com uma certa ironia estampada no rosto, mesclada à raiva que começava a sentir por ter atrasada a sua saída, disse-lhe, apontando uma porta.

– O gerente está naquela sala. Vá até lá e fale com ele.

Afonsinho, passos lentos, encaminhou-se para o aposento, entrou e sentou-se, bem à frente de um homem que estava também sentado, atrás de uma escrivaninha.

– Boa tarde – disse o visitante.

O gerente da loja, que também já estava doidinho para ir embora, não gostou da atitude liberal daquele sujeitinho mal trajado, que fora chegando e sentando sem pedir licença. Enfim... – Boa tarde. O que o senhor deseja?

Boa tarde – tornou a dizer Afonso – É que estou nesta loja há mais de duas horas e... eu queria comprar uma máquina daquelas – disse, apontando pela porta aberta, a colheitadeira.

O gerente, com cara de dúvida, inquiriu: – O senhor já sabe o preço?

– Não! Mas aqui está o meu cartão. O senhor pode ligar para o Banco em Santa Cruz (do Rio Pardo), que o gerente ainda deve estar lá, e pergunta se o meu dinheiro dá para pagar o preço.

Incrédulo e já um tanto aborrecido, o gerente fez a ligação, explicou a situação, enfatizando que o provável cliente para a compra de uma colheitadeira era um “joão-ninguém” que o estava aporrinhando. Ouviu a seguinte resposta: – É só isso que ele quer comprar? Uma simples colheitadeira? Olhe, com o dinheiro que ele tem aqui, neste banco, ele compra tudo o que o senhor tem aí na sua loja e paga à vista. Se quiser, compra a loja e despede o gerente.

Todo solícito, ao largar o telefone, o gerente, num largo sorriso, perguntou: – O senhor aceita um cafezinho, sr. Afonso?

E, diante da resposta afirmativa do cliente chamou... Denise! Denise! (a moça uniformizada de azul), traga, por favor, um café para o nosso amigo aqui.

O MILHARAL DE CAMPOS VERDES

O município já referido em “Os Copos”, distingue-se por ter uma população ordeira e pacata que habita um núcleo central pitoresco, com pouco mais ou menos 4 a 5 mil habitantes, onde a densidade demográfica é mais elevada. A vasta região rural desenvolve a agricultura e, com maior destaque, a criação de gado.

Na cidade propriamente dita, zona urbana, há apenas uma funerária municipal, com um veículo especial para o fim, que atende ambas as áreas. Nessa viatura, Mossoró, motorista, exercia sua função ao lado do Otilio, ajudante. Os dois, apesar da seriedade com que desempenhavam suas tarefas, sempre encontravam um jeitinho de sair da rotina. Divertir-se um pouco, dir-se-ia.

Assim é que, após um enterro de pessoa falecida no sítio “Manduca,” retornavam para a cidade, percorrendo as empoeiradas vicinais de terra vermelha batida, à margem das quais, em pequenos sítios ou grandes fazendas, estendiam-se plantações de mandioca, café e milho. Ah, o milho!

Trafegavam, Otilio e Mossoró, por uma estradinha em cujas beiradas frondoso milharal os acompanhava. Não se contiveram. Encostaram o carro fúnebre e olharam-se... – Vamos? inquiriu um. – Vamos – respondeu o outro.

Desceram do veículo, deram uma esticada nas pernas, esfregaram as mãos e partiram para a colheita. Escolheram minuciosamente as espigas maiores e melhores, no ponto de consumo, usando para esse fim dois sacos vazios que estavam no carro.

Colheram, evidentemente, além do preciso, razão por que encontraram dificuldade para carregar o produto do saque até o veículo. Quando estavam chegando perto dele, com os sacos nas costas, avistaram dois caboclos que, com enxadas nos ombros, vinham na direção deles.

– Tarde! – Disseram.

– Tarde! - Responderam os homens.

– Quente, né?

– É. Muito quente, só que mais quente estava o Sol, quando eu plantei todo esse milho aí - disse o lavrador -, apontando para os sacos que os agentes funerários carregavam

– Ué – disse Mossoró -, esta roça é sua? Pensei que fosse do compadre Andrade. Pois saiba o senhor que, noutra dia, passei com ele por aqui e ele me disse que, quando o milho estivesse granado, se eu passasse por estas bandas, que pegasse o quanto quisesse.

– Tá bão, fio - respondeu o lavrador -, que tal a gente ir fazer uma visita pro Andrade e lá a gente conversar.

– Num vai dá não. – Respondeu Mossoró. Temos que tratar de um velório na fazenda Chifre de Ouro”. E, esse milho,

o senhor leva para sua casa e faça uma boa pamonha ou curau com ele. Desculpe! E de fininho saiu com Otílio, entraram, ligaram o motor da viatura, engrenaram e saíram, sumindo na curva da estrada, enuviando o ar de pó vermelho.

ACADÊMICO PLINIO TOMAZ



ALEGRIA DO MAL

Um americano judeu, que foi diretor de cinema, fez um curso de literatura na Universidade de Columbia, escreveu um livro sobre todos os livros que teve de estudar para concluí-lo.

Uma vez, foi assaltado no metrô de New York, por duas pessoas e só foi entender a satisfação dos bandidos, após ler o livro de Santo Agostinho, denominado Confissões.

Neste livro, Agostinho declara que um dia, quando tinha 16 anos de idade, junto com um amigo, foi roubar peras do seu vizinho. Após colhê-las, sentiu-se contentíssimo, mesmo observando que as frutas furtadas não estavam boas, sendo, por esta razão, jogadas aos porcos.

Comenta então sobre a "alegria do mal". Um estado de euforia que sentiu ao praticar aquele ato e a necessidade de ter consigo alguém que presenciasse e com quem repartisse tamanha satisfação, por isso levou seu amigo.

GUENTHER BERNERT E A RAINHA DA SUÉCIA

No ano do meu nascimento, 1941, o exército alemão (Wermach), juntamente com a força aérea (Luftwaffe) deu início à campanha da Rússia.

Com quinze anos, juntamente com um primo chamado Ernane Tomaz, fomos ao Clube Alemão do Picanço, conhecido na época como Tibagi Clube.

O clube Alemão hoje existente é feito de alvenaria de tijolos e concreto armado e situa-se a algumas quadras do clube original da Alameda Yayá. Tinha ouvido também que muito antes do clube Alemão da Alameda Yayá havia outro clube mais antigo que o meu pai havia freqüentado. Tratava-se de um galpão grande, feito em alvenaria e que ficava nos fundos da rua Dona Tecla.

O Clube dos Alemães estava situado no Picanço, tendo acesso à Alameda Yayá numa área com aproximadamente 30 mil metros quadrados, cheia de árvores bem altas, talvez resquícios das antigas florestas de Guarulhos.

Logo na entrada do portão estava uma construção em madeira enorme num estilo alemão com telhado bastante inclinado. A construção estava a cerca de 1,5 m acima do solo, havendo uma escada para subir.

Na época o clube já parecia velho.

Dentro havia um balcão de bar semelhante aos usados na Europa, coisa que não existia em Guarulhos na época. Junto ao bar estava escrito em alemão que traduzido para o português significa mais ou menos isto: no céu não tem cerveja então vamos bebê-la aqui.

Lá conheci um alemão chamado Guenther Bernert, homem de estatura média, sempre numa atitude e posição de respeito. Ficava quieto tomando a sua cerveja ou chope e pouco conversava. Cumprimentava a todos, mas quase não conversava com ninguém.

Tinha impressão que era um engenheiro, um técnico de

alto nível, mas o mesmo não falava a respeito. Conheci a sua filha Anne Marie que estava sempre conosco nos bailes aos domingos ou quando fazíamos visitas aos outros clubes alemães localizados em São Paulo.

Mais tarde o Guenther Bernert entrou no Rotary Club Guarulhos Vila Galvão e recebeu o troféu Paul Harris em março de 1983.

Um dia ele trouxe uma fotografia tirada na época em que comecei a freqüentar o clube alemão. Fora tirado de dentro do clube com as moças e os moços sentados e de pé. Dava para se ver as janelas abertas e as árvores existentes ao fundo. Tratava-se de uma tarde de domingo ensolarada.

Na fotografia aparecia numa mesa várias moças e ao lado estava o Guenther Bernert .

O Guenther me mostrou uma moça e disse-me se tratar da Sílvia, rainha da Suécia. Soube depois que ela morava na capital de São Paulo e estudava na escola alemã denominada Colégio Porto Seguro. Aos domingos, de vez em quando, vinha visitar uns parentes no Picanço em Guarulhos e ia aos bailinhos no Tibagi Clube.

O Guenther me disse que neste dia eu estava lá, mas não saí na fotografia. Realmente me lembrei dos amigos e amigas que estavam na fotografia.

Mais tarde li em um jornal que realmente a rainha da Suécia era brasileira.

No Rotary Club Guarulhos Jardim Vila Galvão eu e o Bruno, gerente da antiga indústria Febernati, que ficava na rodovia Dutra perto do Estádio Fioravanti Iervolino. Fizemos amizade com o Guenther e íamos uma vez por mês tomar cerveja e jogar bolão no Tibagi Clube que já era o clube novo. O bolão é um jogo parecido com o boliche. O Guenther jogava bem, mas nós só íamos tomar cerveja e comer comida alemã.

Várias vezes, íamos primeiramente a casa do Guenther, batíamos um papo e tomávamos uma cerveja. Sua casa parecia uma casa de boneca e ficava próxima ao clube e na rua 24 de Outubro no Picanço, perto do atual Anel Viário.

Um dia o Guenther se dirigiu à sua biblioteca, pois, via-se que lia muito, e nos mostrou um livro grosso escrito em alemão. Folheou as páginas até encontrar uma fotografia. Lá estava o Guenther Bernert de uniforme militar junto ao famoso General Heinz Guderian (1888-1954), o pai do Blitzkrieg (guerra relâmpago) que comandava as divisões de tanques da Alemanha e que tanto trabalho deram aos Europeus. Foi o que me parece o criador das panzer divizione que atacaram e derrotaram os franceses passando por trás da linha Maginot.

Desde criança aprendi o que era a linha Maginot. Os franceses com medo da Alemanha fizeram uma fortaleza fixa inexpugnável, invencível, com trens subterrâneos e grandes canhões apontados para a Alemanha. Minha mãe contava que os franceses dançavam em Paris e não sabiam que os alemães muito espertos entraram pela Bélgica e atacaram a linha Maginot por trás e os canhões não podiam atingi-los. Parece piada, mas isto realmente aconteceu. Conversei uma vez com um libanês de Guarulhos que estudava na Inglaterra e em visita na Alemanha na época, cumprimentou Hitler e disse que estava na Inglaterra quando os alemães passaram a linha Maginot por trás. Disse que foi algo de impressionante e de admiração geral. Aqueles tanques eram comandados pelo general Guderian. Conte isto para minha filha mais tarde e ela riu de como os franceses colocaram os canhões que podiam disparar somente para a frente.

Os dois estavam em frente aos últimos tanques alemães da época.

O Guenther nunca me falou qual o seu posto militar e nem o que significava aquela fotografia. Vários amigos alemães de Guarulhos que freqüentavam o Tibagi Club, nunca ouviram falar sobre o que o Guenther me contara. A minha sogra, filha de alemães e que freqüentava também, quando moça, o Tibagi Club, disse que Guenther era simpático, inteligente, mas nunca comentava nada sobre a guerra e que isto era comum também entre os outros alemães, pois temiam represálias.

Uma vez o Guenther me disse:

– Plínio, nasci em Santa Catarina, portanto sou brasileiro. Lutei a favor de São Paulo na revolução constitucionalista de 1932 e perdemos a guerra. Lutei na guerra a favor da Alemanha em 1939 a 1945, e perdemos também. Todas as guerras que lutei eu perdi. Não disse isto pesaroso, mas em tom de brincadeira, com o seu formoso sotaque alemão.

Foi o Guenther Bernert que me disse que estavam mais de 80 mil soldados brasileiros lutando a favor da Alemanha, mais do que os 23.344 brasileiros lutando contra o eixo (Alemanha, Itália e Japão) na Segunda Guerra Mundial. Nunca vi isto escrito em nenhum lugar, mas sei de muitos amigos e conhecidos que lutaram na Alemanha naquela época e que se diziam descendentes de alemães.

O que o Guenther Bernert fazia eu não sei. Eu e o Bruno achávamos que ele devia entregar medalhas da cruz de ferro ou que ele pertencia ao serviço de inteligência da Alemanha, pois esteve em um número enorme de frentes de batalhas, inclusive em Stalingrado.

Havia onde hoje é o Aeroporto Internacional de Guarulhos, quando tudo era mato e campo, um galpão enorme onde ficavam aviões planadores alemães de treinamento. O meu sogro que era alemão, nascido em Leipzig fez curso de pilotagem. Após os treinos faziam festas com chopes e comidas típicas alemãs com bastantes moças e músicas para alegria de todos.

Meu sogro disse que todos os filhos de alemães de Guarulhos que foram para a Alemanha antes da guerra e lutaram na Luftwaffe não voltaram. Morreram todos. Graças a seu pai que tinha lutado na Primeira Guerra Mundial e sabia qual seria o resultado, o meu sogro foi proibido de ir para a Alemanha.

Uma vez li que anos após o término da guerra, o comandante das forças aéreas alemãs era um brasileiro nascido em Santa Catarina.

O Guenther que era rotariano viajou até a África do Sul e foi-bem recebido, sendo feito homenagem especial para ele. Trouxe um monte de fotografias e mostrou para todos no Rotary. Mais tarde ele foi para a Alemanha num clube rotário,

sentou-se a uma mesa e ninguém conversou com ele. Voltou totalmente magoado e decepcionados com o rotary da Alemanha, justo ele que lutara cinco anos ao lado daquele país.

O Guenther morreu com aproximadamente uns 80 anos. A sua esposa continuou a freqüentar o Rotary com as outras mulheres dos rotarianos e depois não apareceu mais.

Quanto ao que foi realmente o Guenther, nunca saberemos, mas era um homem culto, inteligente e íntegro.

Por incrível que pareça conheço um outro Guenther que também é rotariano e que nasceu em Santa Catarina. Dá impressão que todos nasceram em São Bento do Sul, Jaraguá e Pomerode.

Contou-me este outro Guenther que estava doente e o médico sugeriu à família que deveria mudar para a Alemanha para se curar. Foi para a Alemanha, formou-se engenheiro quando estourou a guerra.

Imediatamente foi convocado como oficial devido aos seus estudos de engenharia. Foi mandado lutar justamente contra os brasileiros.

– Não vou lutar contra os meus irmãos brasileiros – ele disse, –pois eu sou brasileiro.

Assim o Guenther foi encaminhado para a corte marcial.

Estava sentado aguardando para ser julgado, quando um major alemão lhe perguntou qual o problema que ele tinha. Contou e o mesmo lhe disse que era da África do Sul e que compreendia o problema do Guenther. Pediu para aguardá-lo.

Depois voltou e disse ao Guenther:

– Você está doente.

– Eu não estou doente !

– Não, você está doente, compreendeu.

O Guenther foi para o hospital e o major conseguiu resolver o problema da corte marcial e foi enviado para a frente russa, que era a pior de todas.

Contou-me também, que os alemães desenvolveram o avião a jato, mas quem inventou realmente foram os italianos. Este ainda está vivo.

CLUBE RECREATIVO DE GUARULHOS

Na rua D. Pedro II, esquina com rua XV de Novembro, havia um clube bastante antigo chamado Clube Recreativo. Era um local que oferecia bom divertimento em Guarulhos, além do único cinema que tínhamos, o cine República.

Como toda construção antiga, havia uma escada grande que se subia para atingir o piso do clube, pois não havia as impermeabilizações dos tijolos com vedacit impedindo a subida da umidade e a solução era deixar a umidade subir até ao ponto máximo e o piso ficava acima do local da umidade. Havia, portanto, um porão de uns dois metros de altura.

Nas casas velhas também se achavam estes porões, que eram feitos para conter a umidade e nivelar o terreno. Freqüentemente, os porões eram aproveitados para guardar coisas velhas, ou havia lugares que os mesmos se conservavam fechados, pois, mantinham a umidade, apesar de previsto a entrada de ar e de luz.

O clube Recreativo teve como fundadores os Srs: Silvío Barbosa, Mário Dabariam, Moacir Dabariam, João Dagoberto e outros. O João França Filho, embora fosse menor de idade, participou da fundação do clube.

Além do vasto salão de baile do Clube Recreativo, havia quatro salas com pé direito de 4,00m para as pessoas que gostavam de jogar cartas a dinheiro. Era comum o carteadado, como se dizia e as pessoas perdiam ou ganhavam muito dinheiro no local. No salão de baile havia duas mesas de bilhar. Quem servia a comida e a bebida para as mesas de jogos era o Caetano D'Andrea.

Todos os grandes bailes e festas eram realizados no Clube Recreativo. Mais tarde ele foi transferido para a rua Nilo Peçanha, contíguo a Universidade de Guarulhos.

Lembro-me de uma palestra sobre “racismo” feita no Clube Recreativo. Um dos moradores tradicionais de Guarulhos da família Arruda, importante na época disse:

– O que o sr. está falando é tudo besteira. Não existe racismo, principalmente em Guarulhos.

O palestrante, muito educadamente, olhou para ele e perguntou:

– O sr. tem filha?

– Tenho respondeu prontamente, o guarulhense.

– Se sua filha dissesse ao senhor que iria se casar com um negro, o sr.deixaria?

O homem pensou e não respondeu, sentando-se novamente, dando a entender a todos que ele, não deixaria, fato comum na época. Sem querer, o guarulhense provou que havia racismo. Mais tarde lendo o livro “O Sonho da Mariposa”, do Dr. Adolfo de Vasconcelos Noronha, aprendi que tal atitude não era de racismo e sim de raciocínio denominado “in se”. Pois, o pai da moça também não gostaria de vê-la casada com uma pessoa super gorda, mesmo que fosse um loiro de olhos azuis.

Dancei, vários carnavais matutinos, no Clube Recreativo quando era garoto e minhas irmãs iam aos bailes noturnos, freqüentemente. Havia um espaço grande destinado ao jogo de pingue-pongue. Os jogadores de pingue-pongue do Clube eram muito bons. Lembro que não dava para jogar com ninguém, jogavam tão bem que a gente não pegava mais do que duas ou três vezes na bola.

Pavimentação

Guarulhos, naquele tempo, não tinha nenhuma pavimentação. A principal rua de Guarulhos, a rua D. Pedro II, era de terra, como se falava. Quando chovia, ficava uma lama. Em frente ao cinema, quando chovia, colocavam junto às portas umas grades de madeira em forma triangular para que as pessoas não sujassem o piso da entrada com a lama das ruas. Somente em 26 de agosto de 1950, é que o prefeito, Fioravanti Iervolino contratou a firma Vicente Matheus para pavimentar as ruas: Capitão Gabriel, Felício Marcondes, Sete de Setembro, João

Gonçalves, Luiz Gama, Quinze de Novembro, 13 de maio, além da Avenida Cabuçu em Vila Galvão.

A rua D. Pedro II, no trecho que ia do cine República até o posto de gasolina que ficava na esquina da Rua João Gonçalves era muito estreita, só sendo alargada pelo grande prefeito Waldomiro Pompêo, em 1968. A rua era dotada de pouca iluminação, mas era a única via iluminada desde 1948. Quase ninguém tinha automóvel. Tínhamos medo de fantasmas. Quando víamos alguém chegando ficávamos contente sentindo-nos protegido.

Passar a noite perto das ruas do cemitério, naquele tempo, só acompanhado, pois, não existia iluminação e havia poucas casas. Quando voltava, à noite, do ginásio Conselheiro Crispiniano, que ficava no prédio do grupo escolar Capistrano de Abreu, nunca passava pelas ruas próximas do cemitério.

Igreja Nossa Senhora do Rosário

A praça Conselheiro Crispiniano fica no meio da rua D. Pedro II, entre a Igreja e a rua João Gonçalves.

Quando estavam fazendo uma galeria de águas pluviais transversalmente à Praça Conselheiro Crispiniano, em frente ao cine República, de propriedade do Antônio Pratici, ou seja, o Antoninho do cinema, os trabalhadores começaram a achar pedaços de ossos de vários tamanhos. As crianças e os curiosos ficaram vendo os trabalhadores escavarem com as picaretas e depois jogar a terra ao lado da vala, e pegavam com as mãos os pequenos ossos e mostravam, orgulhosamente, para as crianças.

O meu pai disse que naquele local era antigamente um cemitério de negros, um dos três cemitérios de Guarulhos, bem antigo e que na época, onde estava o restaurante do Caetano de Andréa havia a Capela Nossa Senhora do Rosário e que teria sido a primeira de Guarulhos, construída em 1863 e demolida em 1930. Nesta capela eram adorados somente santos pretos, como São Benedito e Santa Ifigênia.

A Igreja Nossa Senhora do Rosário que está localizada na

esquina da Rua 7 de setembro com a rua João Gonçalves, é na verdade, a nova Capela Nossa Senhora do Rosário onde eu me casei em 1967.

O Sr. João França Filho, me disse que quem demoliu sozinho a Capela Nossa Senhora do Rosário, foi o Sr. Raniero Rebelli, o qual lhe contou que achou corpos em caixões ou embrulhados em panos, no chão da capela e nas paredes.

Era gozado ouvir falar dos índios guarus que tinham habitado em Guarulhos. Nunca vi um índio sequer em Guarulhos ainda mais um índio barrigudinho que deveria ter sido da tribo Guarus. Também, nunca soube que alguém tivesse achado em Guarulhos, uma ponta de flecha ou algum objeto usado pelos índios. Nunca vi também nenhum descendente destes índios, em nosso município. Soube mais tarde, que os Guarus também andaram por Atibaia. Em um sítio que tenho em Nazaré Paulista achei há tempos, uma ponta de flecha de pedra polida, que deve ser de índios, talvez da tribo Guarus. Os guarus habitavam a região que ia de Guarulhos até o vale do Paraíba, próximo ao Estado do Rio de Janeiro.

Cinema

Falando de cinema, anos mais tarde, quando já era formado engenheiro civil e trabalhava no SAAE, veio um velhinho falar comigo e disse:

— Dr. Plínio Tomaz, meu nome é Rodolfo Pini. Trabalhei com o seu avô Ettore Tamassia (uns filhos tem o sobrenome Tamassia e outros Thomaz ou Tomaz). O primeiro cinema de Guarulhos, foi construído em 1922 pelo Sr. Juvenal Barbosa e seu irmão Abílio Barbosa e se localizava, na Praça Conselheiro Crispiniano. Era época do cinema mudo. O cinema fora alugado ao seu avô e seu tio, Mário Boari Tamassia. Ele tocava violino para dar ânimo ao filme e havia, também, uma pianola, que quando acabava a música, alguém ia chamar o seu avô para dar corda nela. Um dia quebrou a lente da câmara filmadora e o seu avô a jogou fora e eu a peguei. Está aqui a lente e a mostrou para mim.

Era uma lente antiga que ele tinha guardado de recordação. Falei com minha mãe e tios e descobri que, de fato, o primeiro dono de cinema de Guarulhos foi o meu avô, Ettore Tamassia.

Meu pai, inclusive, disse que numa cena em que uma locomotiva vinha direto para o espectador, alguém tirou um revolver e disparou contra a tela. Contou, ainda, que tinha umas irmãs bonitas e que muitos iam ao cinema mudo, para paquerá-las.

Na verdade, antes do cinema do vovô Ettore, havia um outro cinema mudo, que ficava na rua D. Pedro II, no porão do prédio do Silvio Silingardi, pai da Sílvia e Sidelma. Na parte térrea do prédio, mais tarde, existiu a loja do Riganeli. O cinema esteve funcionando até quando o filme pegou fogo e destruiu todo o equipamento.

O meu avô tinha também uma padaria na época, a Padaria Tupã, que ficava na rua D. Pedro II em frente à loja do Riganeli. Naquele tempo as padarias eram de italianos.

Muitos guarulhenses antigos me contaram que iam sempre à padaria do meu avô para paquerar as suas filhas. Lembro até de um morador da Penha, que disse que vinha, uma vez por semana, a Guarulhos, para paquerar minhas tias.

Meus pais Egisto Tomaz e Eugênia Forli Tomaz se casaram e seguiram a tradição da família, montando a padaria Barão na rua João Gonçalves nº12, onde nasci em 1941. O nome Barão foi registrado e até hoje é exibido, orgulhosamente, pelos novos donos da padaria.

Velório

Minha mãe me contou, que uma vez foi a um enterro de uma pessoa importante em Guarulhos. Era a dona Filomena Rinaldi, mãe da dona Assunta, dona Anita e do Sr. Nicola.

O velório, que geralmente era na casa do falecido, foi feito no Clube Recreativo da rua D. Pedro II.

Puseram o caixão no centro da sala, onde se faziam os bailes. Havia muita gente.

Quando se participa de um velório chega o momento da despedida do morto. Então, os parentes e amigos se juntam

perto do caixão e o padre diz algumas palavras de consolação aos vivos, fazendo os elogios ao morto. Era a hora de fechar o caixão.

Ajuntou-se, grande número de pessoas em torno do morto, quando de repente o piso não resistindo a carga, ruiu provocando a queda de pessoas no porão e o caixão começou a cair e minha mãe viu vários homens segurarem o caixão, para que não caísse no buraco. Muitas pessoas caíram no buraco, inclusive a Norma Lombardi que perdeu um sapato, conforme me disse a sua irmã.

O João França Filho (João Pipoca) e o Dr. João Ranali me confirmaram o episódio, pois, estavam lá.

Parece inacreditável, mas, perto do Clube Recreativo, morava numa casa de pau a pique o Sr. Carmelino. Armava armadilhas para pesca de peixes, as chamadas covas e pescava todos os dias no rio Tietê. No fim da tarde estava sempre com uma feira de peixes frescos e ia vendê-los na rua D. Pedro II. Era a década de 1930 a 1950 aproximadamente.

Muitas vezes, os jovens do clube Recreativo, como eu, Guilherme Figueiredo, Newton Evans, Moacir Mesquita, William Tomaz e Dionísio Marcial Fernandes, ficávamos à noite, na pracinha da Igreja Nossa Senhora do Rosário localizada na rua 7 de setembro com rua João Gonçalves conversando sobre livros ou amenidades.

Estas reuniões eram constantes e todos queriam mostrar os seus conhecimentos. Na verdade, todos nos preparávamos a semana inteira, para aquele bate papo informal e fazíamos o papo convergir para o assunto que dominávamos. Comentávamos os livros que tínhamos lido e discutíamos sobre a existência de Deus e o que era a morte. Sempre um de nós se salientava mais e, geralmente, era aquele que tinha lido alguma coisa a respeito. Muitas vezes caímos em armadilha de algum amigo que ingenuamente, nos fazia pergunta de coisa de que já tinha a resposta melhor que a nossa. Daí, nasciam as discussões inúteis. Alguns colegas queriam fazer vencer seus argumentos com a brilhante oratória, tais como os sofistas gregos. Não

levavam vantagem, pois, todos tinham a liberdade de falar.

Mais tarde quando fui estudar engenharia civil na Escola Politécnica e morei numa pensão com os estudantes, era comum a disputa intelectual de conhecimentos.

As nossas reuniões informais em Guarulhos, em frente da Igreja Nossa Senhora do Rosário, me foram úteis. Era difícil discutir com os colegas da Escola Politécnica, pois os seus conhecimentos eram elevados, eram duros nas respostas e eu não tinha tempo para me preparar para as discussões.

Na maioria das vezes eu ouvia, pois as armadilhas eram mais perigosas do que aquelas dos meus amigos de Guarulhos. Tinha que ler mais matérias técnicas do que filosóficas.

A filosofia ficava para depois.

A MACUMBA FUNCIONOU

Trabalhava no escritório do engenheiro civil Élio de Castro Mesquita, meu cunhado, em Guarulhos, que ficava na rua D. Pedro II, 151, primeiro andar no prédio da Câmara Municipal de Guarulhos que pertencia ao meu tio Mario Boari Tamassia.

Um dia o dr. Élio disse:

—A macumba funciona. Você viu aquele engenheiro que veio diversas vezes conversar comigo. Ele teve um problema e a macumba funcionou.

O dr. Élio me contou o que aconteceu.

O engenheiro era amigo dele e tinha uma amante muito bonita que o tinha largado.

Ele tentava voltar, fazia de tudo, mas ela tinha desistido. Resolveu então conversar com o dr. Élio que imediatamente teve uma idéia brilhante.

Pegou o jipe do escritório e levou o amigo a um centro de umbanda famoso que existia no Jardim Presidente Dutra. Conversou com a dona do centro, combinaram o preço do ajuste ao “trabalho” e puseram para funcionar.

Conseguiram que uma amiga da amante fosse ao centro de macumba do Jardim Presidente Dutra. Um espírito baixou na mulher e esta conversou com a amiga e disse que tinha uma mensagem do além para a amiga, uma mensagem de vida e morte, e que a amiga deveria vir no próximo sábado a noite.

A amiga da amante a procurou e levou-a para o centro de macumba no sábado. O engenheiro foi cientificado que ela estaria lá e ficou escondido aguardando os acontecimentos.

O espírito encarnou na macumbeira e ela lhe disse que o amor da sua vida era o engenheiro fulano de tal, pois se conheciam em outras reencarnações e deveriam fazer as pazes imediatamente. Como por milagre o engenheiro, entrou na sala e encontrou a amante. Abraçaram-se, se beijaram e fizeram as pazes.

No dia seguinte o dr. Élio o levou ao centro de macumba e pagaram o preço ajustado do trabalho executado.

A macumba funcionou.

A FLATULÊNCIA DO TRIANO

Quando o dr. Triano era solteiro e ainda não era formado em engenharia civil, vivia sempre estudando numa situação de bastante falta de dinheiro.

Tinha uma Brasília velha com que ia trabalhar e que ficava estacionada em frente ao departamento de planejamento da Prefeitura Municipal de Guarulhos.

O dr. Triano gostava de músicas clássicas: Era asseado e vestia-se bem.

Havia, na época, uma funcionária muito bonita e todos queriam namorá-la, sair com ela, ou simplesmente dar-lhe uma carona. Era linda mesmo.

Todos tentavam, mas ninguém conseguia.

Um dia o dr. Triano, que tinha grande interesse por ela conseguiu o feito. Ele ia dar carona para ela e com isto, a cantada já estava praticamente ganha. Ela iria com dr. Triano, mesmo no carro velho e feio que tinha.

A notícia se espalhou no departamento de planejamento. O Triano estava com o maior prestígio.

Quando saíram as 17 horas o dr. Triano e a moça foram ao carro velho. O Triano, muito gentilmente, abriu a porta para ela, que entrou rapidamente no carro que estava com os vidros fechados. O dr. Triano deu a volta, abriu a porta, sentou-se e distraidamente, como fazia todo o dia, apertou o pé esquerdo de desembreio, soltou em enorme peido e relaxou.

Quando percebeu o fora que dera, a convidada já tinha pulado fora do carro e ido embora de ônibus.

No dia seguinte, todos os funcionários ficaram sabendo do ocorrido e deste dia em diante, ninguém mais queria tomar carona com o Triano.

A ÚLTIMA FESTA DO POMPÊO

O prefeito Waldomiro Pompêo tinha sido reeleito, após 4 anos de intervalo com o outro mandato, pois naquele tempo não era permitida a reeleição.

Foi então organizada uma grande festa após a sua posse. Seria no restaurante Recreio Holandês, localizado na capital de São Paulo, no bairro de Santana. Era um restaurante sofisticado e caro onde se serviam comidas alemãs e francesas. O local era bastante amplo e bonito.

Não estive nesta festa, mas soube que foi disputadíssima. Havia até pessoas importantes comprando convites a qualquer preço, para se sentarem junto ao Prefeito Waldomiro Pompêo.

Estavam os vereadores, autoridades de Guarulhos, futuros secretários e pessoas que gostavam de acercar-se do poder.

Após quatro anos o mandato do Prefeito chegou ao fim. Foi então prevista a festa de despedida do prefeito no Recreio Holandês. Desta vez fui convidado. Todo o salão estava reservado para a festa. As mesas estavam dispostas como nas festas do Rotary Club: uma mesa principal onde se sentaria o prefeito e demais autoridades, as outras dispostas perpendicularmente à mesa principal. Todas elas estavam adornadas de flores. O número de garçons era imenso. Seria um festão.

Quando cheguei não vi muita gente. Conversei com duas funcionárias que faziam cafezinho no gabinete do prefeito, com o dr. Heitor Maurício de Oliveira, com o filho do prefeito, o Décio Pompêo e com a vereadora Luzanira, aguardando os demais. Sentei numa parte das mesas em perpendicular à mesa principal, juntamente com as duas moças que faziam o cafezinho.

– Estaremos aqui mais a solata, falei às duas moças, pois haverá muita gente e ficaremos longe dos discursos, podendo comer à vontade, e não teremos que ouvir as piadas do prefeito.

As piadas eram sempre as mesmas e na mesma seqüência. As piadas eram boas e muito bem contadas, algumas com

sotaque italiano, mas eram sempre as mesmas. O dr. Heitor Maurício, muito habilmente, escolhia as pessoas para sentar junto ao prefeito.

O tempo foi passando, chegou o prefeito, com seu motorista e não chegava mais ninguém. Perguntei ao dr. Heitor o porque das ausências e ele me informou que recebera um número enorme de desculpas, tais como, doenças, compromissos inadiáveis e assim por diante e que era melhor nos sentarmos próximos ao prefeito, pois, achava que não viria mais ninguém.

O dr. Heitor sempre foi um grande homem. Acho realmente que era o melhor amigo que o prefeito tinha. Quantas enrascadas feitas na prefeitura vi o dr. Heitor resolver, sempre cuidando da imagem do prefeito Waldomiro Pompêo. Sempre admirei o dr. Heitor Maurício.

Feito isto, eu e as duas moças que faziam cafezinho no gabinete do prefeito, fomos sentar ao lado do prefeito juntamente com as poucas pessoas que lá estavam naquele salão imenso e vazio. Foi uma despedida chata. As pessoas falavam pouco, apesar de o prefeito sr. Waldomiro Pompêo mostrar-se alegre. Ele sabia que o poder era assim.

Dias depois, encontrei o jornalista Hermano Hering, que na ocasião morava em Guarulhos. Tínhamos trabalhado juntos com o Interventor Federal dr. Jean Pierre Herman de Moraes Barros e ele estivera na festa de posse do prefeito no Recreio Holandês. Contei-lhe o acontecido e ele disse:

– Dr. Plínio, é assim mesmo. Quando se assume o poder, a pessoa é importante, quando se deixa o poder, ninguém mais o conhece.

Alguns dias depois, outro prefeito assumiu o poder, mas não sei onde foi a festa de posse. Tudo começou novamente.

ARCHITETO COM CH

O dr. Aldo Ristori era um arquiteto bem idoso na época que eu o conheci em Guarulhos em 1971. Era inteligente e culto. Formado em arquitetura na Itália, em seu diploma estava escrito *Architettura* com “ch” e todos nós que éramos mais jovens, ríamos toda a hora, mas o respeitávamos.

Os símbolos como *pharmácia* com ph já tinham sido abolidos há tempos. Historicamente, conforme o livro *Cronologia Guarulhense* do dr. João Ranali, o italiano Aldo Ristori foi contratado durante certo tempo para prestar serviço a Prefeitura de Guarulhos a partir de 1 de abril de 1949.

Tínhamos, na época, um Interventor Federal, o dr. Jean Pierre Herman de Moraes Barros, que tinha contratado o dr. Aldo Ristori, que na ocasião estava idoso e doente.

O dr. Aldo Ristori tinha um filho que era importante na Caixa Econômica Estadual de São Paulo, e nos arranjou um bom empréstimo para obras de água e esgotos sanitários.

Em reuniões dos secretários era comum o dr. Aldo Ristori dormir, não que a reunião fosse chata, mas ele devia tomar muitos remédios e sempre dormia. Aos poucos nos acostumamos com o fato. Era comum na hora em que estávamos discutindo o orçamento, ver o velho Aldo Ristori dormindo.

Contavam os fofoqueiros que ele também dormia no seu carro e, quando dormia com charuto na boca, queimava a camisa do motorista.

Constantemente o motorista estava com a camisa da manga direita queimada e, educadamente, não explicava a causa aos outros. Mas todos sabiam.

O dr. Aldo Ristori tomava conta do planejamento da prefeitura de Guarulhos que ficava, naquele tempo, onde é hoje a Proguaru, na avenida Arminda de Lima.

Quando o pessoal sabia que o dr. Aldo Ristori iria demorar

fora, afastavam as mesas de desenho e jogavam futebol. Era comum ver-se naquela sala, bolas de papel grudadas ao teto com fios pendurados.

Naquele dia a farra foi tanta, que uns sapatos foram atirados para cima ficando a marca dos mesmos no forro. Aliás, várias marcas de sapato.

Acontece que naquele dia o dr. Aldo chegou mais cedo, deu com aquela bagunça, todo mundo jogando bola. Olhou para o teto e gesticulando bravo, tirou o charuto da boca gritou:

– Eu só quero saber quem foi o filho da p. que andou no forro.

Todos deram risadas. Dias depois, fui ao planejamento e as marcas ainda estavam lá. Somente alguns anos depois, quando o forro foi pintado, é que desapareceram as “pegadas humanas”.

AS QUATRO BOMBAS

Era o ano de 1969 com pleno domínio da era revolucionária de 1964. As pessoas eram presas constantemente.

A televisão, rádio e jornais eram censurados. Todos nós éramos mantidos sob vigilância das várias polícias secretas que existiam na época.

O prefeito tinha sido eleito pelo MDB (Movimento Democrático Brasileiro), partido da oposição ao governo ARENA (Aliança Renovadora Nacional), e sempre estava com medo de alguma represália.

Os órgãos de vigilância e fiscalização como o Tribunal de Contas do Estado de São Paulo, não nos deixavam em paz.

Vivíamos num clima de plena vigilância dos órgãos de segurança do Estado.

A cidade de Guarulhos estava com pouca água para distribuir a população.

A água que existia vinha do manancial do Tanque Grande (67 litros/segundo), do manancial do Ururuquara (11 litros/segundo) e de derivação do Cabuçu (27 litros/segundo) totalizando 105 litros/segundo. Era pouca vazão de água potável para distribuir ao município.

Guarulhos em 1968 tinha então 6.556 ligações de água, 220.000 habitantes, 82 km de rede de distribuição e 34 km de adutoras, 4.900 m³ de reservatórios e 82 funcionários no SAAE.

Tínhamos contratado a firma de consultoria em saneamento básico Planidro Consultores em São Paulo, que era a melhor do Brasil na época, para que fizesse um Plano de Emergência para o abastecimento de água potável em Guarulhos.

Foi então sugerido a construção do reservatório do Picanço, quatro poços tubulares profundos localizados no Jardim Santa Francisca, uma estação elevatória grande junto ao lago de Vila Galvão para bombear todo o Manancial do Cabuçu e mais adutoras e redes de distribuição.

A obra prioritária e mais barata que deveria ser executada de imediato eram os quatro poços tubulares profundos com diâmetro de 200 mm e 150 metros de profundidade, foram perfurados com absoluto sucesso, pois forneciam ao todo cerca de 200.000 litros/ hora.

Usamos os filtros de aço inoxidável Johnson, que eram importados dos Estados Unidos. Somente a Pfizer no Brasil os tinha usado. Usamos também pela primeira vez no Brasil, nova exigência técnica para o “desenvolvimento” do poço.

Fui duramente criticado por várias perfuradoras por exigir uma técnica nova, que não era dominada no Brasil, somente nos Estados Unidos.

Por sorte, achei uma firma especializada, a Corner do Brasil que estava disposta a aplicar as novas técnicas e que já tivera experiências anteriores com execução dos poços tubulares profundos da Pfizer, que foram projetados por firma dos Estados Unidos.

Ao todo os quatro poços tubulares profundos forneciam

56 litros/segundo, que era mais do que a metade da vazão total distribuída em Guarulhos.

De repente aumentamos em mais 50% o fornecimento de água usando água subterrânea. Eram na ocasião os poços de maior produção na Grande São Paulo.

O prefeito Waldomiro Pompêo acompanhava a obra constantemente e queria sempre saber tudo sobre seu andamento.

Fui até a sala do secretário do prefeito, dr. Edgar, para comunicar que o serviço havia sido concluído. Lá estavam presentes o próprio prefeito e demais secretários municipais. Falei:

– Sr. Prefeito, as quatro bombas já estão instaladas. Estão prontas para serem acionadas.

O Sr. Edgar e os outros secretários olharam para mim assustados e alguém falou:

– Vocês estão ficando loucos, instalar quatro bombas. Nós todos vamos ser presos!

Eu e o prefeito rimos bastante e esclarecemos que eram as quatro bombas centrífugas submersas, que iriam retirar água dos poços tubulares profundos.

HERALDO EVANS E O CONSELHO DELIBERATIVO DO SAAE

O Serviço Autônomo de Água e Esgoto de Guarulhos (SAAE) foi criado pela Lei 1287 de 30 de junho de 1967, por sugestão do IBAM (Instituto Brasileiro de Administração Municipal), organização particular de muito prestígio na época em assuntos de administração municipal.

O governo federal e os estaduais não estavam mais dispostos a emprestar nenhum dinheiro para as prefeituras, pois de maneira geral o dinheiro, por artifícios contábeis, acabava em construções de avenidas ou de fontes luminosas.

Os SAAEs criados teriam a forma de autarquia municipal e ficariam independentes das prefeituras, sendo só o superintendente nomeado pelo Prefeito. Era o que se chamava de administração indireta. A prestação de contas ao Tribunal de Contas do Governo do Estado de São Paulo do SAAE seria independente da Prefeitura, embora encaminhadas juntas. Isto foi idéia do Presidente da República, Marechal Humberto Alencar de Castelo Branco.

O SAAE possui um Conselho Deliberativo componente de diversas entidades do município, como Associação dos Engenheiros e Arquitetos, representado pelo Dr. Alcebiades de Oliveira e Souza; Associação Comercial, representado pelo sr. Gentil Bicudo; Associação dos Cirurgiões Dentistas representada pelo dr. Juan Carlos Négron; Associação dos Médicos, representado pelo dr. Odilon Mamede; Secretaria de Saúde Municipal, representado pelo dr. Sebastião Carlos Pannochia Filho e Representante da Secretaria de Obras, o sr. Heraldo Evans.

Era o início. O SAAE estava instalado na av. Esperança esquina com a av. Nossa Senhora Mãe dos Homens, num antigo depósito de materiais que era ladeado de um dos lados por diversos apartamentos, sendo que em um deles morava o acadêmico Milton Luiz Ziller, que naquele tempo era professor de geografia. O SAAE entrou em funcionamento no dia primeiro de janeiro de 1968, com pouquíssimos funcionários e sem móveis. Empréstamos os móveis da Prefeitura e no dia seguinte da inauguração, tivemos que devolvê-los.

O Conselho se reunia ordinariamente pela menos uma vez por mês onde eram discutidos os balancetes, balanço, tarifas de água e esgoto e novos planos de investimentos.

Tínhamos feito projeto com a firma de consultoria Planidro para construir quatro poços artesianos, adutoras, dois reservatórios sendo um deles o do Picanço e redes adutoras e de distribuição. O orçamento feito pela firma juntamente com os projetos foram encaminhados naquela noite ao Conselho Deliberativo do SAAE para aprovação, devendo em seguida ser encaminhado ao prefeito e a Câmara Municipal para

elaboração de lei apropriada de suplementação dos recursos necessários.

Como era inexperiente e recém formado, não sabia como conduzir a reunião no Conselho Deliberativo, pois o mesmo além de ser novo, não tinha ninguém que sabia como se procedia o andamento dos trabalhos. Falei com o Secretário Jurídico da Prefeitura da época, o brilhante e dr. Gasparino José Romão, que me aconselhou na parte Jurídica, ensinando as diferenças entre portarias e resoluções. O Conselho Deliberativo expediria as Resoluções enquanto que o Superintendente as Portarias.

Mesmo assim, para compensar a minha inexperiência pedi ajuda ao homem mais inteligente que conheci na administração municipal de Guarulhos, o sr. Heraldo Evans. Ele se prontificou a ajudar-me, o que fez depois em todas ocasiões.

Aberta a reunião do Conselho Deliberativo foi apresentado o projeto das obras de elevatória, reservatório e adutoras, o mesmo estava sendo debatido, quando um médico representando a Associação dos Médicos de Guarulhos afirmou categoricamente:

– Estou fazendo uma reforma na minha casa e só aprovo se souber quanto vai custar uma porta e uma janela, pois tenho aqui o preço que paguei hoje mesmo por elas! Jogando em cima da mesa uma nota fiscal escrita a mão entregue pelo depósito de material.

Isto criou um problema, pois, após a aprovação no conselho, o pedido dos recursos iria para o prefeito e para a Câmara Municipal. Depois seria feita uma licitação e somente com a firma vencedora é que saberíamos quanto custaria uma porta e uma janela. Esquecemos até de verificar se as dimensões da porta e da janela do projeto, seriam as mesmas do conselheiro.

Foi uma confusão no Conselho, todos falando ao mesmo tempo, quando enfaticamente o sr. Heraldo Evans, que era o secretário do prefeito que estava lá para me ajudar disse:

– Conforme a lei federal 13.457 de 1966 combinado com a lei 12.344 de 1965, determina-se que o Conselho Deliberativo aprove ou rejeite.

Ninguém falou mais nada. O presidente do Conselho pôs em votação e foi aprovado. Quando encerrou a reunião, fui conversar particularmente com o sr. Heraldo Evans, elogiando-o pela lembrança da lei, a qual nunca ouvira falar e ele disse:

– Nem eu, acabei de inventar!

Demos risada e cada um foi para a sua casa.

MORTO NA CAIXA D'ÁGUA

Na av. Emílio Ribas, esquina com a av. Cônego Valadão, onde está construído o reservatório de concreto semi-enterrado com capacidade de 50 milhões de litros, havia antigamente um reservatório semi-enterrado de 1,5 milhões de litros, que foi o primeiro de Guarulhos. A desinfecção era feita no próprio local com cloro a gás.

Este reservatório antigo foi construído em 1943 em Guarulhos durante a Segunda Guerra Mundial, e o mesmo fazia parte das obras do sistema de abastecimento de água potável do Ururuquara.

Quando comecei a trabalhar na Prefeitura Municipal de Guarulhos, em 18 de novembro de 1966, a cidade de Guarulhos tinha um representante do município no Conselho Estadual de Águas e Esgotos. Fui nomeado para o cargo e lá conheci muita gente importante em saneamento básico no Brasil, como o prof. Paulo Meneses Mendes da Rocha, prof. José Martiniano de Azevedo Neto e prof. José Augusto Martins, o que foi muito bom para mim, pois tinha muito a aprender.

O prof. Paulo Meneses Mendes da Rocha, segundo o prof. dr. Kokei Uehara, foi o homem mais inteligente que ele já viu na sua vida. Foi ele quem localizou a barragem de Itaipu. Quem calculou a potência elétrica que se podia tirar da barragem foi o próprio prof. Kokei.

No Conselho Estadual estava o famoso dr. José Martiniano de Azevedo Neto. Contou-me que seu primeiro projeto quando começou a trabalhar no DAE (Departamento de Água e Esgoto) da Capital, foi o do Sistema Ururuquara em Guarulhos.

O Sistema Ururuquara foi projetado para o abastecimento com água potável ao Sanatório Padre Bento na av. Emílio Ribas, que abrigava então, todos os Leprosos do Estado de São Paulo. A adutora deveria ser de ferro fundido, mas teve de ser feita de cimento amianto devido a problemas de importação causados pela Segunda Guerra Mundial.

Considero o Sistema Ururuquara o primeiro sistema de abastecimento de Guarulhos, pois a barragem, a adutora, o reservatório e a distribuição, estavam inteiramente dentro de Guarulhos.

Da barragem do Ururuquara a água vinha por gravidade até o reservatório de Gopouva e daí ia para o Sanatório Padre Bento.

Era costume na época que nas áreas dos reservatórios de água potável, fossem construídas residências para que o operador do reservatório morasse no local. Isto ocorria também com as estradas de ferro. Ao longo das estradas de ferro eram construídas casas dos funcionários que faziam a manutenção. Em Guarulhos, na antiga estrada de ferro da Cantareira, mesmo desativada, existiram por muitos anos as casas dos tomadores de conta da mesma.

Na residência existente na área do reservatório do Ururuquara em Gopouva, morava um velhinho, que trabalhava há muitos anos. Era chamado “o homem da caixa d’água”.

Com o passar dos anos, o reservatório do Ururuquara passou a abastecer o Centro de Guarulhos e Vila Galvão, apesar de somente fornecer 11 litros/segundo. O restante do abastecimento era completado pela casa de bombas do Cabuçu em Vila Galvão e pelo Manancial do Tanque Grande.

Estávamos em 1969. O velhinho morador da caixa d’água do Ururuquara estava bastante doente e veio a falecer. As notícias correram assim.

- Morreu o homem da caixa d'água.
- Morreu o homem na caixa d'água.
- Estão achando dentes saindo pelas torneiras.
- Estão achando pedaços de pele saindo pelas torneiras.

O Pronto-Socorro Municipal localizado na rua Luiz Faccini estava com bastante pacientes. A maior parte dos pacientes com diarreia, fazendo denúncias as mais estranhas aos médicos.

O responsável pela saúde pública era o dr. Sebastião Pannochia, o qual telefonou-me alarmado com a quantidade de pessoas no pronto socorro e denúncias por todo o lado sobre os pedaços do homem que tinha morrido na caixa d'água. Expliquei a situação real.

Mandamos pessoas para todos os cantos para informar que a situação não tinha sentido, mas todas as escolas dispensaram os alunos o mais rapidamente possível.

Descobri que boateiros maldosamente espalharam a notícia. Lembro que aquele dia trabalhei até a meia noite, sem conseguir saber, quem começou os boatos. Na verdade foi o homem da caixa d'água.

Depois disto, comunicamos a todos os funcionários que moravam junto às caixas d'águas para que se mudassem, procurando moradia fora da área pública.

FRANCISCO NEGRÃO

O Francisco Negrão era filho de um dentista prático e muito respeitado por ser maçom. Tinha numerosos irmãos e irmãs. Morava em uma casa térrea e grande numa esquina em frente onde hoje é o Fórum de Guarulhos.

O Francisco era chamado pelos amigos de Chico.

O Chico era muito amigo de Élio Mesquita e eles estudavam no científico na capital.

O Élio era o mais brincalhão de toda a mocidade que existia na época e teve uma idéia brilhante. Dar um susto no Chico, pois ele estava fazendo um curso de Arte Dramática em São Paulo no período noturno e voltava de ônibus, chegando, assim, tarde em casa.

Para isto, reuniram-se uma meia dúzia de amigos no bar denominado Ponto Chic, ponto de encontro da juventude de Guarulhos e que ficava na rua D. Pedro II e teve a idéia. Um dos amigos, a quem daremos o nome de Bugio, pois o apelido correto era "Cú de Aranha", iria esperar em frente, à casa do Chico, onde havia uma matagal, e quando o mesmo passasse, iria chacoalhar uma árvore para que o Chico pensasse que era uma assombração.

Sem ninguém saber o Élio contou o que iria acontecer ao Chico e pediu ao mesmo que arranjasse um revólver com balas de festim.

Quando o Chico chegou de ônibus em Guarulhos, de longe o grupo olhou que o Chico se dirigia para sua casa. Já estava esperando no mato o Bugio para lhe aplicar o susto.

O Bugio movimentou o mato e o Chico, mostrando medo, gritou:

– Quem está aí?

O Bugio uivou e o Chico gritou mais alto

– Quem está aí?

O Bugio uivou mais alto e chacoalhou mais o mato. O Chico tirou o revólver da cintura e começou a dar tiros com as balas de festim. Imediatamente o Bugio saiu correndo e gritando e o Chico continuou atirando. O Bugio chega ofegante na rua D. Pedro II, onde estava o Élio e o grupo aguardando. Logo atrás, chegou o Chico e todos entenderam a brincadeira. Nunca mais o Bugio falou com o Élio Mesquita.

Mais tarde, o Chico terminou os estudos de Arte Dramática e foi artista de televisão e de cinema. Fez vários filmes, entre eles, a "Ilha" que foi um sucesso na época. Fazia também telenovelas aos domingos e ficou bastante famoso. Lembro que assisti ao lançamento, no teatro, de uma peça famosa na época

denominada “O moço de Pinda”, na qual trabalhou no papel principal e foi brilhante. Mais tarde conversei com vários amigos que nasceram em Pindamonhangaba e nunca ouviram falar desta peça.

O Chico estava quase no fim da sua carreira quando se casou com uma mulher rica de Santo André, em cujo casamento estive presente.

O Chico morreu e foi cremado e suas cinzas jogadas no rio Hudson de New York, nos Estados Unidos, pois gostava mais dos Estados Unidos do que do Brasil.

O FOGACHO DO MARTELO

O Interventor Federal de Guarulhos, dr. Jean Pierre Herman de Moraes Barros, era um homem brilhante. Fez muitas obras em Guarulhos e apaziguou o município que tinha sofrido intervenção federal e numa só noite foram presas 90 pessoas. Mas isto conto numa próxima vez.

O interventor queria melhorar a praça em frente ao cine República, queria fazer uma praça bonita e moderna.

Repentinamente ele teve vontade de enfeitar o pequeno jardim que teria na praça com uma enorme rocha de granito. Onde arranjar esta pedra para lá instalar?

Os engenheiros da Prefeitura e das firmas empreiteiras estavam preocupadíssimos, pensando em um jeito de arranjà-la, pô-la como enfeite principal da praça.

No dia da inauguração fez-se um palanque que tinha vista para toda a praça e, à sua esquerda, estava a enorme pedra.

Após a solenidade com os discursos de praxe, deram por terminado a inauguração, quando o velho e simpático Fausto Martelo, dono de pedreira em Guarulhos e entendedor do uso de dinamite, falou com o sr. Interventor apontando a pedra.

– Dr. Jean, se o sr. quiser, posso trazer amanhã uma equipe

da pedreira e dar um fogacho nesta pedra e destruir a pedra que está enfeitando a praça.

O interventor não respondeu. Nós ao lado demos risada e o velho Fausto Martelo não entendeu. Anos depois a pedra sumiu de lá.

NEUSA E O COCÔ

A minha irmã Neusa estava casada apenas há alguns anos. Morava em Guarulhos, na rua Luiz Facini, pegado ao antigo Pronto-Socorro Municipal e atrás da Padaria Barão.

A Neusa tinha uma cunhada chamada Marlene, mulher do Clóvis Mesquita, que era bastante amiga dela. Andavam sempre juntas. A Marlene é a mãe do jornalista Otávio Mesquita, muito conhecido na televisão.

Uma vez as duas foram visitar uma amiga que morava perto. Elas me contaram que quando chegaram na casa da mesma, sentiram um cheiro horrível de cocô e uma comentou com a outra:

– Que casa fétida, vamos tomar o café rapidamente e depois vamos embora.

Tomado o café as duas voltaram o mais rápido possível para a casa da Neusa e chegando lá sentaram na cozinha e começaram a comentar o sucedido e a Neusa disse:

– Marlene, que cheiro horrível tinha aquela casa, fedia cocô o tempo todo. O cheiro de coco era tão grande que parece que continuo sentindo o mesmo cheiro.

– Eu também – respondeu a Marlene.

Desconfiada, a Neusa foi verificar o seu sapato e viu que ela tinha pisado em cocô de cachorro. A gente imagina o que a amiga da Neusa e da Marlene pensaram das duas quando sentiu o cheiro de cocô.

Nunca mais as convidaram para ir à sua casa.

DR. ZAPPA

O dr. Zappa é um dentista de Guarulhos, vereador, e já ocupou na administração municipal da cidade, diversos cargos políticos. Um deles, no tempo do prefeito Oswaldo De Carlos, era o de Chefe de Gabinete. Trabalhava no Paço Municipal do Jardim Bom Clima e atendia a todos muito educadamente. Quem me contou foi o próprio dr. Zappa.

Um dia veio uma senhora reclamar que o seu cachorro de estimação tinha sido preso pela carrocinha e o queria de volta. Pediu auxílio e o mesmo tomou o telefone ligou para varias pessoas, conseguindo, depois de umas duas horas, localizar o cachorro. Mas este já tinha sido sacrificado.

A senhora compreendeu a atitude do dr. Zappa, e se retirou triste com a perda do seu cachorrinho.

Passaram-se três meses mais ou menos, quando o dr. Zappa ouviu um tumulto do pessoal de segurança da prefeitura de Guarulhos. Havia gritos de uma mulher. O dr. Zappa saiu de sua cadeira e foi ver o que acontecia. Era aquela mulher do cachorro que queria entrar com um cachorrinho amarrado numa coleira. O dr. Zappa autorizou e ela entrou no seu gabinete dizendo: – Vem Zappinha, vem Zappinha...

Em homenagem ao dr. Zappa, ela deu o seu nome ao cachorro.

OUTRA DO DR. ZAPPA

O dentista, dr. Zappa, como todos sabem, era estrábico, de maneira que nunca você sabia para quem ele estava olhando. O que vou contar realmente aconteceu, pois eu estava lá.

Estávamos numa reunião política, à noite numa rua do Picanço, que é travessa da av. Timóteo Penteado. Aguardávamos o dr. Tadeu e a dra. Sandra. Ficamos no local conversando com os moradores, enquanto os aguardava.

Num certo momento, aproximou-se de nós um bêbado e geralmente, não sei por quê, eles iam conversar com o dr. Zappa, dado que o mesmo sempre recebia todos com muita educação.

O bêbado falava e falava quando de repente disse abruptamente.

– Não falo mais com o sr. – falou, dirigindo-se ao dr. Zappa.

– Por quê? – o dr. Zappa respondeu.

– Porque o sr. não olha para mim – responde aborrecido o bêbado.

– Mas eu estou olhando para o sr. – disse o dr. Zappa.

—Não está não, disse o homem, se retirando cambaleando.

Nós, que estávamos por perto, morremos de rir e nunca mais esquecemos do acontecido.

CABOCLO CHUPADOR

O que eu vou contar é verdade.

O Ditinho sempre foi daquelas pessoas muito vivas e espertas que existem nas cidades do Interior. Quem hoje mora em cidades muito grandes, não conhece uma figura interessante como o Ditinho.

O Ditinho era católico e como todo bom brasileiro, era espírita e macumbeiro. O brasileiro é bastante eclético nas suas opiniões. Isto é muito bom. Li num livro da Escola Superior de Guerra do Brasil, que os brasileiros são muito parecidos com os ingleses, acreditam em tudo e não se fanatizam por nada. Enfim somos parecidos aos ingleses, o que me agrada bastante. Por isso que o comunismo, nazismo, fascismo não funcionam com o povo brasileiro.

Havia um centro de macumba que tinha reunião toda a quarta-feira à noite, numa casa da av. Guarulhos, na Vila das

Palmeiras, onde na entrada havia o símbolo de dois leões. Naquele tempo era só falar dois leões, não precisava nem falar o nome da rua.

O Ditinho morava perto do Jardim Maia e resolveu ir ao Centro de Umbanda, e lá verificou que tinha umas mulheres bonitas, resolveu fazer uma brincadeira e chupar o peito de umas mulheres que freqüentavam lá.

Fez de conta que tinha abaixado um espírito nele. Tirou a camisa e começou a falar com uma voz estranha. Perguntaram quem era e ele respondeu:

– Sou o caboclo chupador!

Assim cambaleando e falando palavras estranhas e inventadas na hora, o Ditinho se dirigia a uma mulher bonita evitando as velhas e feias é claro, levantava a suas blusas e começava a funcionar o caboclo chupador.

Participou assim de várias reuniões, e já estava ficando famoso, quando uma vez sentiu alguma coisa estranha, que estava acontecendo com ele, como se fosse um espírito que realmente estava baixando nele. Saiu correndo que nem louco, sem camisa e a pé até chegar à sua casa, onde, suado e nervoso, tomou um banho e foi dormir. Acabava assim a carreira não muito honrosa do caboclo chupador.

Nunca mais voltou ao centro nem tocou no assunto.

MISTÉRIOS DE ELÊUSIS

A minha curiosidade dos mistérios de Elêusis nasceu quando li, num livro sobre a vida do imperador romano Otávio Augusto César, que o mesmo foi à Grécia até Elêusis junto com o poeta Virgílio, e fez parte das iniciações secretas de Elêusis.

Ainda na Grécia, além dos mistérios de Elêusis, tivemos os mistérios de Delfos. A cidade de Elêusis está localizada na Ática, perto de Atenas, Grécia.

Os mistérios de Elêusis se baseiam na lenda de Deméter e Perséfone. Deméter nada mais é que o antigo culto egípcio de Ísis com outro nome. Ísis, com o nome de Demeter, foi adorada na Itália até o século Vd.C., e parece que até hoje é adorada por algumas sociedades secretas na Europa com o nome da Virgem Negra.

Os mistérios de Elêusis duraram até o ano 396 dC quando os godos chefiados por Alarico invadiram a Grécia.

Os gregos tinham três tipos de deuses: subterrâneos, de superfície e do céu. Orfeu foi um deus grego que ficava nos três lugares. Diziam que nossa alma é divina e acreditavam que é preciso três reencarnações, livre de pecado, para a alma se salvar. Esta é, em resumo a doutrina órfica, ou seja, o orfismo que foi abandonado pelos gregos e adotado por Pitágoras.

O conceito da transmigração das almas, ou seja, o orfismo, implicaria que os maus seriam punidos em uma encarnação futura. Através de vários rituais de purificação e de vários estágios, as pessoas chegavam até a revelação final e um único contato com a divindade já garantia a salvação.

Para adoração da deusa Demeter os gregos usavam a papoula, que também era usada por Pitágoras quando se recordava das encarnações anteriores.

O psicólogo gnóstico suíço Carl Gustav Jung diz que Ísis, isto é, a mãe da terra, mãe da natureza, é um arquétipo que todos temos em nós e um seu paciente a desenhou sem nunca ter lido a respeito.

OS MISTÉRIOS DE DELFOS

Os gregos adoravam Apolo e para ele construíram templos e centros religiosos. Deles dois são os mais comentados, Delfos e Elêusis, deixando de lado os mistérios de Orfeu e Dioniso (Baco).

Delfos fica a 9,5 km do golfo de Corinto, na Grécia, e era um centro de adivinhações e de cujo lugar se contam inúmeras histórias.

Havia um buraco de onde emanavam gases do solo e uma mulher virgem (pítia ou pitonisa) se sentava num tripé inalando estes gases, ficava tonta e falava muitas coisas, que eram interpretadas por um oráculo.

Nas portas do templo de Apolo, estava escrito “Conhece-te a ti mesmo”, que muitos atribuem a Sócrates. O interessante de Sócrates é que ele não pertencia a nenhum mistério dos gregos, como os de Delfos e de Elêusis.

Pitágoras, lá pelo século VI a.C., tinha estado 22 anos aprendendo nos templos egípcios, tendo em seguida ido à Babilônia, onde ficou estudando 12 anos. Na sua volta já tinha 56 anos, foi para sua casa em Samos e depois foi para Delfos, onde despertou no meio dos oráculos e pitonisas a crença nos mistérios de Delfos permanecendo um ano naquela cidade.

Foi em Delfos que os gregos tiveram idéias de se defender dos persas nos seus navios, quando a pítia disse “que uma parede de madeira vos sirva de muralha inexpugnável”. Temístocles com suas naus venceu os persas na batalha de Salamina.

Segundo alguns, Delfos tornou-se um centro de moral da Grécia, pois todos iam fazer consultas ao oráculo e deixavam nos templos tesouros e homenagens aos deuses.

Conta-se ainda que em 480 a.C., quando os persas saquearam todos os templos da Grécia, só não conseguiram saquear Delfos, pois os oráculos tinham dito a mensagem de Apolo: “Eu me defenderei a mim mesmo!” Durante a invasão dos persas, houve um terremoto e milhares de persas morreram e o resto fugiu do local, de medo.

*Em 279 a.C., os gauleses atacaram Delfos.
Pelo que li, uma pitonisa previu o fim de Delfos.
Com o advento do cristianismo, Delfos se acabou.*

INTUIÇÃO

A intuição é um assunto que às vezes me assusta, pois é difícil de entender. Vou citar alguns exemplos.

Há poucos anos um cientista francês leu e refez todos os cadernos de anotação do cientista Pasteur e afirmou que pelas experiências que Pasteur executou não dava para concluir o que ele afirmou. Na verdade, Pasteur usou a intuição.

Outro exemplo interessante é o matemático Fourier que demonstrou que uma função pode ser colocada sob forma de somatória de senos e cossenos.

Mais tarde se descobriu que a demonstração de Fourier estava errada, mas acharam a demonstração do teorema correta e ficou provado que Fourier estava certo. Era a intuição.

Alguns amigos me falaram que Einstein teve também uma intuição sobre a teoria da relatividade. Por que ele teve esta intuição, como? É a pergunta que às vezes eu me faço.

A intuição para mim só tem uma explicação – ela é um dom de Deus que nos é concedido. Vamos mostrar algumas explicações:

PITÁGORAS

Pitágoras acreditava na reencarnação e dela vinham as nossas idéias.

PLATÃO

As “idéias inatas” que Platão sempre falava ele aprendeu na Itália com os pitagóricos e eram uma espécie de reencarnação que os discípulos de Pitágoras aprenderam e que tem origem no Orfismo dos gregos.

KANT

Quis conciliar o conflito entre o racionalismo e o empirismo. Estabeleceu dois tipos de conhecimento a priori: analítico e sintético.

O conhecimento analítico a priori era alcançado através da lógica, enquanto que o conhecimento sintético a priori era o conceito de espaço e tempo que, segundo Kant, são inerentes à mente humana.

JUNG

A idéia inata de Platão não cita reencarnação, mas Carl Jung insiste nestas idéias com novo nome, “arquetipo”, enquanto que Freud chamava de “resíduos arcaicos”.

PAULO DE TARSO

Segundo o apóstolo Paulo em 1-Coríntios 12.8, Deus dá a uns sabedoria e a outros a palavra da ciência.

LOCKE

Segundo o filósofo inglês John Locke, a nossa mente é como uma tabula rasa, ou seja, uma lousa vazia.

ACADÊMICO VALDIR CARLETO



MEU DISCURSO DE POSSE NA AGL

Senhor presidente, demais componentes da mesa. Senhores acadêmicos, meus amigos, senhoras e senhores.

É maravilhoso ter tão pouco a pedir a Deus e tanto a agradecer.

Agradecer pelos meus pais, Armando e Antonia, aqui presentes; pelos meus três irmãos; por minha esposa, Nilda, sempre companheira; pelos meus quatro filhos e meus dois netos; por todos os meus colaboradores, no trabalho do dia-a-dia do Jornal e da Revista. Pela cidade de Guarulhos, que tão bem me acolheu; pelas oportunidades que me oferece e pelo reconhecimento ao meu trabalho: em 1984, com o troféu Guarú; em 92, com o título de Cidadão Guarulhense, do qual muito me orgulho; em 97, com o troféu Tribuna de Guarulhos. E agora, aceitando-me como membro desta seleta Academia.

Só tenho a agradecer.

Pela honra de ocupar a cadeira nº 5, cujo patrono é Antônio Frederico de Castro Alves.

Nascido em 14 de março de 1847, na fazenda Cabaceiras, comarca de Cachoeira, antiga freguesia de Muritiba, na Bahia, revelou-se poeta ainda menino, aos 11 anos de idade. Aos 12, perdeu a mãe. Aos 14, já mencionava o tema que o consagrou, apresentando “Os Raios da Liberdade”. Aos 16, no jornal acadêmico A Primavera, publicou os seus primeiros versos abolicionistas.

Sua extensa obra é toda polêmica e elogiada, venerada por muitas gerações. Viveu com a atriz portuguesa Eugênia Infante da Câmara, cuja companhia teatral exibiu o drama “Gonzaga ou a Revolução de Minas”, que fez grande sucesso. Vítima da tuberculose, Castro faleceu aos 24 anos, em 6 de julho de 1871.

Para minha alegria e honra, a cadeira que ora irei ocupar foi inaugurada na Academia Guarulhense de Letras pelo maior estudioso da obra de Castro Alves, Norlândio Meirelles de Almeida, que, nascido em Cairu, na Bahia, em 1919, tornou-se nacionalmente conhecido em 1958, ao participar do programa “O Céu É o Limite”, com Aurélio Campos, na TV Tupi. Por 18 semanas, respondeu sobre A Vida e A Obra de Castro Alves, conquistando o prêmio de 760 mil cruzeiros, um dos maiores da história do programa. Participou também do programa “A Pergunta dos Dez Milhões”, de J. Silvestre, e em vários outros.

Publicou diversos livros, incluindo Cronologia de Castro Alves, em 1964; o romance Eliane, em 1969, Uma Polêmica em torno de uma poesia de Castro Alves, em 1990; São Paulo de Castro Alves, editado pela Sociedade Guarulhense de Educação em 1997 e Castro Alves para Você, em parceria com Tácito Pace, em 1989. Colaborou em dezenas de periódicos e teve artigos publicados em muitos outros.

Meirelles veio para Guarulhos destacado para atuar na Base Aérea de São Paulo, em Cumbica. Seu registro data de 19 de setembro de 1946. Fez diversos cursos na Aeronáutica, até chegar a 2º tenente. Passou para a Reserva Remunerada em 1961, quando passou a ter oportunidade de se dedicar com ainda mais afinco ao estudo e difusão da obra de Castro Alves. Foi reconhecido com inúmeras medalhas, troféus e diplomas pelo seu conhecimento a respeito do poeta dos escravos.

Foi casado em primeiras núpcias com dona Dina Faccini de Almeida, com quem teve três filhos: Airton, Hamilton e Celina, que por uma feliz coincidência, é minha amiga há quase trinta anos, tendo sido colega de trabalho no Banco do Brasil.

Tendo quatro netos, Juliana, Débora, Tatiana e Bruno, Norlândio Meirelles veio a falecer neste ano de 2004, no dia 19 de junho.

É, portanto, uma grande honra e uma imensa responsabilidade, ocupar tão ilustre cadeira.

Apesar de não ter ainda publicado um livro e de não fazer poesia, há os que pensam que eu seja poeta, o que lamentavelmente não sou. Atribuo a confusão ao fato de eu ter produzido o monólogo “Versos Roubados”, no qual declamo letras de músicas dos principais compositores brasileiros. Peço licença para tomar mais dois minutos de sua atenção para, utilizando o mesmo recurso de encontrar traços comuns, homenagear alguns dos membros da Academia Guarulhense de Letras, transformando estrofes de diversos autores em um poema, ao qual tomo a liberdade de denominar “Iluminando Caminhos”. São versos e frases roubados dos acadêmicos Armando Colacioppo, Gasparino José Romão, Vanda Fagundes Queiroz, Isabel Borazanian, Lineu Roque Aceiro, Ibrahim Khoury, Ary Baddini, Eugênio Asano, Castelo Hanssen, Clóvis Domingues, César Magalhães Borges e, novamente, Ibrahim Khoury.

Iluminando Caminhos

Neste mundo eu não sou nada
sou um pássaro sem ninho
que encontrou a sua estrada
pelas sombras do caminho
(Armando Colacioppo)

Eu vi e encontrei a entrar pela janela,
numa frincha da veneziana do meu quarto,
numa manhã de sol, uma manhã tão bela,
um raio de beleza e de esplendor tão farto
(Gasparino J.Romão)

Coisas simples por vezes têm magia;
minúscula porção – eis que é bastante
a tornar toda pequenez gigante
e inundar meu mundo de alegria.
(Vanda Fagundes Queiroz)

Todas as luzes que moram
dentro do meu coração
São luzes alegres, dançantes
Que invadem a minha canção.
(Isabel Borazanian)

Quero confundir tua cabeça
Viajar no teu espaço
Sonhar perto dos teus sonhos
Colorir tuas paixões.
(Lineu Roque Aceiro)

Você pinta a estação das flores
Eu ponho no papel o meu avesso,
o princípio, o fim sem endereço,
tristeza, alegria, versos, cores.
(Ibrahim Khouri)

A realidade interior é a caixa onde se conservam os pensamentos
e contém a intimidade do eu.
(Ary Baddini)

Há cicatrizes debaixo da pele, invisíveis,
que é melhor não mexer.
(Eugênio Asano)

O poeta caminha pela rua
Sem lenço, documento,
pente ou meias.
(Castelo Hanssen)

Quando eu já tiver, para sempre, partido,
muitas coisas de mim poderão comentar.
Mas, por favor, não deixem ser esquecido,
que tudo que eu fiz, foi por muito amar.
(Clóvis Domingues)

Não quero da poesia
um pensamento torto
metricamente posto
na linha vertical
Quero-a inspiração
revelação-palavra
Quero a canção falada

como fornalha acesa
 capaz de iluminar,
 purificar as dores, desabalar tristezas
 clarear as mentes, semear certezas,
 como uma voz que ecoa, conforta e dá calor.
 E se acaso perceber
 que a música que ouço
 que o canto que me anima
 também se afina a alguma alma-irmã,
 Viverei disposto a abandonar o cansaço,
 traçarei no rosto um riso ainda moço
 e saberei ao certo
 que nada foi em vão.
 (César Magalhães Borges)

Ficam os versos e as cores da partilha
 e sob a terra a carcaça emprestada,
 é o que sobrar da áurea luta,
 o resto, que são bens, não vale nada.
 (Ibrahim Khouri)

RESPEITAR AS FASES DA VIDA

O imortal radialista Hélio Ribeiro completaria 70 anos de idade em julho de 2005. Seu programa “O Poder da Mensagem” desfilou durante décadas, pregando o amor, a compreensão entre as pessoas, o respeito aos animais e à natureza, a ética, a moralidade pública.

Em um desses trechos, Hélio Ribeiro fez um desabafo sobre o quanto considerava nocivo o hábito contemporâneo

de “envelhecer” as crianças mais cedo do que o devido. Em sua opinião, influenciados pela mídia e por interesses comerciais, os adultos estariam incentivando as crianças a atropelar a melhor fase de suas vidas, matando nelas a inocência, os sonhos, a fantasia e a esperança. Fez um paralelo, chamando-nos a todos de hipócritas, porque quando um grupo de meninos brasileiros sai pelo mundo para disputar um título de algum esporte, quando retornam são tratados como heróis e os chamamos de “nossos meninos”. Porém, quando um grupo de meninos se perde na delinquência, dizemos: “Quem são esses meninos?”.

Estive recentemente no Parque da Mônica com meus filhos pequenos, de 9 e 4 anos. É um parque com brinquedos diferentes dos que costumamos ver. São interativos, incentivam a participação ativa, alguns convidam à integração com os pais, vencendo obstáculos entre cordas, percorrendo labirintos. As apresentações de teatro e cinema são educativas, investem na imaginação e na criatividade, não perdendo a oportunidade para transmitir mensagens de prática da cidadania e da saudável convivência entre os povos e raças.

Notei o quanto os meninos gostaram, porque o Parque da Mônica, fiel aos princípios que norteiam toda a trajetória de Maurício de Souza, trata as crianças como crianças, respeita-as como seres humanos, não as robotiza. É lógico que de certa idade em diante, a maioria quer aventuras mais picantes, que só os brinquedos eletromecânicos proporcionam. Mas, como diria Hélio Ribeiro, cada coisa a seu tempo.

EXEMPLO DE PARTICIPAÇÃO

Apenas o conhecia de nome, por ele ter sido diretor titular do Ciesp Guarulhos, e tivéramos um breve contato no Banco do Brasil do Aeroporto. Vários anos depois, num fim de tarde, eu estava no Jornal quando anunciaram que Luigi Polcan queria falar comigo.

Ele havia se aposentado como industrial e estava se dedicando à pintura. Elogiou a postura que o Olho Vivo sempre manteve na linha editorial, comentou sobre aspectos que considerava negativos na administração da cidade, sem deixar de criticar os prefeitos anteriores. A conversa foi fluindo, percebemos que tínhamos opiniões muito semelhantes. Nasceu uma boa amizade.

Ao ser fundada a Associação Guarulhense para Defesa da Cidadania, convidei-o a integrá-la. Participou ativamente. Ao fim das reuniões, recusava a carona que eu lhe oferecia, pois precisava e gostava de andar a pé pela cidade, com a qual tinha constante preocupação, notadamente no aspecto educacional e viário. Muito batalhou para implantar o Centro do Trabalhador do Sesi em Guarulhos. Foi dele a primeira sugestão para que fosse aberta uma passagem para veículos no canteiro do Anel Viário, em Vila Augusta, para acessar a via Dutra.

Na pintura, Luigi Polcan notabilizou-se por telas de grandes formatos e por um tema recorrente: flores e folhagens. Há quadros seus embelezando vários ambientes de Guarulhos. A “Vitória Régia” é sua obra-prima, fruto de sua sensibilidade para a arte.

À medida que seus problemas de saúde agravaram-se, preferiu recolher-se e ficamos muito tempo sem contato. No feriado de Corpus Christi, Luigi Polcan faleceu. Deixa como legado principal o exemplo de dignidade, trabalho, dedicação e altivez. Um homem que reunia muitas qualidades, em um tempo em que as pessoas se preocupam muito mais em ter do que em ser.

Alguns dias depois de seu falecimento, o Criador levou sua esposa Frida, que também estava enferma, para continuar a lhe fazer companhia.

A MÚSICA EM NOSSAS VIDAS

Desde criança, sempre gostei de música. É estranho que não tenha me dedicado a tocar algum instrumento. Cheguei a ter aulas de violão com o compositor Amauri Falabella, mas a falta de tempo me impedia de exercitar entre uma aula e outra. Como não conseguia evoluir, desanimei e desisti. Quem sabe algum dia ainda resolva tentar de novo.

Mas quero me referir ao quanto a música representa na vida de cada um de nós, mesmo que sejamos meros ouvintes. Os casais costumam referir-se a alguma canção como “a nossa música”, referência a algum momento romântico que tenha sido decisivo para que se enamorassem. As épocas históricas também ficam registradas nas composições, como as antológicas obras do período do regime militar brasileiro, de memória nada saudosa. Quero dizer, o período não é de saudosa memória, mas as músicas daquela época o são. Aliás, creio ter sido o momento mais rico da Música Popular Brasileira.

Tomemos por exemplo o Chico Buarque de Holanda. Quanta criatividade! Com que maestria ele conseguiu traduzir em palavras, usando metáforas, o sentimento das pessoas, as situações que o Brasil vivia. Depois que a censura foi abolida, dá a impressão de que o Chico perdeu o gosto de compor, começou a abordar mais um lado sensual.

Às vezes, há momentos em que estamos tensos ou tristes e, ao ouvir uma melodia, parece que muda todo o clima. A música tem o dom de animar espíritos e cicatrizar feridas.

E há um aspecto ao qual sempre dei muita atenção, que são as letras das músicas. Creio que a Música Popular Brasileira seja das mais ricas em conteúdo, apesar dessas tranqueiras comerciais que, por meio das emissoras de rádio, invadem as nossas vidas e tanto nos incomodam.

Ao assistir a um espetáculo do Castelo Hanssen, em 1990, “Amor e Desamor em Prosa e Verso”, no auditório Pedro Dias Gonçalves, achei muito interessante ouvir a declamação da letra da música “Divina Comédia Humana”, de Belchior. Pensei, então, em desenvolver um trabalho totalmente composto por letras de músicas. Foi aí, que nasceu o monólogo “Versos Roubados”. Passei a anotar trechos de composições, a pinçar coincidências entre obras de autores diferentes, a costurar umas letras a outras, formando um enredo, que fala das relações que envolvem o ser humano, em todas as suas circunstâncias.

Afinal, é disso tudo que nos falam as músicas: das coisas de amor entre homem e mulher, das questões sociais, da natureza, da amizade, da fraternidade. Fruto das obras de 37 compositores em 47 músicas, “Versos Roubados” chama a atenção do espectador para o quanto somos confusos a respeito dos papéis que desempenhamos, o quanto nos enganamos sobre o poder que pensamos ter e o quanto, na verdade, somos insignificantes perante o Universo. Com o monólogo, faço uma homenagem à criatividade dos compositores brasileiros, que contribuíram involuntariamente para que essa obra fosse uma realidade.

Curiosamente, Oswaldo Montenegro produziu um espetáculo, em parceria com Roberto Menescal, chamado “Letras Brasileiras”, no qual também enfatiza a qualidade do conteúdo das composições da MPB. E agora tomei conhecimento de que o ator Pedro Paulo Rangel está fazendo sucesso com um monólogo, chamado “Soppa de Letra”, também composto por letras de músicas dos principais autores brasileiros. Lógico que se trata de uma coincidência. Por um lado, dá uma certa tristeza de ver uma idéia quase semelhante coroada de êxito em grandes teatros, sendo que a minha peça já tem 15 anos e não tive oportunidade de apresentá-la a produtores que pudessem levá-

la a ter um destaque maior. Por outro lado, dá prazer saber que tive a primazia dessa idéia muito antes. Coisas da vida.

O saudoso Taiguara abre minha peça, com os versos “O tempo passa e atravessa as avenidas, o fruto cresce, pesa, enverga o velho pé. E o vento forte quebra as telhas e vidraças. E o livro sábio deixa em branco o que não é.” Encerro com versos de Guilherme Arantes, em “Planeta Água”: “Águas que movem moinhos são as mesmas águas que encharcam o chão. E depois voltam, humildes, pro fundo da terra”, por acreditar que o autor quis comparar o ciclo da água com o do ser humano. Não sei o que acontece depois que voltamos humildes pro fundo da terra, mas arrisco dizer, no fim do monólogo: “Começaria tudo outra vez se preciso fosse. Para poder voltar tranqüilo pro fundo da terra. A esperança equilibrista sabe que o show de todo artista tem de continuar!”

O ESPERTO E O OTÁRIO

Sábado, 10h da manhã, estacionei a uns 100 m da agência do Banco do Brasil, da avenida Emílio Ribas, porque as três vagas ali existentes estavam ocupadas. Normal. Fiz o saque, e quando saí, vi um casal deixando um Fiat Pálio branco a vaga destinada a deficientes. Eles fecharam o carro e saíram andando pela calçada tranqüilamente.

Eu já havia me prometido que não mais tomaria atitude quando visse uma cena assim. Mas fiquei tão irritado, que resolvi abordar o motorista: “O sr. pára na vaga do banco e vai a outro lugar?” Ele respondeu: “Eu lhe devo satisfações?” Argumentei que sim, porque, na condição de cliente, era prejudicado com a forma como ele agia, e assim tantos outros usuários do banco. Ele deu de ombros, mandou que eu cuidasse da minha vida e atravessou a avenida. Apenas deu tempo de eu

dizer a ele que por causa de gente que se comporta assim é que o Brasil não se desenvolve como deveria.

Inconformado, voltei ao Banco. Alguém precisava fazer alguma coisa, mas não vi quem pudesse atender-me. Enquanto isso, o casal chegou à agência e ficou aguardando a vez de usar o auto-atendimento.

Resolvi deixar pra lá e saí. Mas, na calçada, um leitor do Olho Vivo me chamou pelo nome, elogiou a linha do Jornal, cobrou mais veemência nas críticas ao prefeito e ficamos conversando uns minutos. Contei a ele o que havia acontecido e ele comentou que ninguém sabe se um dia precisará, de verdade, da vaga destinada ao deficiente. Nesse momento, o casal estava tirando o carro. Quando o motorista me viu, pôs a cabeça para fora e chamou-me, em altos brados, de otário. Para reforçar a opinião dele, mal ele tirou o carro, o motorista de um Santana estacionou na vaga de deficientes.

Talvez eu seja mesmo um otário, vivendo em um mundo de tantos espertos. Mas, pelo menos, estou em paz com minha consciência.

EXTERMINADORES DO FUTURO

No local conhecido como praça do Ipê, confluência da avenida Salgado Filho com rua Jaiminho, sempre vejo alunos da Escola Estadual Frederico de Barros Brotero reunidos, no período da noite, no horário em que deveriam estar em aula.

Jovens casais namoram, às vezes demonstrando um despudor não muito recomendável em lugares públicos. Grupos de rapazes bebem, fumam e ficam por ali, conversando e espairecendo. É comum ver litros e garrafas de bebidas alcoólicas

jogados e até quebrados, demonstrando que, além de estarem prejudicando a si mesmos, não têm preocupação com os direitos dos outros, nem com o meio ambiente.

Com alguma freqüência, quando querem adiar uma prova ou ausentar-se coletivamente das aulas, jogam algum objeto nos transformadores dos postes próximos à escola, cortando o fornecimento de energia elétrica de toda a região, sem levar em conta que isso prejudica muita gente.

Fico me perguntando a quem esses pobres coitados pensam que estão enganando. Será que os pais dessas garotas, que imaginam que elas estão em sala de aula, nunca se deram ao trabalho de ir ver o que estão fazendo? Será que os pais desses rapazes não sabem que são responsáveis e que deveriam acompanhar de perto como estão vivendo?

As pessoas costumam queixar-se dos governos, muitas vezes com razão. Mas o Estado fornece a escola, os professores, coloca a estrutura de ensino à disposição dos jovens. A qualidade é questionável, é verdade, mas os alunos estão fazendo a parte deles? A Prefeitura iluminou recentemente a praça, o que melhora a segurança, mas os jovens não se importam se está claro ou escuro.

Ah! Esses pobres jovens pensam que estão enganando aos outros, mas é a si mesmos que enganam. E irão perceber isso quando forem concorrer a uma vaga de emprego, e certamente não conseguirão. Eles estão matando seu próprio futuro.

E AGORA, EM QUEM VOTAR?

Diante de tantas denúncias, que pipocam a cada momento, o cidadão comum fica se sentindo um grão de areia perdido no deserto, com cara de palhaço, com todo o respeito aos profissionais circenses.

O eleitor fica se perguntando: E agora, em quem votar, se todos são iguais? Dá realmente uma sensação de desânimo, de descrença. A impressão que fica é que ninguém mais exerce uma função pública pela vontade de servir à comunidade, pelo prazer de ver um trabalho realizado, pela satisfação da consciência tranqüila. O que se pode captar de toda essa sujeira é que todos estão ali apenas para levar vantagem em tudo. Certo?

Errado. Precisamos realimentar a cada dia a nossa capacidade de indignação, a vontade de lutar contra as injustiças, a disposição para exigir que tudo seja devidamente apurado. Mas não podemos perder nossa capacidade de discernir, nem nosso interesse em aprender cada vez mais sobre política, exatamente para que possamos fiscalizar melhor as atitudes que eles tomam em nosso nome.

A primeira reação que o eleitor pode imaginar é de anular o voto, mas, na verdade, isso não resolve, porque uma eleição só seria anulada se mais da metade dos eleitores anulassem os votos. E aí haveria outra eleição: mais despesas públicas, horário eleitoral, transtornos na vida do País.

O que precisamos fazer é aprender com os erros. Devemos participar mais, pesquisar mais sobre os candidatos, analisar com cuidado o que eles dizem. Devemos aprender a riscar do mapa os que gastam muito na campanha, os que prometem mundos e fundos, os que tratam o eleitor como objeto e o voto como mercadoria. Votando com critério, às vezes erramos. Votando sem critério, erramos sempre. Então, vamos fazer a nossa parte, cumprir nosso dever, para que possamos exigir que os eleitos cumpram o dever deles.

ÍNDICE REMISSIVO

ARY BADDINI TAVARES (APRESENTAÇÃO).....9
PLURALIDADE DE ESTILOS

ANTONIO DARCI PANNOCCHIA.....11
AVANÇO SOCIAL

ARMANDO A. COLACIOPPO SOBRINHO.....17
RESTOS DE PÃO, AO LONGE O SOL

AUGUSTO PINHEIRO.....19
A FORÇA DE UM VENCEDOR, O DEVER DE SER HONESTO, COLHENDO SEM TER PLANTADO, UM EXEMPLO DE RESILIÊNCIA, SANTOS DE CASA E SEUS MILAGRES, MUITAS LIÇÕES EM TRÊS DIAS, BRAVO, MAESTRO!, METÁFORAS FUTEBOLÍSTICAS, DE VOLTA AO COMEÇO, ALMOCEI COM 1,5 REAL, ETERNO DIA DOS PAIS.

BISMAEL B. MORAES33
HERMENEUTAS CORPORATIVOS E OUTROS VÍCIOS

CLOVIS DOMINGUES..... 49
VIRTUDES DE DEUS, REFLETINDO A EUCARISTIA, A PAZ QUE VEM DO PÃO, A IGREJA, PORTADORA DO PÃO, MISSIONÁRIOS DA PAZ, QUE VEM DA EUCARISTIA, ORAÇÃO.

GASPARINO JOSÉ ROMÃO65
QUANDO A TARDE É DE SOL

A. IBRAHIM KHOURI71
PROTESTO, PRIMAVERA, A VILA, UM SOL DE FIM DE TARDE MEU FILHO, A SUPREMA ETERNIDADE, O CHEIRO DA TERRA VERDEJANTE, FLÁVIO CLETO GIOVANNI TROMBETTI, PALAVRAS DO RABI.

ISABEL BORAZANIAN 85
CICLOS, DECISÃO, DESPERTA! DESPERTA!, ENCANTAMENTO, GUERRAS, EXISTE, VOLTA.

JOÃO RANALI 93

A TESTEMUNHA, SANTA PRESENÇA.

JOSÉ LUIZ NEGREIROS 105

DIÁLOGOS DE AMOR

LINEU ROQUE ACEIRO 135

RECORDAR, É TÃO BOM, O ESPERADO REENCONTRO, MORADA DOS ACADÊMICOS.

MILTON ZILLER 145

INCONGRUÊNCIAS -II, PENSÃO ALIMENTÍCIA BENARES, POLÍTICA, FUTEBOL, A DESEDUCAÇÃO, O TRABALHO INFANTO-JUVENIL, O TRABALHO DO HOMEM, A COLHEITADEIRA, O MILHARAL DE CAMPOS VERDES.

PLÍNIO TOMAZ 163

ALEGRIA DO MAL, GUENTHER BERNERT E A RAINHA DA SUÉCIA, CLUBE RECREATIVO DE GUARULHOS, A MACUMBA FUNCIONOU, A FLATULÊNCIA DO TRIANO, A ÚLTIMA FESTA DO POMPÊO, ARCHITETO COM CH, AS QUATRO BOMBAS, HERALDO EVANS E O CONSELHO DELIBERATIVO DO SAAE, MORTO NA CAIXA D'ÁGUA, FRANCISCO NEGRÃO, O FOGACHO DO MARTELO, NEUSA E O COCÓ, DR. ZAPPA, OUTRA DO DR. ZAPPA, CABOCLO CHUPADOR, MISTÉRIOS DE ELÉUSIS, OS MISTÉRIOS DE DELFOS, INTUIÇÃO.

VALDIR CARLETO..... 199

MEU DISCURSO DE POSSE NA AGL, RESPEITAR AS FASES DA VIDA, EXEMPLO DE PARTICIPAÇÃO, A MÚSICA EM NOSSAS VIDAS, O ESPERTO E O OTÁRIO, EXTERMINADORES DO FUTURO; E AGORA, EM QUEM VOTAR?

ÍNDICE REMISSIVO..... 213

DIRETORIA..... 215

DIRETORIA 2004 / 2006

PRESIDENTE: Armando Atílio Colacioppo Sobrinho

VICE-PRESIDENTE: Gasparino José Romão

SECRETÁRIO GERAL: Plínio Tomaz

1º SECRETÁRIO: Espedito Pinheiro de Souza

2º SECRETÁRIO: Alfredo Ibrahim Khouri

TESOUREIRO GERAL: Lineu Roque Aceiro

1º TESOUREIRO: Clarimundo Aguiar

2º TESOUREIRO: Clovis Domingues

CONSELHO FISCAL: Bismael Batista de Moraes,

João Ranali e Milton Ziller

as letras pátrias a que abraçamos e, isto torna, ainda, maior o ânimo para a luta e para a projeção das idéias que nos tornam sempre moços, apesar da idade que aumenta e nem sentimos passar.

É por isso que repetimos, como pensamento, a frase do saudoso e inesquecível Laerte: "Na Academia existe Vida", vida que se renova em nossa alma.

A. Colacioppo